PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CIBELE BEIRITH FIGUEIREDO FREITAS

O ACERVO DE JOÃO OTÁVIO NOGUEIRA LEIRIA

Porto Alegre

2009

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

CIBELE BEIRITH FIGUEIREDO FREITAS

O ACERVO DE JOÃO OTÁVIO NOGUEIRA LEIRIA

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dr. Maria Eunice Moreira

Porto Alegre

2009

CIBELE BEIRITH FIGUEIREDO FREITAS

O ACERVO DE JOÃO OTÁVIO NOGUEIRA LEIRIA

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dr. Maria Eunice Moreira – PUCRS

_____

Profa. Dr. Márcia Helena Saldanha Barbosa – UPF

_____

Profa. Dr. Alice Therezinha Campos Moreira – PUCRS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me possibilitado chegar até aqui. Agradeço também aos meus pais, Ingrid e Walter. Mesmo estando longe, sempre acreditaram no meu trabalho e desde o início apoiaram a minha escolha. A eles, meu especial muito obrigada!

À Profa. Dr. Maria Eunice Moreira, orientadora desta dissertação, pela leitura cuidadosa, sabedoria, compreensão e, acima de tudo, pelas palavras de carinho e incentivo que sempre proferiu durante a minha trajetória acadêmica.

Ao Carlos, amigo e companheiro de todas as horas: pela paciência e carinho com que acompanhou comigo o feitio deste trabalho.

Ao meu irmão, Walter, e a minha cunhada, Simone, que foram meus grandes entusiastas. Apesar da distância, sempre me incentivaram e me fizeram acreditar que tudo daria certo.

Às minhas queridas e admiradas tias Ângela e Alessandra, professoras, pelo incentivo e pela leitura final desse trabalho. A elas, meus sinceros agradecimentos e a minha eterna gratidão.

Às colegas de Mestrado que, ao longo do convívio se tornaram amigas queridas. Nossas risadas, brincadeiras e trocas de ideias foram fundamentais para a concretização desta etapa.

Ao Senhor Reinaldo Barradas Leiria, pela entrevista concedida e pela disponibilidade que sempre demonstrou para falar de seu pai, João Otávio Nogueira Leiria. Ter contato com ele foi um privilégio e uma emoção, pois me aproximou ainda mais do escritor.

À professora Alice e à professora Márcia Helena, por terem aceito, tão gentilmente, realizar a leitura desta pesquisa e fazer parte da banca examinadora.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, que contribuíram de forma significativa para o meu enriquecimento enquanto profissional da área da educação.

Às secretárias do Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS, Mara e Isabel, que mesmo diante do acúmulo de atividades, me ajudaram a efetivar as tarefas ligadas à instituição. Agradeço também à Débora, técnica em memória literária, pelo bom humor, cordialidade e disponibilidade com que me auxiliou na organização do material, digitalizando muitos documentos para a concretização deste trabalho.

À CAPES, pela bolsa de apoio que possibilitou o andamento das minhas pesquisas e ao aporte institucional oferecido pela PUCRS.

Agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, incentivaram e vivenciaram a construção desta dissertação de Mestrado, emitindo palavras de apoio e carinho.

Poesia

Tu me levaste às solitárias cismas,
delas me deste o abismal sentido,
o gosto e o vício emocionais de estar
sempre comigo e a mim mesmo entregue.

Tudo insinuas, conselheira e serva!...
Se a vida, às vezes, me tem sido amarga,
não mudo, entanto, nos tranquilos dias.
Prazer e pena por mim passam como
a bomba filtra a “missioneira” mansa
ou a “causa” que de fel se embebe.

Nunca me falte o teu convívio amigo,
amante rara, de insidiosos jeitos.
Dás-me da vida o sentimento eterno,
a cada instante que contigo trazes
o esquivo dom que me consola tanto.

João Otávio Nogueira Leiria

RESUMO

O presente estudo busca descrever o material que compõe o Acervo João Otávio Nogueira Leiria, dividido em quatro classes: “Comprovantes de edição”, “Publicações na imprensa”, “Correspondência” e “Fortuna crítica”, com o objetivo de traçar o perfil do homem, poeta e jornalista João Otávio Nogueira Leiria, resgatando a memória, socializando e difundindo o conhecimento sobre aspectos históricos, sociais e culturais do Estado do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave:

acervo – literatura – memória

ABSTRACT

This study intends to describe the material that composes the João Otávio Nogueira Leiria's collection catalog, divided in four classes, which are: "Edition's receipts", "Publications in the press", "Correspondence" and "Critical Fortune", with the objective of drawing the profile of the man, writer and the journalist João Otávio Nogueira Leiria, rescuing the memory and spreading the knowledge about historical, social and cultural aspects of the Rio Grande do Sul's State.

Keywords:

collection catalog – literature – memory

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

1 JOÃO OTÁVIO NOGUEIRA LEIRIA: VIDA E OBRA 18

2 O ACERVO DO ESCRITOR..... 40
2. 1 COMPROVANTES DE EDIÇÃO..... 40
2. 1. 1 *Campos de areia:* poesia crioula..... 40
2. 1. 2 *Rincões perdidos:* poesias..... 44
2. 2 PUBLICAÇÕES NA IMPRENSA..... 51
2. 2. 1 Escritores e obras..... 51
2. 2. 2 Memórias e recordações..... 65
2. 3 CORRESPONDÊNCIA..... 74
2. 3. 1 Cyro Martins..... 75
2. 3. 2 Manoelito de Ornellas..... 81
2. 3. 3 José de Figueiredo Pinto..... 83
2. 3. 4 José Salgado Martins..... 85
2. 3. 5 Pedro Vergara..... 86
2. 3. 6 Ari Martins..... 90
2. 3. 7 Romagueira de Oliveira..... 92
2. 3. 8 Marieta Menna Barreto da Costa..... 94
2. 3. 9 Carlos Macedo Reverbel..... 96
2. 3. 10 Walter Spalding..... 98
2. 4 FORTUNA CRÍTICA..... 99
2. 4. 1 *Correio do Povo*..... 99
2. 4. 2 *Diário de Notícias*..... 111
2. 4. 3 *Revista do Globo*..... 115
2. 4. 4. *Boletim de Ariel*..... 116

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 119

REFERÊNCIAS..... 124

ANEXOS..... 189
ANEXO A – CRONOGRAMA DA VIDA E DA OBRA DE JOÃO OTÁVIO NOGUEIRA LEIRIA..... 130
ANEXO B – COMPROVANTES DE EDIÇÃO..... 133
ANEXO C – PUBLICAÇÕES NA IMPRENSA..... 135
ANEXO D – CORRESPONDÊNCIA..... 136
ANEXO E – FORTUNA CRÍTICA..... 139

***CURRICULUM VITAE*..... 140**

INTRODUÇÃO

A palavra *acervo,* de etimologia latina, *acervus,* tem como significado, segundo Antônio Houaiss[1], "grande quantidade, acumulação (de velharias), conjunto de bens que integram o patrimônio de um indivíduo, de uma instituição (de um museu, artístico e moral de uma nação)". De simples depósitos, os acervos passaram hoje a desfrutar de novos conceitos e, principalmente, transformaram-se em espaço de pesquisa.

Os documentos reunidos em um acervo constituem, geralmente, fontes primárias que transmitem informações sobre o autor e o seu contexto histórico e cultural. Dessa forma, cabe ao pesquisador observar os materiais desorganizados, reordená-los e interpretá-los, buscando dar uma nova significação ao conjunto.

O estudo das fontes permite também, através do entrecruzamento dos documentos literários e extraliterários, recuperar o perfil do autor, tanto pessoal quanto literário, contribuindo para preencher a lacuna sobre os estudos de História da Literatura, uma vez que os arquivos são fontes fecundas de conhecimento e de cultura.

Nesse espaço de produção de novas linguagens, os escritos que compõem o espólio apontam, portanto, pistas para a compreensão dos caminhos percorridos pelo escritor. Para Maria Zilda Ferreira Cury, um espólio literário permite

> adentrar na pessoalidade do escritor, na forma como ele organizou sua biblioteca, nos objetos que conservou, nos bilhetes de teatro que guardou e que nunca são mudos para o olhar atento que os escolhe relaciona. Fazer falar as fontes é voltar o olhar para as ruas da cidade em cujos calçamentos ainda ressoam os passos de escritores e intelectuais e os seus sonhos de mudança. [...] É de

[1] HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

> novo ouvir o aplauso do público ou acompanhar pela imprensa o percurso de determinada palavra. [2]

Dar luminosidade aos estudos dos arquivos literários é reconstruir pedaços da memória, fragmentos de uma totalidade, apresentando um novo ponto de vista a ser considerado pela História da Literatura, através do resgate de escritores que ficaram à sombra do cânone, conforme afirma Cury:

> Trabalho em arquivo: trabalho com recortes, que também dá importância ao *pano de fundo,* ao *derredor.* Marcar encontro com o material dos arquivos é focalizar, de certo modo, os pequenos momentos muitas vezes desprezados pela historiografia literária, interessada privilegiadamente nos grandes recortes. [3]

Com a preocupação de preservar e recuperar parte significativa da cultura do Estado do Rio Grande do Sul, a PUCRS inaugurou, no dia 9 de agosto de 2008, o DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural, que reúne vinte e nove acervos de grandes personalidades, tais como escritores, poetas, críticos, linguistas, artistas plásticos, jornalistas, historiadores e arquitetos. Compõem o DELFOS os acervos de Celso Pedro Luft, Cyro Martins, Dyonélio Machado, Eduardo Guimaraens, Irmão Elvo Clemente, Francisco Fernandes, Henrique Padjem, Júlio H. Petersen, Lara de Lemos, Lila Ripoll, Luiz Antonio de Assis Brasil, Manoelito de Ornellas, Moacyr Scliar, Moysés Vellinho, Oscar Bertholdo, Oswaldo Goidanich, Patrícia Bins, Paulo Hecker Filho, Paulo Fontoura Gastal, Pedro Geraldo Escosteguy, Reynaldo Moura, Roberto Eduardo Xavier, Theo Wiederspahn, Zeferino Brazil, José Honório Rodrigues, pertencentes às diversas áreas do conhecimento: Letras, Comunicação Social, Filosofia e Ciências Humanas e Arquitetura. Há ainda o Acervo Fotográfico da *Revista do Globo*, a Coleção de Cartilhas, Seletas e outros materiais de leitura, e os Manuscritos da Coleção de Angelis.[4]

Com o objetivo de resguardar e conservar esses conjuntos, a PUCRS dispõe, em espaço que ocupa 800m², no prédio da Biblioteca Central dessa Universidade, as mais modernas tecnologias, com temperatura adequada e ambientação

---

[2] CURY, Maria Zilda Ferreira. A pesquisa em acervos e o remanejamento da crítica. In: SOUSA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Org). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 90.
[3] CURY, Maria Zilda Ferreira. A pesquisa em acervos e o remanejamento da crítica. In: SOUSA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Org). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 87.
[4] Os Manuscritos da Coleção de Angelis constituem a mais completa coleção de documentos sobre o Brasil Colonial e sobre o complexo das Reduções Jesuíticas, bem como a maior parte da documentação sobre os indígenas Guarani.

climatizada. Para cada um dos acervos são disponibilizados pesquisadores de Iniciação Científica que trabalham na higienização, acondicionamento e preparo dos dados para tratamento técnico, supervisionados pela Coordenadora Executiva do DELFOS, Professora Alice Therezinha Campos Moreira. Para facilitar o acesso e a localização, os documentos são catalogados no sistema Aleph, que possibilita ao pesquisador a identificação mais rápida do material desejado, disponibilizado no espaço virtual, através do catálogo *on-line* do DELFOS.[5]

Foi com a finalidade de preservar a memória de seu pai e, ao mesmo tempo, contribuir para o maior conhecimento da cultura do Rio Grande do Sul, que, no primeiro semestre de 2008, a família do escritor João Otávio Nogueira Leiria, representada pelo filho do poeta, Reinaldo Barradas Leiria, procurou a Faculdade de Letras da PUCRS para transferir o acervo do escritor, que estava depositado na sua casa, localizada em Porto Alegre para o recém inaugurado DELFOS.

Após alguns encontros com os membros da Comissão Executiva do DELFOS e da direção da Faculdade de Letras da PUCRS, no dia 5 de junho de 2008, data em que João Otávio Nogueira Leiria completaria cem anos de vida, ocorreu a cerimônia de doação oficial do acervo do poeta à PUCRS, na qual estiveram presentes os seus filhos Luiz Carlos Barradas Leiria, Maria Leta Barradas Leiria, Paulo Roberto Barradas Leiria e Reinaldo Barradas Leiria.

A cerimônia do termo de doação transcorreu no Salão Nobre da Reitoria, situado no sexto andar do prédio um, do Campus Universitário da PUCRS, na Avenida Ipiranga, número 6681, conforme o registro:

> O acervo literário do escritor João Otávio Nogueira Leiria foi entregue por sua família à PUCRS nesta quinta-feira, 5 de junho, data em que ele estaria completando 100 anos de idade. Seus filhos, que compareceram à cerimônia de doação, ocorrida na Reitoria, enfatizaram a versatilidade do autor, pertencente a uma geração integrada entre outros por Aureliano de Figueiredo Pinto, Cyro Martins, Lila Ripoll e Mário Quintana, cuja obra transitou pelo Jornalismo e pela Literatura, além do Direito.[6]

---

[5] O catálogo *on-line* do DELFOS está disponível e pode ser acessado no seguinte endereço: <http://verum.pucrs.br/F/2GLJHU73QSCYPKSIYXJX9JLIR1NNELATB673QB5ITBDHLNHKYH-34120?func=find-b-0&local_base=puc02>.

[6] PUCRS recebe o acervo de Nogueira Leiria. *Revista Pucrs Informação,* Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica no Rio Grande do Sul, julho – agosto, 2008.

Nessa solenidade, os filhos do poeta foram recepcionados pelo Reitor da Universidade, Irmão Joaquim Clotet, pelos responsáveis pelo DELFOS, Professor Luiz Antonio de Assis Brasil, Coordenador Geral, e Professora Alice Therezinha Campos Moreira, Coordenadora Executiva do DELFOS, pelos membros da Administração Superior da PUCRS e representantes da comunidade acadêmica. Após o acolhimento oficial dos convidados, o Reitor expressou a sua satisfação em receber o Acervo de João Otávio Nogueira Leiria na PUCRS. Os professores Luiz Antonio de Assis Brasil e Maria Eunice Moreira, atual Diretora da Faculdade de Letras, teceram comentários sobre a obra e a tradução do escritor sulino, conforme o registro seguinte:

> Segundo o coordenador do DELFOS, professor Luiz Antonio de Assis Brasil, Leiria é o autor da melhor tradução do poema épico *Martín Fierro*, de José Hernández, para o português. A diretora da Faculdade de Letras, Maria Eunice Moreira, lembra que a qualidade desse trabalho está relacionada à inserção do autor ao meio regionalista. Ele nasceu em São Francisco de Assis, na Região da Campanha.[7]

O acervo recebido pela PUCRS, mediante termo assinado pelos filhos do escritor, inclui a biblioteca particular de Nogueira Leiria, composta por duzentos e noventa e um livros de vários gêneros e autores. Dentre eles, destaca-se a coleção Machado de Assis, com vinte e nove volumes, bem como outros clássicos da literatura universal. Há também o predomínio de obras de vários autores gaúchos, tais como Alcides Maya, Augusto Meyer, Aureliano de Figueiredo Pinto, Cyro Martins, Erico Verissimo, João Simões Lopes Neto, Lila Ripoll, Manoelito de Ornellas, Mário Quintana, Paulo Hecker Filho, Raul Bopp, Reynaldo Moura, Walter Spalding, Zeferino Brasil.

Além da biblioteca, foram doados também objetos pessoais, como a máquina de escrever Royal. Nela, o autor (que escrevia a primeira versão a mão) passava a limpo os seus textos literários e jornalísticos. Há ainda originais de artigos e poemas publicados no *Correio do Povo,* de Porto Alegre, e em outros órgãos de imprensa. Dentre esses documentos, destacam-se ainda originais das suas obras publicadas,

[7] PUCRS recebe o acervo de Nogueira Leiria. *Revista Pucrs Informação,* Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica no Rio Grande do Sul, julho – agosto, 2008.

originais inéditos, como *Carreteada farrapa,* e os originais da tradução da obra de José Hernandes, *Martin Fierro* (que compõe um maço de cerca de quatrocentos e setenta e quatro folhas*).* Encontram-se no acervo manuscritos e datiloscritos de contos, artigos e poemas de outras personalidades da época, como Aureliano de Figueiredo Pinto, Vargas Neto, Pedro Vergara, Mário Totta, Telmo Freitas, Roberto Mara, Júlio Sérgio de Castro, Adel Carvalho, totalizando duzentos e cinquenta e três documentos dessa natureza.

Recortes de artigos publicados na imprensa, a maioria no *Correio do Povo*, de autoria do poeta, integram o acervo em número de sessenta e oito textos, bem como artigos publicados por outros autores sobre a temática regionalista, sendo que vinte deles tratam da avaliação das obras *Campos de areia* e *Rincões perdidos.* Compõem também o acervo documentos pessoais do autor, tais como o cartão de identificação do contribuinte, sua carteira do sindicato dos jornalistas de Porto Alegre, certificado de reservista do Exército, título de eleitor, carteira da OAB e certidão do tempo de serviço público.

Como Nogueira Leiria exerceu atividade de Procurador Fiscal do Estado, muitos trabalhos jurídicos também fazem parte do acervo. A esses documentos, cerca de noventa unidades dessa espécie, acrescentam-se as certidões do cargo de Procurador Fiscal do Estado e de substituição do Diretor da Procuradoria Fiscal do Estado, ofícios de diversas naturezas, como o que o nomeia embaixador no Brasil e em Montevidéu, diversas portarias oficiais, convocações para efetuar cobranças, comunicado do período de férias, relatório de aposentadoria. Além desses, há panfletos, como, por exemplo, da candidatura de João Otávio a Deputado Estadual.

Acrescentam-se ainda originais de correspondências ativas e passivas, ou seja, correspondências por ele enviadas e recebidas, em um total de cento e vinte e cinco originais, que apresentam as principais relações pessoais e profissionais que o poeta manteve ao longo da vida, além de trinta e sete fotografias que mostram muitos momentos da existência de Nogueira Leiria.

Esse conjunto, incorporado ao DELFOS, foi tombado[8], em livro especial, pela autora desta dissertação e catalogado no Sistema Aleph[9], constituindo o Acervo João Otávio Nogueira Leiria. O tombamento permite relacionar, portanto, um total de mil e sessenta e sete itens que perfazem o acervo literário do escritor e que podem ser distribuídos em quatro categorias, assim discriminadas:

1. Comprovantes de edição – abrange os livros de autoria de João Otávio. Geralmente fazem parte dessa categoria os primeiros livros publicados pela editora e enviados ao escritor ou a sua família. Além de comprovar a existência da edição, essa categoria permite apresentar dados sobre o número de edições, bem como as características físicas (como o número de páginas, o nome do ilustrador, dedicatórias) e a temática predominante em cada uma das obras.

2. Publicações na imprensa – composta por recortes de artigos publicados pelo escritor em jornais e revistas. Esses documentos, deixados por João Otávio em seu espólio, tratam, dentre outros assuntos, das memórias do poeta, expondo os momentos que marcaram a vida, das suas relações no meio social e cultural, ligados aos principais acontecimentos da época em que foram publicados.

3. Correspondência – constituída, na sua maioria, pelas cartas, pode ainda ser composta por cartões e telegramas, recebidos pelo poeta ou por ele enviados. Esses papéis evidenciam as relações afetivas e profissionais do escritor, tendo no Acervo de João Otávio cento e vinte e cinco documentos dessa categoria.

4. Fortuna crítica – inclui os textos (acadêmicos ou comerciais) reproduzidos em periódicos escritos pela crítica, ou por casas editoriais, sobre as obras publicadas de Nogueira Leiria. A fortuna crítica do escritor é formada pelos

[8] O tombamento consiste no levantamento de todo o material que constitui o acervo do escritor com vistas a registrar e inventariar as características de tais documentos que constituem a garantia da continuidade da memória.

[9] A catalogação caracteriza-se pela descrição detalhada dos materiais existentes no acervo. Com o uso do Sistema Aleph, todos os dados são armazenados a partir do preenchimento dos campos existentes na base de dados do programa, que permite que o pesquisador tenha a liberdade de catalogar todos os tipos de material. Após feita essa catalogação, todos esses materiais estarão disponibilizados na internet.

comprovantes que dizem respeito às avaliações e à divulgação das obras do poeta, com a função de apresentar um exame crítico das mesmas.

Esta dissertação de Mestrado origina-se do Acervo de João Otávio Nogueira Leiria[10], visando à descrição desses itens, especialmente as quatro categorias acima relacionadas, de maneira que elas revelem as principais características do poeta, jornalista e homem João Otávio Nogueira Leiria.

Com esse objetivo, o trabalho apresenta uma introdução, dois capítulos, seguido das considerações finais. O capítulo um, intitulado "João Otávio Nogueira Leiria: vida e obra", apresenta os principais momentos da vida do poeta, advogado, jornalista e escritor, tratando ainda da apresentação das produções artísticas do mesmo. A construção desse capítulo baseia-se em entrevista concedida pelo filho do poeta, Reinaldo Barradas Leiria, a esta pesquisadora. Além da história de vida, nesse capítulo constam fotografias[11] que retratam alguns dos principais momentos da trajetória de Nogueira Leiria.

O capítulo dois, denominado "O acervo do escritor", descreve os documentos que constituem o Acervo de Nogueira Leiria. Esse capítulo apresentar-se em quatro partes: a primeira, "Comprovantes de edição", descreverá as principais características das obras do escritor, *Campos de areia* e *Rincões perdidos;* a segunda, "Publicações na imprensa", apresenta os principais temas dos artigos de João Otávio publicados no *Correio do Povo*, ligados à literatura e às suas memórias; a terceira, "Correspondência", reunirá as cartas recebidas pelo poeta de amigos e escritores, iniciando pelas numericamente mais expressivas, escritas por Cyro Martins, Manoelito de Ornellas, José de Figueiredo Pinto, Salgado Martins, Pedro Vergara, Ari Martins, Romagueira de Oliveira, Marieta Menna Barreto Costa, incluindo também as cartas de Carlos Macedo Reverbel e Walter Spalding; a quarta, "Fortuna crítica", exibirá os textos críticos escritos sobre as obras do poeta,

[10] Para a escolha dos materiais, buscar-se-á contemplar o que há de mais representativo dentro das classificações do Acervo Literário de Nogueira Leiria, que servirão de suporte para o trabalho. Devido a grande quantidade e diversidade de materiais que formam o legado do poeta, e a extensão de tal estudo, será necessário fazer algumas escolhas. Como há um número bastante expressivo de documentos manuscritos, bem como materiais jurídicos, optou-se por não incluir essas categorias, uma vez que possibilitam um estudo à parte.

[11] As fotografias apresentadas no primeiro capítulo desse trabalho foram retiradas do espólio do escritor, compondo parte do Acervo de João Otávio Nogueira Leiria.

publicados nos jornais *Correio do Povo, Diário de Notícias* (Porto Alegre)*, Revista do Globo* (Porto Alegre) e *Boletim de Ariel* (Rio de Janeiro).

As Considerações Finais, formadas a partir da descrição dos documentos que compõem o Acervo de João Otávio Nogueira Leiria, sintetizam a trajetória de vida e retomam as principais ideias da produção intelectual do autor.

Os Anexos, ao final do trabalho, relacionam alguns exemplos de documentos que ilustram cada uma das quatro categorias descritas e elencadas a partir do acervo do escritor sulino João Otávio Nogueira Leiria: “Comprovantes de edição, “Publicações na imprensa”, “Correspondências” e “Fortuna crítica”.

Para melhor orientar a leitura, nas citações de documentos oriundos do acervo do poeta referenciar-se-á o número tombo dos documentos consultados. Convenciona-se que o nome do Acervo João Otávio Nogueira Leiria identifica-se no trabalho pela sigla AJNL e o número de tombamento, pela sigla T. Por exemplo, AJNLT545, em que AJNL corresponde a Acervo João Otávio Nogueira Leiria e T545, ao número do tombamento.

As referências, ao final do trabalho, relacionam os títulos teóricos utilizados para fundamentar esse trabalho, bem como os títulos dos periódicos, das obras consultadas e das produções referenciadas no corpo do trabalho.

1 JOÃO OTÁVIO NOGUEIRA LEIRIA: VIDA E OBRA

João Otávio Nogueira Leiria nasceu no espaço peculiar da Campanha rio-grandense, mais precisamente na cidade de São Francisco de Assis, na região Centro-Oeste do Rio Grande do Sul. O Poeta, como era denominado pelos amigos, fez da literatura um meio de conhecimento e de transmissão da cultura de seu Estado.

Descrever a sua trajetória de vida e o seu trabalho intelectual é tratar de dois caminhos que se encontram, pois um é complemento do outro, como se pode verificar nos versos de “Poesia”, em que o escritor explora a interioridade através do fazer poético:

> Tu me levaste às solitárias cismas,
> delas me deste o abismal sentido,
> o gosto e o vício emocionais de estar
> sempre comigo e a mim mesmo entregue.
>
> [...]
>
> Nunca me falte o teu convívio amigo,
> amante rara, de insidiosos jeitos.
> Dás-me da vida o sentimento eterno,
> a cada instante que contigo trazes
> o esquivo dom que me consola tanto.
> (Leiria, 1968: 128)

Nogueira Leiria nasceu no dia 5 de junho de 1908, filho do casal Lodônio Nogueira Leiria e Isolete Nogueira Leiria, mais conhecida como Leta, descendente de uma família tradicional de estancieiros. Com eles, viveu no espaço rural de São Francisco de Assis, em meio à natureza, aos animais e aos costumes do homem do campo, sendo um dos únicos membros da família a expressar essas peculiaridades através da literatura, como escreveu em “Canção da terra e do ideal”, que retrata as especificidades do relevo e da ambientação campeira:

Tem minha alma a imagem desta terra,
traz ela bem a marca do meu povo,
pois, se a quietude da planície encerra,
sei que o minuano em meus nervos erra
e me sacode como a um tronco novo.

Amo o sol que incendeia estas coxilhas,
a claridade do rio natal,
que beija areias e contorna as ilhas.

[...]
(Leiria, 1968: 84)

Desde muito cedo, conheceu as tristezas e as amarguras da vida. Ainda pequeno, foi afastado da mãe, que sofria de tuberculose. Naquela época, não havia cura para tal enfermidade, pois os antibióticos para combatê-la foram aparecer mais tarde. Assim, com apenas cinco anos de idade, já padecendo com a separação devido ao isolamento materno, sofreu a perda da mãe, fato esse que o marcou durante toda a sua trajetória. Em “Saudade”, o poeta canta a figura materna:

Era o apelo do meu próprio sangue!...
[...]

Ela propiciou-me tudo, enquanto pude desejá-la,
num carinho espontâneo
de água clara...

E eu a desprendia dos meus braços
Para o gosto amargo desta ausência.

[...]
(Leiria, 1932: 65)

Em consequência dessa perda, o menino foi criado pelo pai, seu companheiro, e pelas tias maternas. No meio familiar, em que era chamado de João Otávio, ou simplesmente de Tavico, foi muito bem cuidado, sempre rodeado pelas tias e pelos primos, seus grandes amigos ao longo da sua existência.

Vivendo no meio campeiro, Nogueira Leiria tinha como principal brinquedo os ossos do gado, com os quais despertava a sua imaginação e fazia uma espécie de mangueira, brincadeira denominada “gado de osso”. Foi nesse tempo também que

aprendeu as primeiras letras, com uma de suas tias, Emília Mello Leiria, a tia Miloca, sendo ela a alfabetizadora de muitas outras crianças da família Leiria.

Seu pai, que era estancieiro, tinha como principal fonte de sustento a venda do gado, conduzindo a tropa em marcha aos arredores da fazenda, as chamadas “tropeadas”. Na lide campeira, algumas vezes contava com a companhia de João Otávio, que ainda pequeno, assistia a tudo, representando mais tarde essa cena no poema “A tropa”:

> “Venha... Venha, boi...
> Minha toada de tropeiro
> foi meu pai que me ensinou:
> – ”Venha, boi... Venha, bô... ôo... ôo...”
>
> Minha toada de tropeiro
> foi de berço que aprendi.
> Enquanto meu pai tropeava,
> de minha mãe foi que eu a ouvi.
>
> Volta o tropeiro à querência,
> e a tropa não volta mais.
> – “Venha... Venha, boi...”
>
> Mas, entre a deixar aos poucos,
> e a perder de uma só vez,
> são destinos quase iguais
> que irmanam homem e rês.
>
> – “Venha... Venha, boi...”
>
> A voz repete, dolente,
> enquanto os outros repontam
> a boiada mansamente...
> (Leiria, 1968: 101)

Nessa época, com a renda da venda das reses, seu pai comprou um carro, talvez um dos primeiros automóveis da época, um Ford modelo A, no qual viajavam, principalmente na época de férias escolares. Assim, o pequeno menino já podia perceber que havia um mundo fora da fazenda, locais que desde então passou a conhecer, como Santiago, RS, e São Borja, RS.

Em uma dessas viagens, com parada em São Borja, seu pai conheceu a viúva Guiomar Fabrício Laranja (que já possuía cinco filhos), com quem viria se

casar. Dessa união, nasceram mais dois filhos: Antônio José Fabrício Leiria e Júlia Fabrício Leiria.

Mais tarde, aos onze anos de idade, João Otávio deixou os pagos, a querência tão amada, repleto de afetos e de lembranças, alegrias e tristezas, indo para Porto Alegre estudar, sendo esse o primeiro grande afastamento da família. O tempo corria, trazendo as mudanças do novo cenário que lhe era apresentado. Agora, a criança assisense, dos campos de areia, transformava-se em um adolescente, com angústias e incertezas na busca de afirmar a sua identidade.

João Otávio Nogueira Leiria na adolescência (AJNLT565)

Na Capital, frequentou o chamado Ginásio, no Colégio Júlio de Castilhos, passando a morar com a tia materna mais velha, Izolina Nogueira Leiria, considerada por seu pai uma pessoa de muita confiança. Izolina era muito cuidadosa e enérgica, exercendo forte autoridade sobre os mais jovens, – que inclusive a apelidaram de “Generala”. Nessa etapa, ele conviveu com os primos mais velhos, dentre eles Euclides Nogueira Moreira (Quido) e Eurico Nogueira Moreira, seus grandes amigos, com os quais aprendeu os costumes da cidade, diferentes

das coxilhas. Segundo Nogueira Leiria, a casa da tia era um local agradável e movimentado:

> vivíamos numa casa alegre. Todos da mesma cria e longe da querência, éramos, todos, como irmãos. A idade não fazia diferença e éramos mais agarrados, uns com os outros, do que uma tropa de tordilho. Mate correndo nas horas de folga; auxílio recíproco nos estudos; acalouradas discussões sobre o português; diversões e passeios em comum; absoluta solidariedade em tudo, essa era a nossa vida, numa casa em que chegamos a ser mais de doze, sob o comando de nossa saudosa tia.[12] (AJNLT752)

No período de férias, sempre voltava a sua cidade natal, São Francisco de Assis, onde revia os parentes e amigos, e matava a saudade da natureza, dos rios, dos animais. A cena da chegada, em que o tio Adão buscava-o, pode ser ilustrada pelo soneto I, do poema “Canto do Ibicuí”:

> Ponho os olhos na linha do horizonte,
> e, aos poucos, se desenha o Ibicuí...
> Deixo o trem na estação,que fica em fronte
> da estrada para a terra onde nasci.
>
> Antes, porém, que a diligência aponte,
> do outro lado diviso o Batovi.
> E vou contando, assim, monte por monte:
> O Cerro dos Lasões... O Inhacambuí...
>
> A paisagem natal, entresonhada,
> Me transporta aos meus tempos de guri...
> Chego ao passo, com a barca ali atracada.
>
> E “tio” Adão, com a voz que sempre ouvi,
> aponta-me, de bordo, a mão alçada:
> – “O moço tem passagem livre, aqui...””
> (Leiria, 1968: 56)

Anos mais tarde, aproximadamente no final dos anos de 1920 e início de 1930 do século passado, Nogueira Leiria mudou-se para uma pensão. Nesse período, terminou os seus estudos ginasiais e o pré-jurídico, denominados nos dias de hoje Ensino Fundamental e Ensino Médio.

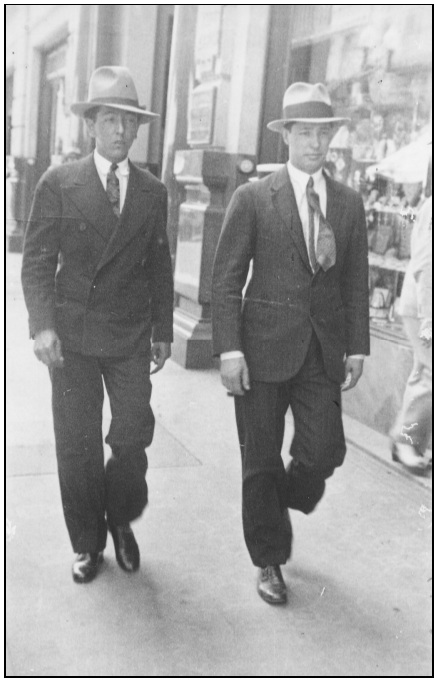
[12] Datiloscrito pertencente ao Acervo de João Otávio Nogueira Leiria, integrado ao DELFOS, da PUCRS.

João Otávio na juventude (AJNLT564)

O moço solitário crescia e despedia-se do mundo de criança, compreendendo que agora estava na fase adulta. Era um homem feito, mas as recordações daquele espaço mitificado sempre habitaram as suas lembranças, características que podem ser ilustradas pelos versos do soneto II, do poema “Canto do Ibicuí”:

> Depois da diligência, veio o “ford”.
> e, como o tempo tudo foi mudando,
> eu minha adolescência fui deixando,
> sem saber se essa mudança era melhor.
>
> Chegou a mocidade, com seu bando
> de sonhos e ilusão... Mas eu, de cor
> sempre trazia estes caminhos, quando
> a saudade do pago era maior.
>
> E assim os anos foram vindo, até
> chegar a idade madura da fé,
> que, com amor, na vida construí:
>
> – Onde quer que me encontre, sempre atino
> com as Missões Orientais do meu destino,
> conformadas à linha do Ibicuí!...
> (Leiria, 1968: 57)

Nessa época, passou a conviver com outros estudantes, jovens moradores das pensões. Foi então que conheceu Cyro Martins, Aureliano de Figueiredo Pinto, Mário Martins, José Salgado Martins, Alberto Severo, Manoelito de Ornellas, Lila Ripoll, com os quais manteve amizade, fazendo parte da geração romântica dos jovens poetas e escritores, muitos deles também moradores dos pequenos hotéis. Dentre esses, destaca-se o escritor Cyro Martins, com quem manteve fortes laços de amizade ao longo de toda a sua vida.



Nogueira Leiria com o amigo Cyro Martins, em Porto Alegre
(AJNLT563)

Devido a economia do Estado estar baseada na pecuária e na agricultura, a poesia regional respondia ao desafio desse meio. Os poetas sentiam-se atraídos pela temática campeira, ligada ao amor da terra, convictos de que a literatura nasce do local que o homem habita.

Com esse pensamento, no ano de 1932, aos vinte e quatro anos de idade, João Otávio Nogueira Leiria publicou o seu primeiro livro, *Campos de areia.*[13] Dono de uma imensa sensibilidade e marcado pela vivência no campo, o poeta retrata essa realidade, valorizada pelo gaúcho que se identifica com a terra e divide o seu

[13] LEIRIA, João Otávio Nogueira. *Campos de areia:* poemas gaúchos. Porto Alegre: Globo, 1932.

tempo entre a lide pastoril e a guerra. Há uma espécie de denúncia do atual momento vivido pelo escritor, no qual se estabelece um contraponto entre a Campanha, idealizada pelo gaúcho – com os seus costumes e tradições –, e a desocupação desse espaço, em decorrência da crise econômica, que provoca a saída do homem. Na obra em questão, há uma crítica expressa pela voz do eu lírico ao abandono do espaço rural, local de suas lembranças de infância.

Além disso, percebe-se que Nogueira Leiria tem o domínio do linguajar tradicional gaúcho, constituído pela integração inicial dos espanhóis, portugueses e indígenas, resultando em uma linguagem híbrida, carregada de vocábulos e expressões utilizadas na região da fronteira com o Uruguai.

Editado pela Livraria do Globo, *Campos de areia* teve uma boa repercussão, como se pode comprovar pelo artigo, escrito por Dante de Laytano, datado de 10 de julho de 1932, intitulado "Vida literária: o movimento intelectual e a Livraria do Globo", que faz referência à obra então recém lançada:

> Edita, em seguida, o Globo um livro de Paulo Corrêa Lopes, a sensibilidade mais requintada da nossa poesia, e mais um livro de versos regionalistas dum outro grande poeta novo J. O. Nogueira Leiria: "Campos de areia". Nomes novos e novas revelações. Adquire, assim, o Globo o justíssimo título de editora dum grande período da nossa literatura.[14] (AJNL T988)

Em recorte do jornal *Correio do Povo*, não datado, pertencente ao Acervo de João Otávio Nogueira Leiria, encontrou-se uma crítica, na coluna "Especial para o "Correio do Povo"", escrita por Augusto Meyer, à obra *Campos de areia.* Nessa apreciação, intitulada *Campos de areia,* Meyer reconhece o valor da poesia de João Otávio, afirmando que, em meio à repetição, Nogueira Leiria conseguiu dar, através da sutileza e do aprimoramento dos versos, uma nova cor à temática regional gaúcha:

> Existe muita força e delicadeza na poesia de Nogueira Leiria, ela é ao mesmo tempo fina e brava.
> A primeira leitura tem o defeito de prender muito a atenção sobre a atitude temática, o que é inevitável pela curiosidade em saber de

[14] LAYTANO, Dante de. Vida literária: o movimento intelectual e a Livraria do Globo. *Correio do Povo,* Porto Alegre, 10 jul. 1932.

> que maneira o poeta, chegando com tanto atraso na cancha regionalista, evitará o repisamento.
> Mas, pensando bem, essa curiosidade, não se justifica, porque repetir os temas não quer dizer remascarar a mesma coisa. O dom lírico está na virtude de saber renovar as velhas matracas.[15] (AJNL T986)

Após essas observações, tece comentários sobre alguns poemas, como "Humildade", "Incerteza", "Serão campeiro", "Bolicho", "Ronda", "Saudade", "Noite" e encerra o texto afirmando:

> O que os outros deixaram incompleto ou esquecido, durante a viajada sem fim, vai sendo revelado pelo olhar mais prevenido que chegou depois.
> E não há nada que se compare à alegria de descobrir um poeta novo. Parece que o contato com ele é mais um motivo de afirmação para nós. Principalmente quando se apresenta, como Nogueira Leiria, voltado para uma fidelidade tenaz, tão rara nesta febre moderna das destruições.[16] (AJNL T986)

Augusto Meyer aponta para o entusiasmo com que Nogueira Leiria trata o tema do regionalismo, tão desgastado e debatido em meio às novas tendências, como um processo de renovação, enfocando as peculiaridades locais. Na época em que foi publicada a obra, teve uma boa recepção da crítica literária local, sendo aclamada pela geração romântica como uma obra-prima do regionalismo gaúcho.

Na mesma época da publicação de seu livro, entre as idas e vindas a sua cidade natal, Nogueira Leiria conheceu Marina Constança Cézar Barradas, o grande amor de sua vida, e cuja história de vida foi muito semelhante à dele. Entre eles já havia uma ligação familiar anterior. No século XIX, o pai de Marina, Manoel da Costa Barradas, juiz de Direito, fora transferido de Recife (PE) para São Francisco de Assis. Lá, casou-se com uma das tias do poeta, com quem teve cinco filhos, ficando viúvo anos mais tarde.

Posteriormente, Barradas foi novamente transferido, indo para São Borja, local em que se casou pela segunda vez, com Maria da Piedade César. Dessa união, nasceram três filhos, dentre eles, em 1908, mesmo ano do nascimento de João Otávio, Marina Constança Cézar Barradas.

---

[15] MEYER, Augusto. Campos de areia. *Correio do Povo*, Porto Alegre, [s. p.], [s. d.].
[16] Idem.

Anos mais tarde, Manoel Barradas trocou a carreira judiciária pela diplomacia, indo para Salto, no Uruguai, como cônsul do Brasil. Em seguida, foi transferido para Washington, nos Estados Unidos e, por último, para Yohokoama, no Japão. Antes de ir para o Japão, veio até o Rio de Janeiro deixar a família, que lá fixou moradia. Partiu então para o Japão, onde faleceu, vítima do terremoto de 1923.

Maria da Piedade César Barradas, mãe de Marina Barradas, ficou viúva no Rio de Janeiro, com seus três filhos, vindo, mais tarde, a morrer de câncer. Os filhos do primeiro casamento de Manoel Barradas ficaram residindo nos Estados Unidos, quando Manoel lá foi cônsul. Com a morte do pai, esses filhos não tiveram mais condições de sobreviver e voltaram para São Francisco de Assis, primeiro lugar em que moraram quando ele foi nomeado juiz. Assim, os três filhos órfãos, sozinhos no Rio de Janeiro, transferiram-se para São Francisco de Assis para viver com os irmãos mais velhos.

Foi nessa cidade que Nogueira Leiria conheceu Marina Barradas, por quem se apaixonou, noivando e casando-se, aos vinte e cinco anos, no dia 20 de outubro de 1933. Marina foi sua companheira e grande incentivadora de seus projetos. Com ela, o poeta passou toda a vida, encontrando a paz e a felicidade que tanto procurava, como expressa nos versos do poema ”Canção da terra e do ideal”:

> Mas saiba aquela de que eu fiz rainha,
> senhora e dona de afeições mais puras,
> – prenda que veio para ser só minha –
> que ela jamais há de ficar sozinha,
> pelas patrícias que me foram duras.
> (Leiria, 1968: 85)

Na mesma cidade em que se casou, São Francisco de Assis, Nogueira Leiria foi convidado, pelo então prefeito da época, João Souza de Fraga, seu amigo e marido de uma de suas primas, a exercer o cargo administrativo de Secretário do Município. Ao mesmo tempo em que ganhava o sustento da família, através do seu trabalho na Prefeitura, estudava Direito em Porto Alegre, na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo de ir frequentemente a Capital para assistir às aulas e prestar as provas.

Um ano aproximadamente depois de se casar, ocorreu uma mudança radical na vida do casal, com o nascimento, no dia 14 de outubro de 1934, da primeira filha, Maria Leta Barradas Leiria. Inaugurou-se, então, uma nova fase da família, em que Nogueira Leiria e Mariana Barradas tinham outros papéis a desempenhar e responsabilidades a assumir como pai e mãe. Dois anos mais tarde, essa responsabilidade aumentou, com a chegada, em 4 de setembro de 1936, do segundo filho, Reinaldo Barradas Leiria. A alegria expressa pelo poeta, agora com a presença dos dois filhos, pode ser verificada nos versos que escreveu[17]:

> Eu que cantei tanta coisa nesta vida,
> que tantas emoções senti e que as gravei,
> nunca vi nada mais lindo
> do que os sóis de vocês...
>
> – Minha filha! Meu filho!
> pequeninos, meu sono que é um sorriso de tão uno
> creio em vocês como força que impulsiona o meu destino
> e que me faça viver como as raízes
> para a glória fecunda dos botões.
>
> [...]
>
> Tranquilo estou, tranquilo irei
> Só para sentir a mansidão
> Que vem do sono de vocês!
> (AJNLT790)

No ano de 1938, João Otávio Nogueira Leiria mudou-se para Porto Alegre, cidade em que vivera anteriormente parte de sua infância e adolescência. Agora, deixava definitivamente as coxilhas, berço de muitas recordações do seu tempo de guri.

Sempre envolvido e rodeado pela família, a chegada a Porto Alegre não foi diferente. Nessa fase inicial, vindo do interior com a mulher e os dois filhos, teve o apoio de uma tia paterna, Diva Nogueira Oliveira, a quem sempre foi muito ligado. A família ficou hospedada em sua residência por alguns meses, até conseguir alugar um local para morar.

[17] Manuscrito inédito encontrado no Acervo de João Otávio Nogueira Leiria, depositado no DELFOS, da PUCRS.

Em Porto Alegre, logo conseguiu um emprego, sendo nomeado Inspetor Federal de Ensino pelo Ministério da Educação, no ano de 1939, cargo para o qual foi designado por indicação política durante o governo de Getúlio Vargas. Na época, foi inspetor de duas instituições de ensino: Colégio Santa Catarina, de São Leopoldo, e Colégio São Jacó, de Novo Hamburgo.

Com o passar do tempo, a situação foi melhorando para a família Leiria. Dessa forma, mudaram-se para um apartamento no Bairro Menino Deus, na Avenida Getúlio Vargas. Trabalhando como Inspetor de Ensino e estudando Direito, nessa época João Otávio teve outra grande alegria, pois mais um filho veio ao mundo para completar a família. No dia 22 de junho de 1941, nasceu Paulo Roberto Barradas Leiria, o terceiro filho do casal.

Anos depois, com a chegada de Paulo, deslocaram-se para um apartamento maior, no centro da cidade, junto à Avenida Borges de Medeiros. Nesse local, aconteceu mais um fato que marcou a vida do poeta: foi pai pela quarta vez, com o nascimento, no dia 17 de outubro de 1942, de Luiz Carlos Barradas Leiria.

Em meio às múltiplas alegrias na vida do poeta, uma triste notícia abalou sensivelmente o seu coração. No ano de 1942 faleceu, em São Francisco de Assis, seu pai, fiel companheiro, com quem viveu as horas mais difíceis de sua vida, como a morte de sua mãe. Esse fato deixou-o profundamente abalado, sentimento que fica evidenciado no poema “Meu pai”, citado abaixo:

> A saudade que eu sinto de meu pai
> é fonte de efusivas energias.
> Saudade andeja como ele, vai
> por céus abertos e amplidões bravias.
>
> Levanta o pouso em São Francisco. Sai
> cruzando campos, rios e serranias...
> Volta depois, das costas do Uruguai,
> a repontar as xucras gadarias.
>
> [...]
>
> Saudade amiga que carrego em cheio,
> Seja qual for o rumo a que me afoite
> com sóis ardentes, chuvas ou pampeiros!...
> (Leiria, 1968: 83)

Mesmo abatido pela dor da perda, a vida tinha de ser tocada em frente. Após passar um tempo, Nogueira Leiria, com parte da herança deixada por seu pai, comprou, em 1943, uma casa no Bairro Glória, na Rua Coronel Aparício Borges, local onde permaneceu até a sua morte:

> Fiz um pouso final nessa moradia
> Junto a arvoredo que mandei plantar
> E hoje ostentam a grande ramada
> Entre salgueiros a se debruçar.
>
> Levo vida tranqüila e recatada
> Sem mais nada do mundo ambicionar
> Venha do inverno a ríspida lufada
> Que com a lareira eu hei de conversar!
>
> Após o outono virá a primavera
> A dizer-me que me procura à espera
> Da promessa radiante do verão.
>
> Nesta morada, onde vivo para os meus
> Quantas vezes converso, a sós, com Deus
> Sem indagar dos dias que virão...[18]
> (AJNLT600)

Com o passar do tempo, a morada foi reformada, transformando-se em um sobrado espaçoso e confortável, abrigando os cinco filhos e a esposa, mais duas filhas de criação, além de uma prima de Nogueira Leiria, que passou uma época morando com a família. O lar do poeta foi local de simplicidade e aconchego, estando sempre de portas abertas para hospedar os parentes interioranos, como ilustra o poema manuscrito, que integra o seu Acervo[19]:

> Minha casa! Eis o pouso certo
> de quantos a buscaram e inda a buscam...
> Estão abertas as portas, que eu oferto
> com a bênção dos bens que a nada ofusca.
> (AJNLT1067)

Foi nesse sobrado que nasceu o quinto, e último, filho do casal Nogueira Leiria e Marina Leiria, no dia 12 de outubro de 1943, que recebeu o nome de João Otávio Nogueira Leiria Filho, em homenagem ao pai. Além do nome, dentre todos os

[18] Manuscrito inédito pertencente ao Acervo João Otávio Nogueira Leiria.
[19] Manuscrito inédito pertencente ao Acervo João Otávio Nogueira Leiria.

outros filhos, era o que portava os traços paternos: moreno, de cabelos crespos e olhos esverdeados.

O período de descanso, tinha como costume viajar para São Francisco de Assis com a família, de trem. Lá chegando, atravessavam de balsa para o outro lado do rio Ibicuí, onde um dos parentes os esperavam, levando-os para a casa da tia Rita, local onde geralmente ficavam hospedados, sendo os filhos dessa tia os grandes amigos do poeta ao longo da vida.

Em 1940, formou-se em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, passando a atuar como advogado. Mais tarde, por indicação, foi nomeado Procurador Fiscal do Estado do Rio Grande do Sul.

Formatura de Nogueira Leiria em Direito, recebendo a toga de Edgar Luiz Schneider, no ano de 1940 (AJNLT593)

Devido ao excelente trabalho realizado como Procurador Fiscal do Estado do Rio Grande do Sul, desde 1940, no ano de 1967, Nogueira Leiria passou a dirigir a procuradoria, cargo ocupado até a sua aposentadoria.

Concomitante à carreira de procurador, no mesmo ano, 1940, ingressou na Companhia Jornalística Caldas Júnior*,* de Porto Alegre, designado inicialmente à função de repórter. Nessa empresa, passou a ocupar o cargo de redator do jornal *Correio do Povo*[20]*,* responsabilidade que o tornou conhecido devido aos editoriais que escrevia em uma das colunas desse periódico. Assim, afirmava-se cada vez

[20] Nogueira Leiria exerceu a atividade de redator e editor do *Correio do Povo* ao longo de, aproximadamente, trinta anos, tendo como companheiros Edgar Luiz Schneider, Adail Moraes e Armando Fay de Azevedo, entre outros.

mais como jornalista, escrevendo sobre política, economia e os grandes problemas que afetavam o homem da época.

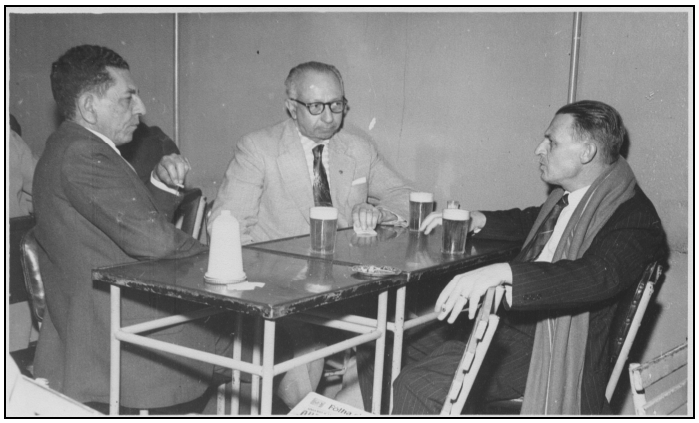
Nogueira Leiria na redação do *Correio do Povo* (AJNLT575)

Como não costumava ouvir rádio e pouco assistia à televisão (novidade da época), lia muito. Pela manhã, sentava-se em seu gabinete para redigir o artigo do próximo dia do jornal, diretamente datilografado na sua máquina Royal, hoje integrante do acervo doado pela família.

Na mesma época, passou a ter publicados frequentemente artigos literários de sua autoria na quarta página do *Correio do Povo,* sob a assinatura de J. O. Nogueira Leiria. Nesses textos, tratava principalmente de temáticas voltadas à literatura, ao regionalismo gaúcho, e de referências a obras, personagens, autores e principais acontecimentos da intelectualidade da época, além de tratar também de suas memórias.

Em sua fase de fecunda produção crítica, era comum receber a visita de seus amigos em casa, tais como Cyro Martins e Salgado Martins, geralmente pela manhã. Lá, reuniam-se no seu gabinete, tomavam a bebida típica dos gaúchos, o chimarrão, e conversavam por longos períodos sobre assuntos diversificados. Em geral, trocavam ideias sobre as suas produções, tanto de ordem literária (contos, poemas), como de ordem política, social ou econômica. Uma prática corriqueira de João Otávio era, ao término dos seus artigos jornalísticos, pedir a leitura e a opinião crítica dos seus companheiros.

Diariamente, ia para o centro da cidade de bonde ou lotação, para suas atividades na Procuradoria Fiscal do Estado, localizada na Rua General Andrade Neves. Ao final do expediente, caminhava até a Rua Caldas Júnior, local onde ficava a redação do jornal *Correio do Povo,* para deixar o artigo para ser publicado no dia seguinte. Nessas ocasiões, reencontrava os amigos e iam aos famosos cafés e confeitarias porto-alegrenses, locais em que se reuniam para conversar, tomar café e fumar, hábito este que manteve durante toda a vida. Muitas vezes era dessas conversas que tirava as ideias para escrever os seus artigos. Era comum naquela época grupos de políticos e intelectuais se reunirem e confraternizarem nos bares, cafés e livrarias da Rua da Praia. Mesmo sem a companhia dos amigos, Nogueira Leiria frequentava esses estabelecimentos, aproveitando a solidão como espaço para a sua atividade de criação, tanto poética como crítica, usando muitas vezes o próprio guardanapo de papel como meio para a sua escrita.



Nogueira Leiria com os amigos Aureliano de Figueiredo Pinto e Walter Spalding
(AJNLT586)

Além de jornalista, Nogueira Leiria se afirmou também como poeta, passando a publicar as suas poesias no *Correio do Povo* e em outros periódicos importantes da época, como na *Revista do Globo.*

Dada a importância de seus trabalhos intelectuais, no ano de 1945 foi convidado, juntamente com Reynaldo Moura, Moysés Velhinho, Lila Ripoll, Guilhermino César, entre outras personalidades da época, para participar do I Congresso Brasileiro da Associação dos Escritores, promovido, na cidade de São

Paulo. A esse encontro, segundo Carlos Guilherme Mota[21], "compareceram representantes da intelectualidade de todos os Estados do Brasil, e alguns convidados estrangeiros" para discutir assuntos de ordem cultural, política e social, o que denota o seu prestígio na época.

No ano de 1950, João Otávio Nogueira Leiria arriscou-se na carreira política. Devido à insistência dos amigos, auxiliou na composição da chapa eleitoral de seu partido, União Democrática Nacional (UDN), candidatando-se a Deputado Estadual, cujo concorrente à presidência era o brigadeiro Eduardo Gomes, opositor à política de Getúlio Vargas (que nessa ocasião ganhou as eleições). Nessa experiência, teve o apoio e o envolvimento da família na realização da sua campanha eleitoral, fazendo uma votação expressiva, trezentos e cinquenta e quatro votos, que, contudo, não foi suficiente para a sua eleição.

O assisense, apaixonado pela temática campeira, foi um apreciador do poema épico de José Hernandes, *Martin Fierro,* que retrata o gaúcho argentino, heróico e sacrificado da região dos pampas. Autodidata, sem nunca ter feito nenhum curso de Espanhol, mas profundo conhecedor do dialeto gauchesco, Nogueira Leiria passou cerca de vinte anos traduzindo para a língua portuguesa a obra espanhola. Sua tradução foi fruto de imensa pesquisa, estudo e interpretação, sendo publicada após a sua morte, em 1972, pela Editora Bells de Porto Alegre. A obra teve uma boa recepção do público, como afirma Hugo Ramirez:

> a edição estava já sendo objeto de impressão por parte de uma editora nova, então surgida na capital do Estado, a qual obteve com a publicação da versão de J. O. o sucesso esperado. Até nos programas televisionados do Rio de Janeiro, intérpretes extraordinários recitaram trechos nobres do "Martin Fierro" traduzidos por J. O. Nogueira Leiria.[22] (AJNL T998)

Tal foi o sucesso da obra traduzida que em 1987 surgiu a quinta edição, primeira bilíngue, pela Editora Martins Livreiro, também de Porto Alegre.

---

[21] MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira*: pontos de partida para uma revisão histórica. São Paulo: Ática, 1994, p. 176.

[22] RAMIREZ, Hugo. J. O. Nogueira Leiria e seu paraíso perdido. *Diário de Notícias.* Porto Alegre, 3 ago. 1975.

No ano de 1968, teve editado seu segundo livro de poesias, *Rincões perdidos,* pela Livraria Sulina Editora de Porto Alegre, com lançamento na XIV Feira do Livro de Porto Alegre. Nessa obra, Nogueira Leiria retoma a temática campeira através de suas poesias, com a predominância dos sonetos, por meio dos quais descreve os principais momentos vividos por ele no espaço da Campanha, na "Estância velha".

> Guardo da Estância esta impressão distante;
> a casa branca, no alto , entre arvoredos,
> Em frente, a sanga límpida e cantante,
> a bordar, rumo ao rio, amplos varzedos.
>
> [...]
>
> Vem um peão fazendo a recolhida;
> entra a tropilha em forma na mangueira,
> como sinal para iniciar-se a lida.
> (Leiria, 1968: 9)

Seus versos tratam de temas como a doma dos animais, a prática dos rodeios, os apartes de gado, as tropeadas, as carreiras, a marcação. Além disso, na mesma obra faz uma recuperação das principais lendas do imaginário gaúcho, apresentadas em forma de poesia, dentre elas: Teiniaguá, Negrinho do pastoreio, Boi Tatá, Boi barroso e Sepé Tiaraju.

Rincões perdidos corresponde a uma fase mais madura do poeta, através da qual ele evoca as lembranças da sua infância, refletindo sobre as tristezas e alegrias vivenciadas no espaço peculiar, dando uma interpretação original às velhas tradições, como se pode perceber pelas palavras de Pedro Vergara:

> Meu caro J. O. Nogueira Leiria, você conseguiu nos dar, das nossas tradições, novas e velhas, uma interpretação, tão viva quanto vivida, e tão cheia de poesia, quanto a de sua própria beleza; [...] aquele que estúa nos seus versos, Leiria, tem a marca da sua personalidade, estremece e se reergue, ele mesmo, com as suas características, [...], pela força do seu poder evocativo de poeta [...].[23] (AJNLT506)

Amante do regionalismo, Nogueira Leiria rascunhava seus poemas gauchescos inicialmente a mão, variando entre o uso do lápis e da caneta

[23] Correspondência passiva de Pedro Vergara, integrante do Acervo de João Otávio Nogueira Leiria, datada de 27 de outubro de 1968.

esferográfica de cor azul, instrumentos por meio dos quais esboçava suas idéias. Após rabiscar, mudar e eliminar palavras ou fragmentos, passava a limpo os rascunhos, datilografando-os na máquina de escrever Royal.

Nogueira Leiria no seu exercício de produção textual
(AJNLT566)

O poeta tinha o dom para as Letras, tendo sido ao longo da vida um leitor eclético. Sua biblioteca pessoal é composta por aproximadamente duzentos e noventa livros de diferentes autores, tais como Dante Alighieri, William Shakespeare, Gustave Flaubert, Jorge Luis Borges, Mário Quintana, Eça de Queiroz, Augusto Meyer, João Simões Lopes Neto, Machado de Assis, tendo várias edições da obra *Martin Fierro,* de José Hernandez*.*

Além de ser um bom conhecedor da sua língua materna, lia e interpretava textos em Francês e Espanhol. Tinha preferência pelo gênero poético, sendo um apreciador e declamador de poesia.

Segundo seu filho, Reinaldo Barradas Leiria, em entrevista concedida à autora desta dissertação[24], João Otávio era um amante das Letras, conforme se

[24] Depoimento concedido pelo filho de João Otávio Nogueira Leiria, Reinaldo Barradas Leiria, em entrevista realizada no dia 21 de julho de 2009, às 14 horas, no DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural, junto à Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

percebe na transcrição que segue: “Meu pai lia muita poesia. Ele declamava. Lia declamando em voz alta. A nossa casa tinha um gabinete, que era onde ele ficava, onde ele tinha seus livros e o birô, uma escrivaninha antiga, com uma tampa de correr, muito bonita, que ele ganhou. Era o local onde ele trabalhava. Era ali que ele escrevia, na máquina de escrever. Nesse gabinete, era comum ele ler poesias declamando em voz alta. Ele sabia declamar, ele declamava com sentimento, com uma voz pausada, entonação. Ele era um declamador. Era bonito ouvi-lo ler as poesias em voz alta”.

Como poeta, foi muito aclamado pela beleza e a riqueza de seus versos. Em meio à família, Nogueira Leiria também tinha posição de destaque. Quando havia qualquer problema, todos recorriam a ele, que era uma espécie de “líder”, um exemplo a ser seguido. As tias eram suas maiores admiradoras, tinham muito orgulho do menino que desde muito cedo conheceu as agruras da vida.

Entusiasta das atividades campeiras, Nogueira Leiria foi ligado ao movimento tradicionalista “Estância da Poesia Crioula”, uma academia de letras dos escritores e poetas tradicionalistas, que tem como objetivo a divulgação dos costumes e das tradições cultivadas pelo homem do campo. Em muitas ocasiões, o poeta atuou como palestrante, expondo assuntos ligados à cultura típica do homem do Rio Grande do Sul. Em outras festividades, como nas tertúlias literárias, apresentava-se como declamador, arte que desempenhava muito bem.

João Otávio proferindo uma palestra no CTG “Estância da Saudade”
(AJNLT574)

Apreciador da cultura local, tomava chimarrão diariamente. Aos domingos, gostava de assar churrasco e confraternizar esse momento com a família. Assava carne à moda da Campanha, com fogo de chão, espetos cravados no solo e cruzados em tripé, na vertical, de modo que o fogo queimasse a carne de baixo para cima. Nunca teve churrasqueira tradicional em casa, pois gostava de fazer o churrasco tipicamente gaúcho.

Com os filhos já adultos, e alguns morando e estudando fora de Porto Alegre, algumas vezes aproveitava os períodos de lazer para visitá-los. Quando surgia oportunidade, ia também a São Francisco de Assis, sua terra natal para rever os amigos e os parentes que lá residiam. No verão, viajava com a família à Cidreira, local onde tinha uma casa de praia. Todas as suas férias eram programadas para estar perto da família, rodeado pela esposa, filhos e netos.

Ao longo da vida, sofreu de um grave problema na coluna dorsal, realizando tratamentos intensivos com diversos médicos. Fazia curativos, aplicações de radioterapia e outros tipos de tratamentos indicados. No final de sua vida, um especialista, Doutor Renato Amaral, descobriu que se tratava de um câncer. O médico relutou em realizar a cirurgia para retirar um tumor da coluna dorsal mas, frente às insistências da família, a cirurgia foi realizada em agosto de 1971. A intervenção cirúrgica exigiu a realização de um enxerto de pele que o obrigou a ficar internado durante seis meses no Hospital Ernesto Dorneles, em Porto Alegre. No dia 15 de fevereiro de 1972, aos sessenta e três anos de idade, em consequência desse problema, o poeta veio a falecer no hospital.

Em sua existência, mesmo com todo o carinho e amor que recebia, o poeta carregou uma profunda melancolia, oriunda provavelmente da orfandade materna no período em que ainda era muito pequeno. Por alguns momentos, essa solidão vinha à tona e era expressa em versos impregnados de saudade e melancolia, estimulados pelas lembranças presentes nas desilusões da existência, como escreveu em “Vida velha”:

Vida velha, dou-te agora,
todo o amor que te neguei
Louca que o tempo sovou
é mais fácil de cortar:
– o tento sai, fora a fora,
a jeito para trançar.

Perdoa se já fui outro,
se fui rebelde a teus tratos
e duro para o teu fio:
tomaste-me muito cedo;
eu tinha couro de potro
sestroso do teu enredo.

Com tiras da alma ou dos anos,
e que, afinal, se confundem,
vais trançando, vida velha,
a trama do meu destino:
– um laço de desenganos,
com tentos de desatino.

Mas que importa, vida minha,
o que tu queiras de mim?
Estou perdido de amores
por tuas artes sutis:
Oh, tirana, sê madrinha
de quem antes não te quis!
(Leiria, 1968: 83)

2 O ACERVO DO ESCRITOR

Nogueira Leiria deixou os seus documentos para a família, que teve a iniciativa de doá-lo ao DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural, da PUCRS, constituindo assim o Acervo João Otávio Nogueira Leiria, a partir do qual foi feita esta pesquisa.

Após o levantamento dos documentos que formam este estudo, foram estabelecidos quatro conjuntos com os documentos mais representativos, quais sejam: “Comprovantes de Edição”, ”Publicações na Imprensa”, ”Correspondência” e “Fortuna Crítica”, que serão descritos na presente dissertação de Mestrado.

2. 1 COMPROVANTES DE EDIÇÃO

O processo de criação literária se dá no contato do escritor com os seus instrumentos de escrita. Assim, os manuscritos transformam a matéria bruta (as rasuras, substituições, hesitações, trocas) em uma construção intelectual organizada, ou seja, a obra editada.

No Acervo de João Otávio Nogueira Leiria, os Comprovantes de Edição estão representados por duas obras: *Campos de areia* e *Rincões perdidos.*

2. 2. 1 *Campos de areia*: poesia crioula

Campos de areia: poesia crioula foi a primeira obra escrita por João Otávio Nogueira Leiria, publicada no ano de 1932, pela Livraria e Editora do Globo, de Porto Alegre (RS). Composta por oitenta e cinco páginas, é dedicada a seu pai, o

senhor Lodônio Nogueira Leiria, e aos amigos Antero Marques[25], Aureliano de Figueiredo Pinto[26] e Cyro Martins[27]. Cyro, amigo do poeta desde os tempos em que eram estudantes pensionistas, compartilhou a feitura da obra e agradece a homenagem, como comprova o fragmento abaixo:

> Acompanhei a feitura de *Campos de areia*, verso a verso, chimarrão a chimarrão, nos nossos quartos pobretes de pensão de estudante, lá pelos idos de 1927 a 1932. [...]
> *Campos de areia*, poemas gaúchos, foi lançado em 1932, pela Livraria do Globo. Tive a gratificação sentimental de ver meu nome incluído entre os três amigos a quem o poeta dedicou seu livro de estréia[28]. (AJNLT993)

No Acervo pessoal do escritor, encontra-se apenas a segunda edição da obra, publicada pela Martins Livreiro Editor, também de Porto Alegre (RS), no ano de 1991.

A segunda edição do livro é composta por cinquenta e nove páginas. O pré-textual traz uma folha de falso rosto, outra de rosto com o título da obra, *Campos de areia*, seguida da página nobre, que traz o nome do autor, "J. O. Nogueira Leiria", o título e o subtítulo da obra, "*Campos de areia:* poesia crioula", o número da edição, "2ª edição", o ano, "1991", e o nome e logotipo da editora, "Martins Livreiro - Editor"; no verso, na parte superior, insere-se novamente o nome do autor, "J. O. Nogueira Leiria", logo depois há um quadrado com a ficha catalográfica da obra, o nome do ilustrador da capa, qual seja "João A. Chicon". Na parte inferior esquerda aparece uma indicação da editora com os seguintes dizeres: "Atendemos pelo Reembolso Postal", seguida do nome da editora e do endereço: "Martins Livreiro Editor,

---

[25] Antero Marques é natural de São Francisco de Assis. Formou-se em Medicina, participou das revoluções de 1923 e 1930 e foi poeta.

[26] Aureliano de Figueiredo Pinto nasceu em Tupanciretã (RS) e formou-se em Medicina. Publicou alguns livros com o uso dos pseudônimos, como Jorge Pena, Júlio Sérgio ou Jango Borba, sob os quais assinou publicações de revistas e de jornais. Após os cinquenta anos de idade, publicou sua obra de poemas com o seu verdadeiro nome, às vésperas da morte e seu reconhecimento nos meios literários foi póstumo.

[27] Cyro Martins é oriundo de Quarai (RS). Cursou Medicina em Porto Alegre, principiando sua formação psicanalítica em Buenos Aires (Argentina), tendo, posteriormente, vários de seus trabalhos científicos traduzidos para o espanhol e alemão. Além desses textos, produziu obras de contos e romances regionalistas.

[28] MARTINS, Cyro. O Poeta J. O. Nogueira Leiria. *Correio do Povo,* Porto Alegre, 27 maio 1972. Muitos dos artigos encontrados no Acervo, dentre jornais e revistas, foram recortados, não sendo guardada a folha inteira do periódico. Dessa forma, em algumas referências de textos mencionados ao longo do estudo, não constará o número da página.

Riachuelo, 1279 – Fundos, Fones: (0512) 24.4798 e 24.5228, 90010 – Porto Alegre – RS – Brasil. Remetemos nosso catálogo gratuitamente".

Na página posterior, vem o seguinte registro, homenagem da editora ao autor: "Tavico, os poemas do Rio Grande do Sul te saúdam. Martins Livreiro Editor". Logo após, encontra-se o sumário, que relaciona trinta e seis poemas, divididos em duas partes: "Escaramuças" e "Ao tranco", sendo a primeira parte composta por oito poemas e a segunda por vinte e oito.

O miolo da obra é em papel comum branco com letras pretas. A capa[29] um é em brochura de cor branca, na qual constam o nome do autor, o título da obra, a edição e a imprenta, escritos na cor marrom. Junto desses elementos, há uma ilustração feita por João A. Chicon, em preto e branco, de uma cena que retrata dois homens em uma luta de facas.

A capa um apresenta uma orelha com comentários sobre a vida e a produção literária de Nogueira Leiria e é assinada pelo editor. Na capa quatro, aparece a transcrição de um fragmento do poema "Ao tranco", que compõe tal obra, com o ano de publicação e o nome da editora na parte inferior. A orelha da capa dois é utilizada como *marketing* publicitário da "Editora Martins Livreiro", uma vez que apresenta uma lista de livros editados por essa casa comercial.

As páginas estão numeradas na parte central e inferior, nos dois lados da folha, começando a numeração na página onze. O título dos poemas é apresentado em letras maiúsculas, na parte mais externa de cada folha, não havendo folha em branco entre eles.

Em *Campos de areia,* Nogueira Leiria tematiza a valorização regional do espaço geográfico conhecido como Campanha gaúcha ou Pampa gaúcho. A divisão da obra em dois blocos remete a dois momentos temporais diferentes. Em "Escaramuças", composta por oito poemas, o poeta canta, através do verso livre, a saudade que sente da sua terra, da região pastoril, ligada à atividade pecuária, experiência pela qual molda o seu modo de vida.

[29] A capa da referida obra encontra-se no Anexo B.

Outra característica do homem que habita o pampa é a experiência com a guerra, devido aos conflitos armados ocorridas no Rio Grande do Sul: Revolução Farroupilha, Guerra do Paraguai e Revolução Federalista, daí o título ”Escaramuças”. Essas características podem ser percebidas no poema “Alma gaúcha”, transcrito abaixo:

> Nas minhas veias um sangue forte ferve borbulhante,
> retemperando pela vida de sol destas coxilhas...
>
> Sinto anseios de batalha!
>
> Amo o bárbaro entrechoque das lanças no entrevero,
> o galope à toda brida dos baguais
> pisando o chão que há de cobrir quem os governa...
>
> Guerra!...
>
> Amo o grito de carga ao inimigo,
> o rumo incerto das marchas e do pouso
> ao sopro enregelado do minuano,
> – a glória incerta, a vida incerta...
>
> Vivi a vida de sol destas coxilhas!...
>
> Guerra!... – ! como este grito em mim renasce
> na lembrança dos gaúchos que se foram
> voluntários
> na arrancada para a morte!...
> (Leiria, 1932: 14)

Além desse, estão presentes nessa primeira parte da obra os poemas: “Oferenda”, “Sonho crioulo”, “Rebeldia”, “A uma adaga”, “Chimbo”, “Rumo ao sol” e “Desbravação”.

Na segunda parte de *Campos de areia,* denominada “Ao tranco”, o poeta apresenta as suas memórias, que evidenciam o seu vínculo com o universo pampeano, descrevendo, através do verso livre, os locais e os elementos característicos desse espaço, bem como os sentimentos que emanam das lembranças que decorrem da sua vivência campeira, como se pode observar nos versos de “Por recordar”:

Guri – possuía os meus petiços,
lindas encarnações
desses cavalos de gravura antiga...
Ah! o meu triunfo maior inda consiste
nos elogios em, que muito índio bom,
desenrolando a voz calma e o gesto grave,
envolvia-me junto com os petiços,
Íntimos atropelos que eu sentia!
Jamais esquecerei esses gaúchos
que, primeiro, proporcionaram-se a volúpia do louvor...
Que é instintivo e grato ao coração crioulo
o louvor ao pingo, ao mate de erva boa
e à sombra que a sua própria mãe plantou.

Nos petiços fui entrando pela vida,
até chegar o dia em que os deixasse.

E, hoje, sinto remorsos da ufania
que rasgou a minha ingenuidade de criança
para o primeiro passo homenzito,
ao trocar a sela por arreios
e os petiços por cavalo grande.

Mas, sempre ufano, fui alçando rédea
e, de pingo sempre temperado,
arremetendo em pequenas e grandes investidas,
sem saber para onde o meu arrojo me levava,
eu fui alçando a rédea para a vida.
(Leiria, 1932: 51)

Os vinte e oito poemas que compõem essa segunda parte são: “Ao tranco”, “Volta”, “Galpão”, “Serão campeiro”, “Violão”, “Negro”, “Missões”, “Tirana”, “Bolicho”, “Ronda”, “Velho Blau”, “Matreiro”, “Andarengo”, “Mate-amargo”, “Churrasco”, “De volta”, “Canção do índio vago”, “Cinamomo”, “Saudade”, “Noite de chuva”, “Humildade”, “Por recordar”, ”Quem sabe”, “Incerteza”, “Renúncia”, “Infância”, “Tento velho” e “Campos de areia”.

2. 2. 2 *Rincões Perdidos:* poesias

Rincões perdidos: poesias foi a segunda obra escrita por João Otávio Nogueira Leiria, publicada trinta e seis anos após *Campos de areia* e editada duas vezes. A primeira edição data do ano de 1968, pela Editora Sulina, de Porto Alegre (RS), e segunda edição data de 1994, pela Martins Livreiro Editor, também de Porto Alegre (RS).

Nesta pesquisa, será tratada da primeira edição da obra, que compõe o acervo do escritor. Essa edição é composta por cento e trinta e uma páginas, nas quais são distribuídos noventa e sete poemas. A parte pré-textual apresenta uma folha de rosto com o título da obra, *Rincões perdidos.* No verso dessa folha há a apresentação da coleção da qual a obra faz parte, qual seja: 1. *Amorial da estância e outros poemas* (A. de Figueiredo Pinto), 2. *Pelos caminhos do pago* (Dimas Costa), 3. *Poncho e pala* (Zeca Blau), 4. *O campeador e o vento* (Carlos Nejar), 5. *Horas do meu ocaso* (Zeca Blau) e 6. *Rincões perdidos* (J. O. Nogueira Leiria).

Na página nobre consta o nome do autor, "J. O. Nogueira Leiria", o título da obra, "*Rincões perdidos:* poesias"; na parte inferior aparece a imprenta com o logotipo da "Livraria Sulina Editora". No verso dessa página está escrito: "Do mesmo autor: *Campos de areia* – Edição Globo, 1932", seguido do nome do revisor: "Kraemer Neto" e a notificação de reserva dos direitos autorais à editora.

Na página seguinte, encontra-se o poema que abre a obra, com o titulo alinhado à esquerda, "Pórtico", e o subtítulo centralizado, "Rincões perdidos na alma da gente...".

A capa[30] é feita em papel cartolina amarelado e no centro da página encontra-se o nome do autor, "J. O. Nogueira Leiria", escrito na cor preta, seguido do título da obra, *Rincões perdidos,* escrito em caixa alta, na cor verde, com o subtítulo abaixo "poesias", em preto. Na margem inferior, consta o nome da editora, "Edição Sulina". O miolo do livro é feito em papel levemente amarelado. O índice da obra se encontra na penúltima página, onde estão registrados os quarenta e oito títulos de poemas, todos escritos no centro da página.

As páginas da obra são numeradas na parte inferior central, começando a numeração a partir da página nove. Nas cento e trinta e uma páginas estão distribuídos cinco conjuntos de poemas, denominados sucessivamente: "Estância velha", "Canto do Ibicuí", "Teiniaguá", "Querência" e "Irapuá". A cada título diferente dos blocos de poemas, anunciados sempre do lado direito da página, é utilizada uma folha nova, sendo o título centralizado, sem a presença do número da página nessa folha.

[30] A capa da referida obra encontra-se no Anexo B.

O primeiro bloco de poemas, sob o título de “Estância velha”, apresenta quarenta e cinco sonetos ao longo de quarenta e cinco páginas. Os poemas são identificados por números cardinais ao invés de títulos. Esses sonetos tratam do dia-a-dia da Campanha gaúcha, descrevendo as lides campeiras características desse espaço peculiar, como a marcação, o aparte, a doma, os rodeios, a mangueira, como ilustra o soneto XIV:

> Após a doma, vinha a marcação.
> Era a festa maior da redondeza.
> Alegrava-se a gente do rincão
> por uns dias de vida sem pobreza.
>
> Com a lua a rasgar a escuridão,
> – lamparina clareando a Natureza –
> já se acendia o fogo do galpão
> para o mate tomado com presteza.
>
> Vinha logo chegando a recolhida,
> – cavalhada delgada para a lida
> de rodeios, aparte e correria.
>
> Toda a gente andava num apuro,
> mal enxergando em torno, pelo escuro,
> mas radiante de força e de alegria.
> (Leiria, 1968: 22)

O segundo bloco de poemas, “Canto do Ibicuí”, é composto por sete sonetos, distribuídos ao longo de sete páginas. Nesses sonetos, o poeta novamente utiliza-se de números ordinais para intitular os versos, apresentando um diálogo com o rio Ibicuí, afluente do rio Uruguai que banha a região do Pampa, objeto de sua atenção, como se lê no soneto III:

> Dos crespos alcantis de São Martinho
> desces, copiando meu ingrato sonho:
> esta esperança vã, que eu acarinho,
> de por na vida olhar menos risonho...
>
> E vais banhando o chão que é vizinho,
> como um espelho que a mim mesmo imponho:
> rio de areias brancas como o linho,
> rugindo, às vezes, em caudal, medonho.
>
> Teus afluentes vem, por terra adusta,

buscar tuas águas para a comunhão
com quem é grande, e a quem menos custa

aos mais pequenos estender a mão.
Amigo rio!
A vida é rude justa
na qual me bato pelo coração...
(Leiria, 1968, p. 58)

A terceira parte, intitulada “Teiniaguá”, aglutina sete poemas ao longo de quatorze páginas, que tratam das principais lendas e mitos do folclore do Estado do Rio Grande do Sul, sendo eles: “Teiniaguá”, ”Boi Tatá”, “Boi barroso”, ”Sepé Tiaraju”, “Alma penada”, “Tirana”, como ilustram os versos de “Negrinho do pastoreio”:

Negrinho do pastoreio,
que fizeste dos tordilhos
que entropilhei pela vida?
Tu sempre foste campeiro,
e não soubeste cuidar
minha tropilha escolhida!

Eram trinta os meus tordilhos,
que, pelos campos sem fim,
te mandei pastorear,
– meus crioulos todos eles,
cada um seguia os outros,
e os deixaste escapar.

Negrinho arteiro, danado,
fiaste em tua Madrinha,
que está no céu escondida,
e me extraviaste a tropilha,
por uma noite sem lua,
bem como tu, de encardida...

Bem sei, Negrinho, que é duro
surrar-se assim um vivente
e após as carnes salgar.
Meu formigueiro de iras
é muito pior do que esse
no qual te fui atirar!

Que vale um coto de vela,
que importa subas ao céu
sorrindo a cada ferida,
se nunca mais me darás,
para os trabalhos do mundo,
minha tropilha perdida?

Monta no baio ligeiro.
Vamos, agora que és santo
e todos rezam a ti:
a graça do formigueiro
renova por teu encanto,
em troca do que eu perdi.

Bate na marca, Negrinho!
Corre por várzea e coxilha,
sem nunca o baio estacar.
Acendei um toquinho
de vela, para a tropilha
inda te ver repontar.

Também um naco de fumo
– paga da campereada –
nesta macega deponho.
Minha tropilha tem rumo:
vai, a correr, escapada
para as querências do Sonho...
(Leiria, 1968: 67-68)

O quarto bloco de versos da obra, “Querência”, é formado por dezenove poemas, ocupando vinte e oito páginas, com poemas intitulados sucessivamente: “Querência”, “Meu pai”, “Canção da terra”, “Meus domínios”, “Continuidade”, “Fogão”, “Pouso”, “Ronda dos dias”, “Esporas”, “Finca-pé”, “Rancho velho”, “Rodeio”, “O aparte”, “A tropa”, “Depois da ronda”, “Vida marcada”, “Minha bomba”, “Tropilha de escuros” e “A lan gran flauta”.

Nesses poemas, Nogueira Leiria enfoca os costumes e vivências do homem da Campanha, bem como as suas lembranças advindas desse espaço, como ilustram os versos do poema “Vida marcada”:

Em moço, fui andarengo
e fui tropeiro também,
gente que os plainos, o sol,
ou as frias noites de ronda,
plasmam de um jeito pra sempre.

Da solidão desses dias
inda se embebe o meu ser...
Ao tranco, nos pastoreios;
a trote largo, na estrada:
ali, repontando o gado;
aqui, cavalos por diante.

Madrugadas, sóis-a-pino,
tardes quietas, noite ermas.
Em pleno campo, ao relento,
se estende o corpo no chão.
As estrelas vem baixando,
se infiltrara em nossos olhos
e nos invadem a alma
como um consolo que a gente
nunca mais há de esquecer.

A solidão das estrelas,
das vozes todas do campo,
e irmana àquela que a sorte
de ser campeiro resume.

Quem foi tropeiro e andarengo,
inútil será que tente
o feitio próprio mudar.
De longe vem o apelo
do tempo que se viveu
de ouvidos, olhos e alma
perdidos na solidão...
(Leiria, 1968: 103 -104)

No último bloco de poemas de *Rincões perdidos,* denominado “Irapuá”, são apresentados dezenove poemas (em dezenove páginas), intitulados: “Irapuá”, “Cisma”, “Cruzador da hora parda”, “Minuano”, “Domingo de chuva”, “Meus cinamomos”, “Evocação”, “Cevadora de mate”, “Cuia”, “Madrigal”, “Despicado”, “Reminiscência”, “Canção da abandonada”, “Vida velha, “Isolino Leal”, “Poesia”, “Diálogo do reencontro”, “Fidelidade” e “Prece”.

Nesses poemas, Nogueira Leiria traz novamente os elementos encontrados no espaço rural, através dos quais apresenta a sua ligação com a terra, como se lê nos versos do poema que fecha a obra, “Prece”:

> Dá que eu seja, Senhor, teu servo forte,
> – o campeiro da Fé,
> teu peão de Estância,
> o domador de meus impuros ímpetos;
> o que não tema os sóis nem a distância,
> e enxergue sempre os horizontes límpidos.
>
> Na ronda do meu Sonho,
> a estrela d'alva
> me inspire cantos para o teu louvor!
> E a toada mansa do tropeiro antigo
> venha a meus lábios na canção melhor!
>
> Que eu reparta o meu fiambre com os andejos
> pobres de amor a mendigar um pouso.
> Meu poncho possa lhes servir de abrigo,
> e eu tenha sempre este tranquilo gozo
> de aquecer as almas que não têm repouso,
> com a mesma lenha de meu fogo amigo!
> (Leiria, 1968: 131)

Ao observar o conjunto de poesias que formam *Rincões perdidos* constata-se que Nogueira Leiria utiliza-se de temas próprios da região da Campanha sul-rio-grandense, por meio dos quais representa as características de uma época, como um depoimento para a posteridade. Hugo Ramirez descreve a conversa que teve com o poeta em Alegrete, há muitos anos atrás, em que ele reafirma essa ideia:

> Acentuava o poeta oriental a necessidade de que, em poesia ou noutra manifestação de arte, prosseguíssemos a fixar detalhes da nossa circunstância social, da maneira a registrar, para o futuro, nosso depoimento quanto à vivência campeira no sul do Brasil, vivência essa que se dilui, dia-a-dia, mais e mais, na paisagem e no tempo, e que em breve desaparecerá de todo[31]. (AJNL T998)

A partir do depoimento de Ramirez, constata-se que Nogueira Leiria tinha como grande preocupação tematizar: os costumes sociais e culturais do povo sul-rio-grandense, criando assim um imaginário mais condizente com a realidade, sendo esse um dos ideais dos poetas da década de 1930.

[31] RAMIREZ, Hugo. J. O. Nogueira Leiria e seu paraíso perdido. *Diário de Notícias.* Porto Alegre, 3 ag. 1975.

2. 2 PUBLICAÇÕES NA IMPRENSA

João Otávio Nogueira Leiria inicia sua carreira jornalística como repórter do *Correio do Povo,* no ano de 1940. Com o decorrer do tempo, passa a editorialista, escrevendo os chamados “artigos de fundo”, que denotam a opinião do jornal acerca dos principais assuntos de interesse da população.

Anos mais tarde, escreve os artigos da quarta página do *Correio do Povo,* sob a assinatura de J. O. Nogueira Leiria, os quais tratavam, na maioria das vezes, de temáticas voltadas à literatura e às suas memórias, além de abordar opiniões sobre os principais acontecimentos da época, com uma característica comum: a maioria desses textos apresenta alguma relação com o espaço sulino rio-grandense.

O material selecionado segue uma distribuição temática em dois blocos: o primeiro conjunto constitui-se dos estudos sobre autores e/ou obras, reunindo ensaios sobre aspectos literários importantes, como artigos publicados por ocasião do lançamento de livros ou estudos sobre algumas obras representativas; o segundo, trata das memórias do poeta, que privilegiam as vivências e alguns momentos importantes da vida de João Otávio.

Assim, pode-se afirmar que o jornalista João Otávio Nogueira Leiria ocupou-se de vários assuntos, demonstrando um tratamento especial ao exame do tema que é seu favorito, qual seja: literatura e memórias.

2. 2. 1 Escritores e obras

O envolvimento com os escritores e intelectuais da época, e o fato de ser um poeta e um entusiasta da literatura regionalista, fazem com que Nogueira Leiria tenha uma intensa produção de artigos relacionados ao tema. Através dos textos, ele retoma os autores prediletos, apresenta os novos escritores que surgem, tece estudos e considerações acerca de algumas obras, tendo como pano de fundo o Estado do Rio Grande do Sul.

O primeiro texto[32] sobre literatura encontrado no Acervo de J. O. Nogueira Leiria data do ano de 1935, quando ainda não era jornalista do *Correio do Povo.* Nessa colaboração, o poeta intitula seu texto "*Campo fora*"[33] (nome da obra de estreia de Cyro Martins, publicada no ano anterior), no qual discorre inicialmente sobre a infância de Cyro, que caracteriza como um tempo de tranquilidade, silêncio e quietude em meio ao pampa. Ele afirma que o sossego advindo desse espaço é motivo de inspiração e vocação para a arte.

Desse modo, o autor destaca que Cyro mostra o Rio Grande do Sul de uma forma mais realista, com personagens bem construídas psicologicamente, pois salienta que ele, como médico, conhecia bem as teorias psicanalíticas:

> Cultura haurida no ensaio das modernas teorias que do psiquismo espantaram toda sombra de mistério, esse artista percebeu que sua técnica de médico bem devia consórcio aos arroubos da arte. Daí não ser simplesmente narrador. E daí a facilidade com que mobiliza, qual num écran tumultuário, a variedade de tipos dispares quanto reais [...].[34] (AJNLT407)

Além das personagens, Nogueira Leiria aponta também para a fidelidade com que o autor de *Campo fora* descreve os agitados ambientes campeiros, sendo esses:

> Uma turba que se movimenta ao lado das paralelas da cancha, livre na expressão dos instintos gaudérios, mas guardando oculto o veio de intenções que o escritor nos revela, distribuindo-as a este ou àquele na integração de personalidades cunhadas em relevo diverso.[35] (AJNLT407)

Outro aspecto que o jornalista evoca é a sutileza com que Cyro trata da alma infantil ao longo das narrativas, destacando alguns heróis, como Fleto e Nilo, sendo o último protagonista de vários contos. Segundo João Otávio, "essa ternura pelas crianças, que se deixam tomar de imaginários perigos, estabelece as mais gratas

---

[32] Ao selecionar o material que será apresentado, percebeu-se que muitos textos não portavam as datas de publicação. Dessa forma, a pesquisadora optou por fazer uma pesquisa nas fontes primárias, junto ao Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, no qual se encontra o Acervo do *Correio do Povo,* com o objetivo de encontrar as datas de publicação de tais documentos.
[33] LEIRIA, J. O. Nogueira. Campo fora. *Correio do Povo,* Porto Alegre, [s. p.], 2 jun. 1935.
[34] Idem.
[35] Idem.

emoções para o leitor deste raro contista crioulo".[36] O ambiente do livro não é sonhado, mas sentido e vivido pelo seu autor.

Sete anos mais tarde, já como jornalista do *Correio do Povo,* João Otávio escreve um texto no qual presta a sua homenagem a "Zeferino Brasil"[37], por ocasião do falecimento do ilustre poeta sulino:

> Zeferino Brasil era para os moços, o mais alto pontífice das letras, a instância última. De seus lábios pendia a sentença inapelável. Por isso, a sua aproximação primeira, difícil era dominar a emoção que embargava a voz, afrouxava o gesto e reduzia a um tartamudeio informe o preparado cumprimento, a frase tendente a despertar a simpatia do Mestre para com o neófito ansioso.[38] (AJNLT 380)

Segundo Nogueira Leiria, Zeferino esteve sempre preso às impressões da infância. Para ele, os versos do poeta são uma perpetuação à beleza, apresentavam sonhos e delírios emotivos como forma de arte, considerado-o um grande incentivador da arte:

> A mais alta expressão do Parnaso crioulo guardou sempre, como maior ufania de espírito e coração, o gáudio de proclamar que o seu acolhimento jamais fora desanimador a quem reclamasse o paraninfado de sua opinião.[39] (AJNLT 380)

Inspirado no escritor Henri Murger, João Otávio declara que o poeta em questão também era colaborador do *Correio do Povo,* no qual criava muitas polêmicas: ataques políticos, sátira cortante ou sutilezas filosóficas, além de lamentar nessas mesmas páginas, seu defeito físico. Nogueira Leiria acrescenta que a obra poética de Zeferino é bem trabalhada e carregada de sutilezas, características evidenciadas

> desde a dupla série de *A comédia da vida,* modelo de satíricas diabruras, à *Visão do ópio* – o rimário de Alceu, – que se prende à poesia mais pura por filigramas de delicadezas, ascende com *Vovó musa,* o seu livro máximo, no qual cada página é a realização da inquieta busca de
> "Um verso emocional do nobre estilo,

[36] Idem.
[37] LEIRIA, J. O. Nogueira. Zeferino Brasil. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 6 out. 1942.
[38] Idem.
[39] Idem.

> com a plástica severa da alta prosa...”[40] (AJNLT 380)

Após apresentar os versos (citados acima), João Otávio afirma que eles poderiam caracterizar o perfil da produção poética de Zeferino, sendo escritos na sua lápide tumultuária.

Outro autor que o jornalista referencia é Alcides Maya. O texto intitulado “Dois vôos de Alcides Maya”[41] é escrito no momento em que os restos mortais do escritor estavam sendo transferidos do Rio de Janeiro para Porto Alegre.

Para relembrar Maya, João Otávio faz um jogo de palavras, trazendo um trecho do final de *Crônicas e ensaios,* que aponta para o mito de Ícaro, com a metáfora do vôo, como se pode observar no seguinte trecho:

> Escreve-a ao ensejo de seu primeiro vôo num biplano, [...] que, gentilmente, ele exclama: “De um aeroplano, leitor, não olharás nunca para cima: a tua vista, em relances de ave, procurara como uma presa a fugir, o solo que deixaste. Ser cativo dele e recear que se me partisse o grilhão de cativeiro foi a impressão mais durável da travessia”.[42] (AJNLT414)

Dessa forma, afirma que Maya mostra o seu apego ao solo sulino. A isso, acrescenta o seu abundante desenvolvimento intelectual, que não se desvincula do sentimento de estima ao seu espaço de origem:

> – dono de uma cultura que lhe revelara todos os segredos, nas ciências e nas artes, – filósofo, sociólogo, ensaísta, historiador, uma das mais raras formações humanísticas enfim, entre quantas houvermos possuído, nem assim se pode ele liberar da devoção à sua terra e à sua gente.[43] (AJNLT414)

Partindo dessa ideia, o poeta de *Campos de areia* faz alusão a mais algumas obras que mostram o apego do escritor à querência, quais sejam *Ruínas vivas, Tapera, Alma bárbara* e *O Rio Grande independente,* declarando que nelas Maya trata do tema com toda a cultura e conhecimento privilegiado que possuía.

---

[40] Idem.
[41] LEIRIA, J. O. Nogueira. Dois vôos de Alcides Maya. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 17 jan. 1949.
[42] Idem.
[43] Idem.

Após essa primeira exposição, João Otávio refere-se a “Alcides Maya jornalista”, discorrendo sobre a vinda do funeral do escritor para Porto Alegre, a bordo de um avião, sendo esse mais um “vôo” de Maya.

Segundo o autor do artigo, Alcides Maya, destacado no âmbito das Letras, iniciou sua carreira aos dezenove anos, como jornalista político, diretor de *A República,* periódico que circulou no Rio Grande do Sul. Mais tarde, passou a dirigir outros jornais, ilustrou colunas de inúmeros órgãos da imprensa do País, como o *Correio do Povo,* que ofereceu maior relevo ao seu trabalho jornalístico, principalmente no final de sua vida, sendo ele um dos colaboradores mais assíduos de tal periódico. Assim, João Otávio valoriza *Crônicas e ensaios,* obra que apresenta os textos jornalísticos de Maya:

> Não poderíamos, assim, deixar de sentir um justificado orgulho ante a glorificação do autor de “Crônicas e ensaios”, livro em que recolheu apenas uma pequena parte de seus trabalhos na imprensa [...], os frutos do trabalho que ele tanto amou e que condensam a melhor essência de seu espírito.[44] (AJNLT414)

Outro autor que Nogueira Leiria enfoca é “Valdomiro Souza: cantor do pago”[45], devido ao seu livro de estréia, *Chimarrão.* Segundo o jornalista, os versos dessa obra fluem e dispensam atenção à forma. Após transcrever alguns versos da obra, como:

> - “Chimarrão da espuma de veras
> que os velhos pagos retrata
> na alegria que arrebata
> ao chupá-lo em trago longo,
> na cuia – flor de porongo –
> com bomba feita de prata”[46], (AJNLT422)

Nogueira Leiria destaca Souza, através do uso de uma linguagem poética, dizendo que ele é enamorado do Rio Grande do Sul, ”cuja alma deita raízes nas coxilhas de Caiboaté, para embebê-lo de ancestralidade heróica e de ternuras de amante jamais sacado dos enlevos que lhe prodigaliza o objeto de sua adoração”.[47] Para Leiria, a

[44] Idem.
[45] LEIRIA, J. O. Nogueira. Valdomiro Souza: cantor do pago. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 18 nov. 1951.
[46] Idem.
[47] Idem.

obra em questão, patrocinada pelo 35 – Centro de Tradições Gaúchas, é uma expressão de gratidão ao Rio Grande do Sul, feita com emoção e alma, por um cantor de velha estirpe.

Cinco anos mais tarde, João Otávio volta a estudar a obra de Alcides Maya, apresentando "O vocabulário de *Ruínas vivas*"[48]. Nesse artigo, ele declara que fez uma releitura cuidadosa de *Ruínas*, anotando as palavras ou expressões do texto que, segundo Reynaldo Moura, parecem difíceis ao entendimento do leitor comum:

> Como se verá, fui rigoroso ao esmiuçar o vocabulário usado por Alcides Maya, de quem, ainda há pouco dizia Reynaldo Moura [...]: "O que prejudica a leitura de Alcides Maya em *Ruínas vivas* é o emprego de palavras fora de uso, que às vezes nem nos dicionários existem mais. É tão somente isso".[49] (AJNLT354)

Com o objetivo de compreender a única restrição feita por Reynaldo Moura ao entendimento da obra, Nogueira Leiria apresenta uma pesquisa acerca dos vocábulos encontrados em tal livro, recuperando o significado encontrado no dicionário Caldas Aulete. Ao final da lista, compara os significados de Aulete com os dos dicionaristas Cândido de Figueiredo e Padre Koehler, e conclui que

> quantas e quantas páginas de *Ruínas vivas*, entre as quais andamos fazendo essa impertinente "pescaria de pérolas", se estendem lisas e puras, sem um tropeço em qualquer termo difícil. Só quando o grande paisagista empunha a palheta do pintor, é que as palavras raras, mas sempre belas e ajustadas, nos podem levar a consultar dicionários.[50] (AJNLT354)

Para João Otávio, cada palavra está no seu lugar exato, sem cair no jargão regionalista, reproduzindo de uma forma natural o linguajar do gaúcho. Ele acrescenta ainda que essa relação vai depender do conhecimento lexical do leitor.

Dez dias mais tarde, Nogueira Leiria escreve o texto "Quixote crioulo"[51], tratando novamente de Alcides Maya, assegurando que ele apresenta certa religiosidade nas suas obras. Para Nogueira, o estilo de tal escritor circunscreve o assunto:

---

[48] LEIRIA, J. O. Nogueira. O vocabulário de *Ruínas vivas*. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 3 abr. 1956.
[49] Idem.
[50] Idem.
[51] LEIRIA, J. O. Nogueira. Quixote crioulo. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 13 abr. 1956.

> Mais acertado, talvez, seria dizer que o assunto está dentro do estilo, como a amêndoa dentro da noz. Removidos os excessos, como quem retira a casca do fruto, então se entrará em íntimo contato com o essencial da prosa de Alcides.[52] (AJNLT353)

Como uma forma de avaliar o único romance escrito por Maya, *Ruínas vivas,* João Otávio privilegia a personagem Miguelito, órfão e neto do capitão Chico Santos:

> Criado sem pais, debaixo da tutela do avô, no culto aos caudilhos e nas insinuações de surdas revoltas contra a ordem vigente e contra as injustiças sociais de que era fruto, o neto de Chico Santos ia formando, de tudo isso, a couraça protetora e as armas para cujo emprego sabia ter de apelar, nem bem ficasse solito no mundo.[53] (AJNLT353)

A partir desses comentários, Nogueira Leiria chama atenção para a descrição feita pelo autor de *Ruínas,* apresentando resumidamente a trajetória da personagem, que em meio às desilusões, ruma para a cidade e lá descobre quem era seu verdadeiro pai, envolve-se em muitas confusões, conhece prostitutas e passa a beber para vingar sua vida. Em seguida, dá relevo ao criador da personagem, afirmando que ”o encontro, a campo aberto, é uma das grandes provas de vigor da pena de Alcides Maya”.[54]

O jornalista compara Miguelito com Quixote, personagem de Miguel de Cevantes, indivíduo ingênuo e generoso, que luta inutilmente contra as injustiças, como ilustra o seguinte trecho:

> Pobre Quixote crioulo, levando, sobre o triste herói manchego, a paradoxal virtude da lucidez de consciência e as virilidades de moço, mas tão desatinado quanto aquele, o último alvo de sua ira infrene, via-o, de longe, na Casa Grande, com a vidraçaria cintilando aos últimos raios solares...[55] (AJNLT353)

[52] Idem
[53] Idem.
[54] Idem.
[55] Idem.

Ao contrário de Quixote, Miguelito, embriagado e cheio de ira, volta à antiga residência, na qual encontra-se consigo mesmo, apontando que a solução para os problemas estavam dentro dele mesmo.

Devido à publicação do livro *Estrada nova* em 1956, por Cyro Martins, o jornalista escreve um artigo que tece reflexões acerca de "Um personagem de *Estrada nova"*[56], no qual reporta-se ao Coronel Teodoro, "figura destinada a durar na galeria humana da literatura rio-grandense".[57]

Como forma de apresentar o assunto tratado no livro, João Otávio transcreve um trecho de um diálogo que, segundo ele, ilustra a ideologia de Cyro:

> De um lado, a figura do Coronel, expoente máximo do latifundiário sulino, de que há outras expressões no corpo do romance, também acusadas de "correrem a dinheiro" os pequenos proprietários; de outro lado, Janguta e os seus, a pagarem os amargos tributos de escorraçados; em defesa dos quais se apresenta o operário, que também nascera naqueles pagos e que, como seu pai, também fora antes de sentar praça, peão da Estância Velha.[58] (AJNLT365)

Para Nogueira, entre essas esferas antagônicas transcorrem as ações do romance, sem perder de vista as diretrizes históricas e sociais do povo sulino. Em *Estrada nova,* o escritor apresenta o seu mais bem acabado personagem, Teodoro, tendo mais vida que o personagem Coronel, de *Ruínas vivas,* e o Amaral, de *O tempo e o vento,* sendo ele um correspondente ao tipo dos antigos senhores rurais.

Em outro texto publicado no mesmo ano, João Otávio discorre acerca do periódico literário "*Cadernos do extremo Sul"*[59], veiculado na cidade de Alegrete (RS), o qual distingue pelas edições literárias, que já estavam no terceiro ano consecutivo:

> Trata-se, com efeito, de empreendimento editorial digno de todo apreço. Em primeiro lugar, deve-se ressaltar o esforço que tais realizações demandam sob o ponto de vista material [...]. Em segundo lugar, o movimento lançado em Alegrete, pela organização

[56] LEIRIA, J. O. Nogueira. Um personagem de *Estrada nova*. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 6 maio 1956.
[57] Idem.
[58] Idem.
[59] LEIRIA, J. O. Nogueira. Cadernos do extremo sul. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 17 maio 1956.

> de que se reveste, é único, em relação a todas as demais cidades do interior do Estado.[60] (AJNLT367)

Nogueira Leiria enfatiza a importância desse veículo, pois as afirmações que os maiores centros editoriais do País encontravam-se em capitais. A isso, acrescenta ainda a dificuldade para publicação e o fato dos escritores não conseguirem editores para seus livros. “Numa terra de poetas, o destino de suas obras é ficarem nas gavetas, já que as dos livreiros se mostram bastante reservadas ou cautelosas em se abrirem para o maior número deles [...].”[61]

Conforme o autor do artigo, Alegrete possui uma história editorialista e literária expressiva. Ele tece comentários sobre o poeta Alceu Wamosy, que publica, ainda adolescente, *Na terra virgem,* obra que marca o Rio Grande do Sul, além de *Inéditos e esparsos,* de Mário Quintana.

Tece também algumas considerações sobre os volumes republicados pelos escritores Hernani Schmitt, *Poesia e prosa,* Roberto Osório Júnior, *Versos de ontem e de hoje,* e Helio Ricejardi, com *Em busca da lua cheia,* destacando os três poetas que inauguraram as páginas dos *Cadernos.*

No mesmo ano, por ocasião do lançamento de *Preto & branco, o* jornalista fala da importante contribuição de Augusto Meyer para a cultura sulina no artigo denominado “De Coração verde a Preto & branco”[62], chamando a atenção para duas obras do referido escritor.

Nesse artigo, João Otávio transcreve uma citação de autoria de Augusto Meyer que diz: “Quem quiser ver alegre este alemão triste, fale-lhe do Rio Grande....”[63], através da qual faz referência ao autor, a quem destaca pelas produções e por ser um grande intérprete de Machado de Assis, acrescentando que ele é uma das grandes conquistas do Rio Grande do Sul no domínio do “espírito”:

> Quem conhece Augusto Meyer estará capacitado para avaliar sua cultura, uma soma de conhecimento que transcende ao que pôs em

[60] Idem.
[61] Idem.
[62] LEIRIA, J. O. Nogueira. De Coração verde a Preto & Branco. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 21 set. 1956.
[63] Idem.

> seus livros. Mais do que pelo sangue, será pelo espírito um herdeiro direto do pensamento alemão.[64] (AJNLT367)

Nogueira Leiria adiciona ainda a importante contribuição de Meyer para a compreensão crítica de obras representativas do cenário rio-grandense, como as de autoria de Simões Lopes Neto e Alcides Maya:

> Quem mais terá feito do que Augusto Meyer em proveito de uma literatura gaúcha, não só pela sua divulgação, mas, sobretudo, pela compreensão da obra de Simões Lopes Neto ou de Alcides Maya, dois motivos permanentes de sua interpretação crítica através de reiterados estudos, em livros, prefácios e jornais?[65] (AJNLT367)

Além de escritor e crítico, o jornalista destaca a atuação de Augusto Meyer no campo da tradução, referindo-se à tradução que ele fez da novela argentina D*on Segundo Sombra, d*e Ricardo Guiraldes, da Língua espanhola para a Língua portuguesa, que afirma ser "um enriquecimento de nosso patrimônio artístico e mais uma prova de plasticidade de nosso léxico".[66]

João Otávio destaca também o último livro de Meyer, então recém lançado, *Preto & branco,* declarando que a obra em questão apresenta uma temática ligada à terra sulina, como forma de manter a singular fidelidade com essa cultura, honrando as letras gaúchas.

Em outro texto, Nogueira Leiria apresenta Darcy Azambuja como "Um clássico do regionalismo"[67], trazendo a sua obra *Coxilhas,* lançada no mesmo ano de *Preto & branco,* (1956)*,* dando ênfase aos contos que, na opinião do jornalista, acredita serem os mais relevantes:

> "Arma de estimação" e "Meu padrinho", são, sem dúvida alguma, dois ou três contos que merecem ser destacados, no último livro do consagrado autor de *No galpão. Coxilhas* poderá servir de arremate da obra ficcionista definitivamente enquadrado, desde seu livro de estréia, no rol dos clássicos do regionalismo rio-grandense.[68] (AJNLT361)

---

[64] Idem.
[65] Idem.
[66] Idem.
[67] LEIRIA, J. O. Nogueira. Um clássico do regionalismo*. Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 30 set. 1956.
[68] Idem.

No mesmo artigo, o crítico cita ainda a *História da literatura do Rio Grande do Sul,* de Guilhermino César, como um clássico da literatura, apontando igualmente para a universalidade das narrativas elencadas em tal livro:

> Uma literatura que reúne valores como Alcides Maya, Simões Lopes Neto e outros de mais recente estampa, como Cyro Martins e Erico Verissimo, bem pode aspirar a essa consagração que desafia o tempo, impondo-se-lhe ao devido respeito pelo equilíbrio de suas linhas estruturais, pelo sentido do conteúdo e pela força de proteção, que é, afinal de contas, onde se alicerça a perenicidade dos clássicos.[69] (AJNLT361)

Segundo o jornalista, o segredo da literatura regionalista está na vivência e no dom do talento que escritores como Simões Lopes Neto e Darcy Azambuja possuem. Ele chama atenção para "a galeria de tipos humanos que Darcy Azambuja reúne em *Coxilhas,* emoldurando-o no classicismo de um estilo que tem a simplicidade como melhor característica [...]".[70] Dá relevo ainda às poesias recriadas a partir das lendas, como a do "Negrinho do pastoreio", que fazem parte do folclore rio-grandense, declarando que:

> o escritor de *Coxilhas* cinzelou uma das mais raras jóias do regionalismo gaúcho, ao mesmo tempo que documentou a possibilidade de renovação da poesia de nossas lendas, quando traçadas pelos punhos de um mestre digno de fazer discípulos, como o é Darcy Azambuja.[71]

No mês seguinte, em 4 de outubro de 1956, após enfatizar os clássicos do regionalismo, Nogueira Leiria apresenta o seu cânone dos "Humoristas gaúchos".[72] Nesse texto, o estudioso faz referência ao povo gaúcho, que, mesmo em meio a tantas lutas e adversidades, cultiva a brincadeira e o riso sadiamente:

> O feitio individual do gaúcho tem, sem dúvida, como mais acentuada marca, a sobriedade de palavras e gestos. É, no fundo, um meditativo e um triste. Originalmente, sentimental: emotivo, pelos impulsos, o riograndense da cidade ou dos campos não perde,

[69] Idem.
[70] Idem.
[71] Idem.
[72] LEIRIA, J. O. Nogueira. Humoristas gaúchos*. Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 11 out. 1956.

> contudo, o ensejo de dar um alce ao seu temperamento de forte, pela escápula da graça ou pela evasiva da burla.[73] (AJNLT362)

Logo após esse comentário, elenca autores e obras que tratam do tema proposto, citando, dentre eles, alguns versos do poema "Antônio Chimango", de Ramiro Barcelos (que ironiza o então governador do Estado, Borges de Medeiros), a quem salienta pela sátira política, recurso usado ao combate de ideias.

Outro autor regionalista que João Otávio apresenta é Simões Lopes Neto, com *Casos do Romualdo,* que, segundo o crítico, mesmo com conteúdo diferente, traz (através do personagem Amaro Juvenal) uma filosofia cômica. Inclui também Erico Verissimo, com o personagem Fandango, de *O tempo e o vento,* que representa

> um retrato vivo de tipos encontradiços em qualquer galpão de estância. São os contadores daqueles mesmos "causos" estilizados por Simões Lopes, que nos mostram a vida por uma face diferente, confundindo-nos por vezes o empenho que demonstramos em levá-la a sério... [74] (AJNLT362)

Além deles, acrescenta Zeferino Brazil, enfatizando os poemas de *Comédia da vida* e os versos publicados na imprensa, os quais Zeferino assinava sob o pseudônimo "Diabo do coxo" ou "Diavelo", além do último livro, *Vovó musa.*

Nogueira Leiria menciona também João Gonçalves Viana, com seu livro de estréia *Na Teobalda,* Aparício Torely, com *Pontas de cigarros,* do qual transcreve alguns versos e proclama como o maior humorista nacional, pedindo a reedição da referida obra e de outras desaparecidas, que apontam para "a glória de tão ilustres brasões".[75]

Um ano mais tarde, João Otávio relembra outros dois autores, quais sejam Ramiro Barcelos e José Hernandes, chamando atenção para suas obras Antônio Chimango e Martin Fierro, em artigo intitulado "*Antonio Chimango* e *Martin Fierro"*[76]. Nesse texto, o jornalista sugere que *Martin Fierro* teria influenciado a obra de Ramiro

---

[73] Idem.
[74] Idem.
[75] Idem.
[76] LEIRIA, J. O. Nogueira. "Antônio Chimango" e "Martin Fierro". *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 12 de jun. 1957.

Barcelos, *Antônio Chimango,* mencionando assim alguns pontos de aproximação e, posteriormente, de afastamento entre as duas obras.

Para ele, o primeiro ponto de contato entre os dois está no gênero gauchesco, mas com diferenças peculiares: *Antônio Chimango* é uma sátira, com motivos políticos e humor, enquanto *Martin Fierro* é um poema épico:

> É qualquer coisa mais profunda e mais amarga do que a sátira, do que *Antonio Chimango*, pelo menos gênero campeiro, é o mais perfeito modelo. [...]. É o reconto heróico das desditas do gaúcho argentino frente a dois fatores que então se conjugavam contra ele: a tirania de Rosas e o avanço da civilização [...].[77] (AJNLT329)

Outro ponto de interseção entre os dois, segundo o crítico, está na forma, na preferência pela quadra, sextilha e décima, uma vez que os dois poetas recorrem geralmente às duas primeiras, além do metro, pois nos dois poemas são usados versos setissílabos. Ainda que com características semelhantes, Nogueira Leiria conclui que cada autor possui uma maneira de criar o seu enredo, uma vez que a técnica do verso é pessoal de cada um.

No ano seguinte, João Otávio escreve o artigo "Rodeio das casas"[78], no qual apresenta novamente os dois autores supramencionados. Partindo da especulação da autoria da epígrafe: "Rodeio perto das casas, sempre o dono cuida mais..."[79], tece algumas reflexões acerca de Ramiro Barcelos e José Hernandes, até chegar a Zeca Blau (pseudônimo de José de Figueiredo Pinto), o autor de tais versos, que relança, em segunda edição, *Estância do abandonado.*

Para o jornalista, tal obra mostra uma construção formal primorosa, com versos bem construídos:

> Zeca Blau é um autêntico cantor crioulo, seu verso escapa-lhe dos lábios com a fluência e o sabor dos "pajadores" antigos. Tem, contudo, na sua aparente rudeza, virtuosidade de estilo, que é a parte em que o gosto artístico conduz os dons do poeta podando-lhes os excessos, corrigindo a natureza lírica [...].[80] (AJNLT329)

---

[77] Idem.
[78] LEIRIA, J. O. Nogueira. Rodeio das casas. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 28 nov. 1958.
[79] Idem.
[80] Idem.

Transcrevendo alguns versos de Aureliano de Figueiredo Pinto, Leiria afirma que entre este, Hernandes e Ramiro, pode haver identidade de escola literária, mas as distinções são intrínsecas à personalidade de cada um.

Em janeiro de 1961, o jornalista escreve um texto em que agradece pelo recebimento das mensagens de final de ano, intitulado de “Mensagem de ano novo”.[81] Nesse texto, tece algumas reflexões acerca da amizade, afirmando que esse sentimento de afeição também é uma arte e faz menção a alguns versos de Ronald de Carvalho:

> Nesse estatuário imenso, formado de correntes de todas as origens, dessedento-me à vontade. Para cada forma de sede, sei a vertente em que vou beber. E, como são tantas as fontes, prescindo de Ronald de Carvalho, naquele epigrama irônico e sentimental: “O amigo é como o vinho mais velho do teu lar. Serve-te com prudência. Ergue o copo devagar...”[82] (AJNLT426)

Nogueira Leiria se desculpa por não ter respondido a muitas mensagens recebidas e agradece a alguns amigos em especial, dentre eles, “Pery de Castro, Aparício Silva Rillo e Léo Santos Brum, que o fizeram em versos, ao melhor estilo crioulo”[83], retribui através da seguinte composição:

> Já chego um tanto atrasado,
> como quem reponta o boi
> que da ronda se extraviou...
> Mas digo: Buenas, meu Povo!
> Sempre é bom o que se foi,
> o que para trás ficou...
> Porém, um melhor retovo
> de esperança aqui vos dou:
> Paz e amor neste Ano Novo.[84] (AJNLT426)

A partir desses versos, Nogueira Leiria felicita os amigos e deseja votos de um bom ano, cheio de bons acontecimentos.

---

[81] LEIRIA, J. O. Nogueira. Mensagem de ano novo. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 27 jan. 1961.
[82] Idem.
[83] Idem.
[84] Idem.

2. 2. 2 Memórias e recordações

Outra temática frequentemente tratada nos artigos publicados por João Otávio Nogueira Leiria, na quarta página do *Correio do Povo,* diz respeito às suas memórias, as quais referenciam, além da infância, momentos importantes da sua trajetória.

Um dos primeiros textos encontrados no espólio do escritor acerca do tema intitula-se "De volta à cidade"[85], no qual Nogueira Leiria discorre sobre uma crônica que leu após uma viagem a São Francisco de Assis, intitulada "O enamorado do Brasil". Nessa crônica, o autor Reynaldo Moura faz referência a Alcides Maya. A partir dessa leitura, o jornalista relembra o momento em que conheceu Maya, ocasionalmente, no Rio de Janeiro:

> Nunca poderei esquecer a impressão que me causou quando, já nos últimos dias de sua vida, o encontrei, acidentalmente, no Rio de Janeiro. [...] A postura tranqüila e soberba [...] correspondia ao tipo que me fora descrito por amigos [...]. Não podia, portanto, perder a ocasião, que talvez fosse a última de render, pessoalmente, as homenagens que devia ao velho escritor.[86] (AJNLT352)

João Otávio conta que se apresentou a Maya como um recém-chegado do Rio Grande do Sul, afirmando que foi muito bem acolhido pelo escritor. Assim, passaram uma tarde inteira conversando num bar, época em que Maya já demonstrava dificuldade na pronúncia das palavras devido a uma aplicação de radioterapia na garganta. Diz que esse foi um momento muito marcante na sua vida e que é preciso reeditar todas as obras de Maya, principalmente *Ruínas vivas,* livro de estréia, uma vez que a última edição data de 1910.

Em outro artigo, o jornalista traz à tona as suas memórias de infância, recordando algumas viagens que fez com o seu pai quando ainda era criança, nas quais exalta a "Hospitalidade gaúcha".[87] A primeira viagem longa de que se recorda, acompanhado de seu pai, foi à cidade de Itaqui (RS), local onde pernoitaram em uma fazenda. Assim registra esse momento:

---

[85] LEIRIA, J. O. Nogueira. De volta à cidade. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 27 mar. 1950.
[86] Idem.
[87] LEIRIA, J. O. Nogueira. Hospitalidade gaúcha. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 10 ag. 1952.

> Cumprimentos, abraços, e o fazendeiro veio a mim, tomando-me a mão com jeito carinhoso. Perguntando a meu pai: "Então, este que é o homem?", já me abraçava também, soerguendo-me no ar. Disse-me que seríamos amigos, que já me esperava, aliás, mas que a Dida é que iria ficar inda mais satisfeita. E me foi levando pela mão, à frente de meu pai [...]. [88] (AJNLT412)

Entre sorrisos e afagos, foi recebido por Dona Dida, que lhe trouxe doces e conversou com ele sobre a sua vida e sobre a viagem, deixando-o, aos poucos, à vontade. Depois do jantar, conta que foram encaminhados ao quarto de hóspedes, um amplo dormitório no qual o dono da casa despediu-se dele com "um afetuoso boa noite".[89]

Nogueira Leiria relata que também foi bem recebido em outra residência, dessa vez por Dona Yaya, tendo sido acolhido como um filho. Em meio à explanação, revela que sentia falta da presença materna: "Eu tinha de ajudá-la a fazer com que meu pai casasse de novo, como sempre o aconselhava. Ela criara o enteado como filho, sorte que eu também poderia ter".[90]

O jornalista relembra ainda a terceira casa por onde passou com seu pai, em que o dono era um campeiro à moda antiga. Essa viagem foi motivada para conhecê-lo, pois o filho desse fazendeiro seria seu futuro companheiro de moradia e de estudos, em Porto Alegre.

Segundo o jornalista, essa primeira visita durou por volta de uma quinzena. Seu pai afastou-se por alguns dias para cuidar dos negócios e esse afastamento facilitou a adaptação de Nogueira Leiria àquele lar, como ele rememora:

> Tinha lugar reservado à mesa. Manhã cedo, recebia, com as crianças da casa, um copo com mel e canela, para ir beber à mangueira o apojo espumante. [...].
> Junto com os filhos da casa, recolhia as vacas de leite, todas as tardes. Participava das campereadas, recebendo missões adequadas à idade, como cuidar do sinuêlo, distribuir sal no rodeio [...].
> A merenda da tarde [...] parece me trazer ainda um sabor de comunhão afetiva. O sono, dormindo no mesmo quarto dos dois meninos maiores, [...], era interrompido pela "Taninha". Vinha nos

[88] Idem.
[89] Idem.
[90] Idem.

> chamar para tomarmos o leite quente, que ela tirava das vacas escolhidas [...].[91] (AJNLT412)

João Otávio declara que as visitas a essa fazenda ocorreram inúmeras vezes e que todas as outras vezes em que terminavam as férias e tinha de deixar aquele ambiente, achava penosa e triste a viagem de volta. Nogueira Leiria reflete sobre essas recordações e afirma que se elas, tão vivas, não estivessem ainda tão presentes na sua vida, certamente não escreveria sobre elas, referindo-se à saudade daqueles tempos de guri.

Em artigo intitulado "Uma figura do pago"[92], lembra da primeira carreira grande que assistiu, destacando a habilidade e o domínio dos cavaleiros, que lhe causaram uma impressão forte e agressiva. Nesse dia, conheceu Teodoro Lara, grande montador e gaúcho típico, com quem fez amizade:

> Ao cair a tarde, quando deixamos as carreiras, que continuariam no dia seguinte, eu trazia na lembrança a figura, os gestos e os ditos de Teodoro Lara. Não mais haveria de esquecê-lo, e nem poderia mesmo, porque me fizera seu amigo.[93] (AJNLT415)

Tempos mais tarde, após a Revolução de 1923, o poeta conta que voltou a ver Teodoro Lara em uma casa de comércio, na qual se organizava um quartel-general dos liberais, que integravam a coluna chefiada por Honório de Lemes:

> Apreciaria eu, então, daí por diante, uma nova face do caráter daquele gaúcho completo. O campeiro, que, em plena maturidade me aparecera, numa festa de carreiras montando um redomão, um valente capitão do Poncho Verde [...].[94] (AJNLT415)

Após a morte de Teodoro, Nogueira Leiria demonstra o seu carinho e a saudade do amigo, declarando que, em meio a muitas dificuldades financeiras, deixou um acervo moral em "vibração humana, rude bravura, nobreza e cavalheirismo".[95]

---

[91] Idem.
[92] LEIRIA, J. O. Nogueira. Uma figura do pago. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 6 nov. 1952.
[93] Idem.
[94] Idem.
[95] Idem.

Os tipos exemplares do Rio Grande constituem constante motivação para a escrita desses textos. É assim que em “Fim de semana”[96], o jornalista se reporta a outro gaúcho ilustre que conheceu durante uma viagem ao Espírito Santo, um octogenário solteiro, ex-comerciante da Rua dos Andradas. Segundo a sobrinha do referido homem, era o “bonitão da Rua da Praia”, não lhe faltando pretendentes:

> E assim devia ser de fato, a julgar pelos traços físicos, pela distinção dos gestos e elegante postura daquele homem que recita Goethe em alemão e logo o traduz em forma correta e fluente, falando com eloquencia que suponho corresponder aos primores do original.[97] (AJNLT423)

Conforme Nogueira Leiria, o acervo de sabedoria do referido senhor era invejável, pois passou de Goethe para os filósofos, a partir de Moisés, até Spender e Hartman, além de ler diariamente os jornais, trazendo à memória os versos de Martin Fierro: “o Diabo sabe por Diabo, porém mais sabe por velho...”. Nogueira Leiria afirma que foi difícil largar a companhia do octogenário, cuja comunicativa e serena bondade serviram-lhe para exaltar a condição humana.

Além do octogenário, apresenta outra destacada figura, Aníbal Lopes da Silva, através da qual presta a sua homenagem pelo cinquentenário do escritor “Erico Verissimo, neto de tropeiro”.[98] Por volta do ano de 1920, guri, ainda, fez uma viagem com seu pai até Rincão do Cadeado, passando no caminho por Cruz Alta. Nessa cidade, conheceu o amigo de seu pai, o Senhor Aníbal Lopes da Silva, tropeiro conhecido e querido por todo o Estado, descobrindo mais tarde que se tratava do avô de Erico Verissimo:

> Muito tempo depois de tê-lo conhecido, o severo perfil de Aníbal Lopes me foi reavivado por uma crônica de Erico Verissimo, vindo eu a saber que aquele gaúcho, que tanto me impressionara na minha adolescência, era avô do consagrado escritor rio-grandense.[99] (AJNLT330)

Tal descoberta deu-se a partir da descrição de um personagem feito por Verissimo em *O tempo e o vento,* obra realista que conta a história do estado sulino:

---

[96] LEIRIA, J. O. Fim de semana. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 10 dez. 1955.
[97] Idem.
[98] LEIRIA, J. O. Nogueira. Erico Verissimo, neto de tropeiro. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4,16 dez. 1955.
[99] Idem.

> A herança legada pelo velho Aníbal, [...],– essa herança de uma vida trabalhosa e viril palpita nessas páginas que nos falam de Ana Terra, do capitão Rodrigo, dos Amaral, e de toda a galeria humana criada por Erico Verissimo para encarnar a vida do Rio Grande desde a sua formação até os nossos dias.[100] (AJNLT330)

Assim, o jornalista mostra o seu apreço pelo consagrado escritor Erico Verissimo, um dia antes de completar cinquenta anos de vida, afirmando que suas obras têm a missão de recuperar a história de formação do Estado do Rio Grande do Sul.

Em outro texto, João Otávio relembra da viagem que fez, dessa vez de caminhão, passando pelo rio "Inhanduí"[101]. Segundo João Otávio, a ponte que corta o rio estava embaixo d'água, devido às chuvas, o que exigiu que o caminhão fosse puxado por um trator, pois a água já estava cobrindo a carroceria. Do outro lado do rio, tiveram de colocar as peças do caminhão para secar e seguirem viagem, chegando assim ao destino tão esperado: Alegrete. No outro dia, em uma roda de chimarrão, em que se contava alguns "causos", o poeta soube que

> naquela mesma picada do Inhanduí, tempos antes, se perdera uma tropa de mil reses, surpreendida por uma enxurrada repentina, ali tão comuns. Os próprios tropeiros chegaram a perder os cavalos que montavam, também levados pelas águas, e só se salvaram por se agarrarem às árvores ou saberem nadar.[102] (AJNLT330)

Nogueira Leiria confessa que só depois dos comentários dos moradores de Alegrete, que apontaram para o perigo das cheias, na qual se perderam animais e só se salvaram os que conseguiram nadar, é que ele percebeu o perigo daquela aventura.

Em outro texto, datado de 1959, Nogueira Leiria escreve sobre uma viagem que fez para Santiago, para visitar Aureliano, "O companheiro perfeito"[103], numa das horas finais de sua vida. Segundo ele, já o havia visitado algumas vezes, mas esse seria um encontro definitivo:

---

[100] Idem.
[101] LEIRIA, J. O. Nogueira. Inhanduí. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 20 abr. 1958.
[102] Idem.
[103] LEIRIA, J. O. Nogueira. O companheiro perfeito. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 29 mar. 1959.

> Não era a primeira visita que eu faria a Aureliano, desde que ele se fixara em Santiago. Mas essa seria a última. Desgraçadamente, eu iria vê-lo no seu leito de morte. E, ante a pressão do irreparável, eu evocava os dias de nossa amizade, que vinha de mais de trinta anos.[104] (AJNLT346)

Nogueira Leiria retoma as suas memórias e relata que conheceu Aureliano junto com Antero Marques, quando os últimos cursavam o segundo ano de Medicina. Acrescenta ainda que morou com os dois em uma república, relembrando com nostalgia os tempos em que tomavam mate e conversavam por longas horas sobre história, política e literatura. Afirma também que nessa época Aureliano já era consagrado como escritor.

Comovido por ver o amigo doente, Nogueira Leiria narra a cena na qual reencontra Aureliano Pinto pela última vez, às véspera de sua morte:

> E não poderei relatar a emoção desse encontro. Poupe-me, também, de referir o que senti ao chegar à casa do amigo prestes a despedir-se da vida. Após alguns momentos de preparação de todas as forças que me restavam, fui levado ao quarto do enfermo. Recostado nos altos travesseiros, tranquilamente, com um sorriso, o olhar limpo, Aureliano fez-me sentar à sua cabeceira. Sabia que costumo veranear em uma fazenda amiga, no Guassu-Boi, e me perguntou se eu viera de lá. Respondi-lhe que vinha diretamente de Porto Alegre. Depois sim, iria a Guassu-Boi recrutar os filhos, que já se encontravam a dois meses. “Então vais encontrá-los potros”, me disse. E agregou: ”O meu fez vestibular, e diz que se foi bem”. Redargui que devia confiar nas esperanças do rapaz. Não seria de balde a formação que o pai lhe dera. Objetivou-me que a pegada era dura. E, depois de perguntar-me se não achara linda aquela terra, vista do ar, agora que estava um florão, com o bom tempo, acrescentou: “Vai lá por baixo da parreira e descobre o “velho” Antero. Conversa com ele, que deve estar no mate. Depois vocês voltam”.[105] (AJNLT346)

Essa foi a última conversa que Nogueira Leiria teve com Aureliano. Na tarde do dia 22 de fevereiro, quando almoçava com Antero Marques, foram informados da morte do amigo.

Em outro texto, João Otávio rememora o passado, tecendo algumas reflexões acerca das transformações da modernidade. Ele inicia o texto descrevendo uma

[104] Idem.
[105] Idem.

viagem a São Francisco de Assis, passando por "Picada do Padre"[106], ocasião essa em que observa as mudanças dos tempos:

> Entrei a conjeturar. Quanta mudança vinha observando até ali. Já não se viaja mais a cavalo. O gaúcho trocava o amigo fiel por uma estrovenga daquelas, sujeitando-se a embarcar e desembarcar em pleno campo [...]. Pois, para mim, progresso, a custo de tais sacrifícios, mais parece esmola, ultraje a enferrujar a velha têmpera. [...].
> A gente ainda é a mesma, decerto. Mas como já se diferem os costumes.[107] (AJNLT351)

Assim, em meio às divagações, desloca seu pensamento para o passado, nos tempos em que viajava com seu pai:

> Lembro-me da vez em que nosso "fordeco" aqui encrencou. Pousamos na casa do capitão João Pereira Marçal [...]. O soba nos tratou muito bem, no entanto. Em sua casa, um grande arrancamento, que ficava escondido pelos matos, por sombras que falavam de trágicas legendas, comemos bem e dormimos ainda melhor, à espera de recursos que chegaram ao outro dia, quando pudemos prosseguir a viagem. [108] (AJNLT351)

Segundo ele, esse episódio aconteceu há mais de trinta anos, não sendo mais possível identificar a antiga casa do capitão que tão bem os recebeu em "Picada do Padre".

A lembrança de sua cidade natal é motivo para escrever o texto "Volta aos penates"[109], trazendo as recordações dos heróis do passado assisense, como Pimba Haygert, Honório de Lemos, Teodoro Lara, entre outros.

> Lindo tempo era aquele. Chega até a enflorar o meu desencanto de hoje, dando-me ganas de voltar a campo, como se fosse possível uma adaptação a processos aberrantes daquele em que se formou meu espírito, que então se emplumava de ambições de luta, mas cada vez mais firme, agora, na consciência de silenciosas renúncias. [110] (AJNLT348)

Ao longo do texto, confessa que sente saudades dos tempos remotos, manifestando a sua tristeza ao passar pelo Bairro Italiano, que segundo ele,

---

[106] LEIRIA, J. O. Nogueira. Picada do padre. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 15 maio 1959.
[107] Idem.
[108] Idem.
[109] LEIRIA, J. O. Nogueira. Volta aos penates. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 12 jun. 1959.
[110] Idem.

antigamente possuía prósperas casas comerciais, fundadas por imigrantes. Para ele, a cidade não é mais a mesma:

> Minha cidade está bastante diferente. Noto, já à chegada, que se esparrama pelas coxilhas circundantes, antes nuas, onde pastavam muitas cabeças de gado. Vacas mansas, cavalos, éguas com cria, andavam soltos, tinham querência nestes campos, antes vagos, mas agora povoados de casas [...].
> Os arredores da cidade não são mais os de outros tempos. Até a antiga "Coxilha das Tropas", por onde estas passavam sem constrangimento e a cancha de carreiras, se acham tomadas de casas, devidamente alinhadas [...].[111](AJNLT348)

A essas mudanças, acrescenta ainda o centro da cidade, que apresenta construções novas, movimentos no comércio, ruas calçadas, apontando a um futuro promissor. Contraditoriamente a isso, João Otávio critica a derrubada da igreja, na qual foi batizado e também onde se casou, deixando um imenso clarão e apagando um pedaço da história dos assisenses.

Em 1965, ano do centenário do nascimento de Simões Lopes Neto, João Otávio escreve o texto "Prosa com Blau Nunes"[112], no qual inicia o seu diálogo com o "vaqueano" e tece algumas reflexões acerca dos estados da alma pelos quais os seres humanos passam, como a angústia, o abatimento e outras emoções. Para ele, a razão desses desalentos talvez esteja

> com os poetas. Sua filosofia infusa nos indica que o melhor é deixar-nos viver. Uns, morrendo em cada verso, como Alfonsus Guimaraens; outros, "a escarrar de um abismo noutro abismo", como Augusto dos Anjos. Ou nosso Mario Quintana, quando adverte: "Minha morte nasceu quando eu nasci..."
> Mas, a ter de escolher um guia entre esses e tantos outros condicionadores de nossas próprias emoções, talvez que eu ficasse com Raul de Leoni "Educa os teus sentidos, nobremente, na sensação das coisas belas e harmoniosas..." [113] (AJNLT408)

Para ele, os motivos para esses abatimentos podem estar nas ocupações diárias, nos cuidados com a família, entre outras coisas ou encontram-se no próprio sujeito. Em meio a essas reflexões, mostra o seu lado melancólico, como se verifica no seguinte trecho: "Como vem comigo desde a infância, talvez fosse tímida mulita,

---

[111] Idem.
[112] LEIRIA, J. O. Nogueira. Prosa com Blau Nunes. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 16 abr. 1965.
[113] Idem.

que, com o tempo, passasse a crescer e a aguçar as garras, com as quais hoje me arranha, procurando cada vez mais aprofundar a cova...".[114] E acrescenta que o pior de todos os bichos é o que matou Tabiúna, o boi manso de Simões Lopes Neto – o homem.

Nogueira Leiria aponta para suas memórias de infância, tempos em que viveu no campo e, expõe que, embora tendo de sair cedo desse espaço, não se adaptou em outro local:

> Meu desajuste frente à cidade nem sempre resulta, porém, de lembranças boas ou alegres. Pelo contrário, o meu viscacha tem muito de sádico e me faz sofrer a saudade de uma infância solitária, entre canseiras de longas viajadas, tropeadas e pastoreios.[115] (AJNLT408)

Afirma então que sua saída do espaço campesino foi em função de um "canudo de bacharel". Relembra o espaço mitificado, descrevendo a natureza, os rios, as fazendas onde morou, a receptividade do povo advindo daquele lugar, e termina sua prosa com Blau refletindo sobre todas as mudanças que passou, afirmando a nostalgia do espaço mitificado:

> Poderá caber tudo isso dentro da gente? Carga pesada, cuê-pucha!... velho Blau Nunes! Desajuste? Desenraizamento? Não sei; mas tudo isso é mais do que saudade, a não ser que esta, como a sinto, use espora, que sangre, e mango para guasquear a alma...[116] (AJNLT408)

Alguns dias depois, Nogueira Leiria retoma a "Prosa com Blau Nunes II"[117], afirmando dessa vez quer entrar mais a fundo no propósito da conversa, com a personagem de Simões Lopes Neto:

> Quando foi, mesmo, que nos conhecemos? Ao que me lembre, lá por 1925 ou 26, quando deu o caso de Aureliano de Figueiredo Pinto, Antero Marques e eu, irmos numa casinha que alugáramos, aos fundos do antigo solar da Rua da Olaria. Conhecimento recente, amizade para sempre, esse que, então, fiz, valeram-me também, o meu primeiro contato contigo.[118] (AJNLT340)

---

[114] Idem.
[115] Idem.
[116] Idem.
[117] LEIRIA, J. O. Nogueira. Prosa com Blau Nunes II. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 23 abr. 1965.
[118] Idem.

Nogueira Leiria recorda que não esquece da surpresa que teve Aureliano Pinto quando soube que ele desconhecia a obra de Simões Lopes Netto, pois conhecia e havia lido muitos autores regionalistas. Foi então que Aureliano apresentou a Nogueira o livro do referido escritor.

Posteriormente, João Otávio retoma a conversa com a personagem Blau Nunes, aludindo ao centenário do autor de *Contos gauchescos*:

> "querido digno velho! Saudoso Blau!" Agora mesmo comemoramos o centenário de nascimento daquele que te consagrou na memória dos pósteros [...]. Para a memória deste, acredito que, como no caso de Hernandes, teu nome torne mais significativa a homenagem, na qual tua lembrança se confunde com a do contador de tuas histórias – "causos" – como ele não se esqueceu de dizer que as chamavas.[119] (AJNLT340)

Dessa forma, ele declara que já conhecia alguns "causos", mas que desconhecia a autoria das narrativas. Ao longo do texto, João Otávio comenta o paratexto da obra, chegando até a dedicatória do livro a, seu pai. Para o jornalista, "essa homenagem também se incorporou ao patrimônio do Rio Grande. Nela veremos sempre uma trindade indestrutível: o rapsodo crioulo, seu pai, e tu [...]"[120], referindo-se a Blau Nunes, a personagem central de Simões Neto, a quem homenageia pela memória perspicaz, carregada do dialeto gauchesco.

2. 3 CORRESPONDÊNCIA

O valor da correspondência como objeto de estudo em acervos históricos e literários vai muito além de uma simples troca entre emissor e destinatário. Na correspondência, surgem assuntos variados, tanto em âmbito pessoal como profissional, com revelações e contribuições de muitos sujeitos, dentre eles, amigos e intelectuais do autor, trazendo informações que correspondem a uma valiosa fonte de conhecimento cultural, literária, política e histórica.

[119] Idem.
[120] Idem.

O Acervo do escritor João Otávio Nogueira Leiria deposita aproximadamente cento e vinte e cinco correspondências que foram destinadas a ele, que compreendem a denominada correspondência passiva. Tais documentos são de natureza diversa: cartas (manuscritas e datiloscritas), bilhetes, convites, telegramas e postais.

Como há uma quantidade variada de emissores, para esta proposta de estudo foram selecionadas passagens das cartas de dez correspondentes, iniciando-se pelas que constituem maior número, das quais destacam-se Cyro Martins, com doze cartas, seguido de Manoelito de Ornellas, com três; José de Figueiredo Pinto, com três; José Salgado Martins, com três; Pedro Vergara, com duas; Ari Martins, com duas; Romagueira de Oliveira, com duas; Marieta Mena Barreto Costa, com duas. Além dessas, mencionam-se as cartas recebidas de Carlos Reverbel (uma carta) e Walter Spalding (uma carta).

2. 3. 1 Cyro Martins

Cyro Martins nasceu em Quaraí, Rio Grande do Sul. Foi psicanalista e escritor, tendo publicado livros de contos e romances, dentre eles a chamada *Trilogia do gaúcho a pé*, composta pelas obras *Sem rumo*, *Porteira fechada* e *Estrada nova*.

No início da década de 1930, Nogueira Leiria conheceu Cyro Martins e estabeleceu com ele uma amizade que perdurou por toda a vida. Os dois jovens escritores, além de terem nascido no mesmo ano (1908), tinham em comum algumas vivências, como o fato advirem do interior do Estado para estudar em Porto Alegre aos onze anos de idade, abandonando o campo, local repleto de boas recordações.

A primeira carta de Cyro para João Otávio data de 11 de fevereiro de 1933, um ano após o poeta ter lançado *Campos de areia.* Cyro afirma que receber as cartas de Nogueira Leiria é motivo de incentivo, uma vez que nessa época escrevia a sua coletânea de contos *Campo fora,* difícil trabalho de produção literária, com data marcada para terminar, como se evidencia no seguinte fragmento:

> Não preciso que te diga, as tuas cartas têm sido os meus grandes ecitadores para a grande arriscada. Tenho trabalhado muito nestes últimos dias, aproveitando a boa temperatura deste verão original. Já passei à máquina quase a metade dos contos. O trabalho é insano, como sabe, de experiência própria. Mas, graças à proteção dos divinos [...], tenho arremetido com ânimo. Como vês, estou levando a cousa a sério. Às vezes, bate um desanimosito, mas ergo a rédea, olho o caminho e não desespero. Assim, pretendo estar com tudo pronto a 28 de fevereiro. E depois de pronto, que vá, como assinalando um fim de ciclo. (AJNLT1063)

Através das cartas, também é possível constatar os fortes laços de amizade entre os dois escritores, que planejavam encontros, como ilustra o trecho em que combinam uma viagem para Nogueira Leiria conhecer a cidade de Alegrete (RS), ocasião em que também trocariam ideias sobre os contos escritos por Cyro:

> Se quiseres realizar o nosso plano de Alegrete, avisa logo [...], agarra uns cobres suficientes pra passagem até Severino Ribeiro[121], o que é muito pouco, me avisa uns seis dias antes, e monta no picaço em Jacaquá[122]. Na volta, iremos juntos, pois pretendo ir embora o mais cedo possível. Assim, verás os amigos de Alegrete, conhecerás mais este pedaço de chão, e leremos os contos com calma, cortando e aumentado, segundo o preceito clássico de que não há arte sem sacrifício. (AJNLT1063)

Outra característica evidenciada através da leitura das epístolas refere-se à troca de opiniões acerca das leituras e releituras que realizavam. Amante do regionalismo tanto quanto Leiria, Cyro menciona a obra *Crônicas e ensaios*, de Alcides Maya, que provavelmente teria sido assunto de carta anterior:

> Conheço o ensaio do nosso sempre amado velho Alcides, a que te referes. Li-o há mais de cinco anos. Por isso, preciso voltar a ele. [...] Não fui ao fim porque me demorei repetindo muitos trechos, e o tempo migrou, do estudo da graça. Mas deu para avaliar bem o seu alto valor. (AJNLT1063)

Além de autores regionalistas, liam também obras de autores clássicos, dentre eles, do francês Gustave Flaubert, como afirma Cyro:

> Estou relendo *Salambô*. E o impresso faz de espátula marcando os capítulos transpostos naquele ímpeto ofegante com que se lê Flaubert.

[121] Severino Ribeiro é a estação ferroviária do município de Quarai (RS).
[122] Jacaquá é a estação ferroviária do município de Alegrete (RS).

No dia 20 de maio de 1933, Cyro Martins escreve outra carta a Nogueira Leiria, na qual se refere novamente à escrita de *Campo fora*, já avaliada por Augusto Meyer, que seria lançada meses mais tarde, como se pode observar no fragmento:

> *Campo fora*. Não sei se te agradará o batismo, mas foi o único que me ocorreu, embora campiasse muito. E mais ou menos me satisfaz. Já está na livraria e aparecerá de julho a setembro. São onze contos. O Lino está fazendo a capa. O Meyer tem se poetado à altura. Leu e gostou. (AJNLT536)

Após dar a notícia da publicação de seu livro, o quaraiense conta a visita que ele e Augusto Meyer fizeram ao intelectual Alcides Maya, o primeiro gaúcho a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Ao narrar o fato, Cyro demonstra toda sua emoção e animação decorrente desse encontro:

> A grande nova é tão grande e tão boa que compensa as muitas misérias destes dias. O velho Alcides está nos pagos. Visitei o velho Alcides, e continuo visitando. Fui com o Meyer. Nos esperou na porta do elevador, manso e simpático. Um abraço no conhecido velho e outro no novo que se apresentava. [...] Assim, de chegadas normais, tive que abrir amplamente a inteligência, num esforço de compreensão, sentindo que estava diante de um homem que tem muito de inédito, porque é desses rarissimos que vivem solitários na elevação do seu pensamento, vendo horizontes que os olhos vulgares não atingem. (AJNLT536)

Entusiasmado, Cyro conta cada detalhe da conversa que teve com Alcides Maya, revelando que esperou algum tempo para conseguir entrar no clima da conversa com o tão talentoso e consagrado escritor:

> Fiquei tempão tímido e quieto, conhecendo bem o velho mestre que há tantos anos conhecemos.
> Depois, o Meyer encaminhou... Li o *Fim de Batalha*. Mandou que lesse devagar. Nunca tive emoção tão alta. Li, nem sei se li mal ou bem. Comentou. Agarrou o papel, e leu em voz alta para todos. Fixou-se nas palavras, nos períodos, na paisagem, no personagem. Analisou. E arrancou daquilo coisas que eu não sonhava estivessem ali dentro.
> Pediu mais. Prometi. O outro dia ele disse ao Meyer que não esperava encontrar disso por aqui, e que estava surpreso.
> Depois disto, o que mais queres? (AJNLT536)

Esses encontros prosseguiram e, em determinada ocasião, Cyro relata como foi a recepção dos poemas de Nogueira Leiria, *Campos de areia,* por Alcides Maya, transcrevendo alguns comentários tecidos pela reverenciada personalidade:

> Dois dias depois desses encontros, voltamos levando alguns livros dos nossos rio-grandenses, entre eles os *Campos de areia*. O Meyer leu, e muito bem, “Rumo ao sol”. “Está bom, está bom!”. Leu “Ao tranco”. “Esse é o tipo de regionalismo ideal. É a alma do artista sentindo o pampa, porque o pampa é tudo, é a coxilha, a grota, o umbu. Eu senti isso que está aí.” (AJNLT536)

Cyro continua reproduzindo as manifestações de Alcides Maya, evidenciando agora a sua vasta cultura acerca da origem da indumentária e do folclore gaúcho:

> “E sabem donde é originário o fumo amarelinho? É turco. Foram os turcos que o trouxeram. Mas ele se acrioulou aqui. E a bombacha? É árabe. Era usada pela cavalaria ligeira. E a gaita? É slavóide. E o boi barroso? A música é alemã, o motivo é nosso. E o umbu? É boliviano. Aí está a sua linha de demarcação, descendo das Missões para o sul. Mas não admito que se diga que o umbu não é gaúcho. Onde há um umbu, há uma recordação humana.”
> Daí passou para o Negrinho do pastoreio, ”que é uma pastoral”, e falou hora e meia sobre as lendas rio-grandenses. Como vês, o velho estava num dos seus dias solares. (AJNLT536)

O autor de *Campo fora*, ao comentar o outro dia de visita ao escritor, transcreve novamente as palavras de Maya acerca de *Campos de areia,* que mostram a identificação de Alcides com o homem sulino:

> “Dos livros que me trouxeram, tenho lido este.” E desencavou os *Campos de Areia*. “Este poeta me agrada. Vou folhear ao acaso, porque sou irreverente com as páginas.” E leu o “Velho Blau”. ”Como isto é gaúcho!” Leu o “Bolicho”. “Como eu conheço este índio quieto!” [...]. Vi bem a alta, sincera emoção do bichão velho ao ler os teus versos. (AJNLT536)

A partir dessa apreciação que revela a boa aceitação de *Campos de areia,* Cyro exalta a obra do amigo:

> E agora, poeta, pra que outro leitor? Li depois “Tesouros”. Ele me disse tanta cousa, poeta! E fez deixá-lo com ele para me dizer mais ainda. Mas não resisto à vaidade humaníssima de reproduzir duas cousas apenas... “Se esse fosse um iluminista, ilustraria o seu conto.” Disse mais, várias vezes, já na porta do elevador... “Quer que eu arrume um editor no Rio?” (AJNLT536)

Em outra carta, datada de 1º de julho do mesmo ano (1933), percebe-se que, além de temas literários, eles também tratam de assuntos de ordem pessoal. Nessa, Cyro diz ao amigo, em tom humorístico, que sabe dos seus futuros planos amorosos: “Percebi que queres torcer a cousa para um outro rumo. É capaz de dar mel grosso! [...]. Quer dizer que, mui breve, casadito?” (AJNLT483). No mesmo ano, Nogueira Leiria havia noivado com Marina Barradas, vindo a casar-se com ela três meses mais tarde.

No ano de 1934, Cyro forma-se em Medicina e retorna a sua cidade natal, Quaraí, para exercer a profissão. A distância entre os dois amigos será superada pela correspondência. Assim, o médico escreve uma carta composta por quatro páginas a Nogueira Leiria, datada de 15 de junho, na qual informa ao amigo as leituras com que se ocupa, como a novela que havia acabado de ler, escrita pelo russo Elias Erenburg**:**

> Fechei a novela russa de Elias Erenburg, escritor novo, e me quedei, estranho à paisagem da minha janela, fruindo o prelúdio mental das sestas que os burgueses não conhecem. Que traço fundo e doloroso e exato, o do novelista, ao vincar o perfil miserável de um velho professor de Liceu que o soviet atirara à misantropia de uma habitação coletiva, num arrabalde de Moscou! (AJNLT465)

Na mesma carta, o romancista discorre acerca de uma poetisa que conheceu em Quaraí, Dona Ofélia. Por intermédio dessa mulher foi apresentado à poesia do Uruguai e da Argentina, afirmando que poetas novos de valor lá não há, além de demonstrar a sua preferência pelo verso livre bem construído:

> Não gostei dos que li. [...] Lá como aqui, medra viçosa a praga dos poetatos violadores do sutil encanto do verso livre. Com este, cada vez mais me integro. Me faz mal a consonância de uma rima. E me custa justificar não tivessem os grande inspirados – Bilac, Vicente e poucos outros – na ânsia perpétua da perfeição que os devorava, alcançado em que consiste o arcano máximo da poesia. (AJNLT465)

Em outra passagem, mostra a sua preferência também por Charles Baudelaire, tecendo uma comparação entre a subjetividade de *Flores do mal* e *Crônicas e ensaios,* de Alcides Maya, como evidencia a passagem:

> Há dois dias, numa tarde de chuva, propositalmente olvidamos os alheios sofrimentos, para com o mais louvável egoísmo, sugar a

> beleza imortal das *Fleurs du mal*. Depois de Alcides, na charla e nas "Crônicas e ensaios" sempre relidos, Baudelaire foi o único que me deu sensação incontrastável de universo. Universo que é o caos, é nebuloso, e é simetria a um tempo, é mundo que se destrói e é mundo que nasce.
> Sei bem não estranharás a associação Baudelaire–Alcides. Entretanto, deixa-me esclarecer o meu conceito. Refiro-me ao subjetivismo de ambos, a ideia não expressa, por ser poderosa demais para ter símbolo, que te adivinha dentro, encoberto, atrás, como quiseres, de cada crônica de cada verso. (AJNLT465)

No dia 4 de janeiro de 1937, João Otávio recebe outra correspondência, na qual Cyro anuncia que irá para o Rio de Janeiro, local em que será editada a sua novela *Sem Rumo,* declarando que se interessa pela opinião do amigo acerca dos novos acontecimentos:

> *Sem Rumo* será editado no Rio. Penso chegar a tempo de revisá-lo. De lá escreverei em seguida. E assim que tomar pé no ambiente, me porei à disposição para te prestar qualquer serviço. [...] Tenho interesse em saber o que pensas disto tudo. (AJNLT503)

Morando e estudando no Rio de Janeiro, Cyro Martins lança na Capital Federal o seu livro *Sem rumo,* oferecendo um exemplar ao amigo Nogueira. No mesmo ano da correspondência anterior, mais precisamente no dia 2 de julho, ele escreve a João Otávio pedindo que mande algum texto para publicação na *Revista Boletim de Ariel,* de preferência uma crítica sobre a obra recém publicada:

> Poeta velho, se escrever alguma coisa manda pra mim, em seguida, a fim de sair no *Boletim de Ariel*. Não tens algum poema ou alguma prosa? Tem sim! Manda logo.
> O *Boletim* está anunciando muito bem o meu livro. Pena é que seja uma revista pouco lida no Rio Grande do Sul. No Norte, entretanto, tem vasta circulação [...].
> Espero, ansioso, a tua opinião. Escreve um artigo sobre *Sem rumo* (pois são poucos a quem me interessa que dêem opinião) e manda em seguida para sair aqui. (AJNLT472)

Em outra carta, Cyro denuncia a saudade do companheiro e a falta que sente da conversa franca:

> A lembrança do amigo, do amigo que será sempre amigo, do qual seria absurdo esperar uma decepção, esboçou-se no fundo azul-meta-fisico da memória, planou no céu interior e me acenou para uma prosa, mas uma prosa prata, onde os imbecis se sentissem mal. Atendi ao amável invite. Que prazer sem igual dirigir-se a gente

> a um homem de talento, diante do qual não se precise pedir vênia para falar das intangíveis espirituais! (AJNLT465)

A partir das palavras de Cyro verifica-se que, além de apresentarem características semelhantes, possuíam total liberdade para trocar ideias sobre assuntos variados. A amizade entre os dois é visível e a paixão é a mesma: a literatura sul-rio-grandense.

2. 3. 2 Manoelito de Ornellas

Manoelito de Ornellas, natural de Itaqui, Rio Grande do Sul, foi jornalista e escritor. Tendo muitas obras publicadas, foi também professor interino da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, redator-chefe de *A Federação*, de Porto Alegre, além de diretor da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul e presidente da Associação Rio-grandense de Imprensa.

Manoelito conheceu João Otávio na década de 1940. A relação de cumplicidade entre os dois fica evidenciada na troca de opiniões sobre as suas produções, como nesta carta, escrita em 3 de novembro de 1941, em que Manoelito mostra o interesse pela tradução de *Martin Fierro,* trabalho que estava em andamento:

> Meu caro poeta:
> Desejo ler os originais de tua tradução de *Martin Fierro*. Seria possível?
> Gostaria de ver teu trabalho e, depois, te falar sobre ele.
> *Martin Fierro* em português não pode ficar nas gavetas... (AJNLT504)

Em outra carta, não datada, Manoelito volta a se pronunciar acerca de *Martin Fierro.* Provavelmente ele havia solicitado ao poeta que traduzisse alguns versos do poema épico:

> Desejo dar quinta-feira o estudo sobre Hernandes, que te dei para tradução e alguns versos teus de *Martin Fierro*. Posso adiar para amanhã? (AJNLT464)

Mais tarde, com data de 10 de outubro de 1968, ano em que Nogueira Leiria publicou *Rincões perdidos,* Manoelito escreve uma longa carta ao poeta. Com um traço cuidadoso, ele demonstra toda a sua sensibilidade e habilidade ao manipular as palavras, revelando sua atenção ao lirismo das obras:

> As cartas que agradecem livros, tomam, às vezes, as características de uma "fórmula", e a promessa que se representa pela causa "que lerei com simpatia", sempre me pareceu desonesta. Costumo ler os livros que me mandam. Mas, quando esses livros têm a mensagem lírica mais alta, eu me deixo arrastar pela emoção atingida, embalado pelo ritmo e deslumbrado pela beleza. (AJNLT463)

Ao declarar o seu encanto pela poesia bem construída, Manoelito refere-se à obra então recém lançada *Rincões perdidos,* que destaca, com entusiasmo, pela forma e pela originalidade:

> Teus *Rincões Perdidos* foi um reencontro contigo, poeta dos *Campos de Areia* e reencontro com o meu Rio Grande xucro, aquele Rio Grande que eu deixei na Fronteira, o Rio Grande de Itaqui e de São Chico. Li e reli teu livro. Livro maduro. Livro válido. Livro pleno de poesia, daquela poesia que ninguém conseguiu nem conseguirá desterrar, sob o pretexto de "novos tempos" e "novas formas". (AJNLT463)

Após elevar os versos do poeta, Ornellas afirma que a arte é atemporal, como se verifica no trecho abaixo:

> A arte não é um carro de combate que qualquer aventureiro possa, impugnamente, atrelar ao seu séquito em marcha. A Arte, perene, é eterna. E sua eternidade vem dos profundos mistérios do Tempo. (AJNLT463)

Manoelito também nasceu na Campanha, na cidade de Itaqui (RS), local onde teve as suas experiências com a vivência campeira, escutando as lendas oriundas do ambiente rural sulino. Ao ler as poesias de Nogueira Leiria, ele se identifica com a "querência", como confirma através de suas palavras:

> Tua poesia é tocada pelo que de mais entranharal traz o homem na sua alma. Tua poesia é minha. Pelo que exijo de poesia e pelo que me toca, da terra comum e das raízes da raça. Nossos pagos. Nosso chão, nosso Céu! Onde, em que quadrantes da orla, outros iguais! Teu gaúcho é o meu, "vincado de profundo traço mouro".

> Teus heróis invocados – aqueles que também me atingiram, no culto devocional [...].(AJNLT463)

Após transcrever uma passagem do poema “Sepé Tiaraju”[123], ele comenta, através de uma linguagem carregada de lirismo, o texto que faz referência ao espaço mitificado do gaúcho:

> Nosso Tiaraju, nosso, Nogueira Leiria, como o próprio chão que pisamos, como a água de fonte, que bebemos na folha do inhame, prateada, no fundo, como se a lua derramasse ali a doce ternura de sua luz macia. (AJNLT463)

Através das palavras de Manoelito, percebe-se que os dois possuíam muito em comum além da amizade, como as memórias de infância e a vivência no campo, que é proferida por Manoelito através da citação do fragmento do poema “Fidelidade”, que compõe a obra *Rincões perdidos:*

> “Integrado no meu chão,
> dele sei todo acidente.
> Trago a imagem do rincão
> como feita a ferro quente.
> Marcado fui, na verdade,
> marcado pelo destino.
> Não traio a fidelidade
> ao meu mundo de menino.”
> Verás na “Terra xucra” – o mesmo protesto de amor. (AJNLT463)

Os versos proferidos por Manoelito apontam para uma amizade que tinha como ponto de encontro o mesmo interesse, qual seja: a literatura produzida no Rio Grande do Sul.

2. 3. 3 José de Figueiredo Pinto

José de Figueiredo Pinto, irmão do romancista Aureliano de Figueiredo Pinto, nasceu em Tupanciretã (RS). Ao longo da vida exerceu cargos públicos na cidade de Santiago (RS). Atuou também como poeta regionalista e membro da Estância da Poesia Crioula, com alguns livros publicados sob o uso do pseudônimo Zeca Blau.

---

[123] LEIRIA, João Otávio Nogueira. *Rincões perdidos*. Porto Alegre: Sulina, 1968.

A primeira carta de José Pinto a Nogueira Leiria data de 13 de agosto de 1937. Nessa missiva, José declara que recebeu a obra que lhe foi ofertada, *Campos de areia,* afirmando ser um livro incomum e bem elaborado:

> Acuso, hoje, com real alegria, a sua cara epístola de 4-7-1937 e, com ela, a dádiva magnífica de seu empolgante *Campos de areia:*
> [...] Neste altiplano, criado de torturas da terra, tenho lido e relido, à noite, junto aos meus, ao gozo da lareira, o seu admirável livro de poeta gaúcho de rara e fina estirpe.
> As suas trinta e seis produções poéticas, que são trinta e seis gemas fulgurantes da genuína poesia pampeana, estesiam-me o espírito e falam-se à alma de crioulo autêntico. (AJNLT547)

Criado em meio ao espaço rural, José Figueiredo identifica-se com a temática rural dos versos de Nogueira Leiria e volta a sua memória ao passado, lembrando-se com nostalgia do tempo em que viveu no pampa:

> Fui tropeiro e, portanto, andarengo, palmilhador de coxilhas e rumos.
> “Ao Tranco”, “Volta”, “Galpão”, “Ronda”, “Andarengo”, etc... quanta evocação me despertaram!
> “Tento velho”, “Churrasco”, “Noite de chuva”, “Missões”, “Cinamomo”, “Canção do índio vago”, etc... que saudades me trazem ao coração de guasca insulado em colônia! (AJNLT547)

Em outra carta, não datada, José menciona novamente o recebimento da obra *Campos de areia,* elogiando a forma dos poemas que apresentam o espaço idealizado do gaúcho:

> Chegou, afinal, no meu rancho o seu livro. Agradeço-lhe a [...] lembrança.
> E eu que já cortei sua querência, aos seus *Campos de areia,* na marcha sem pressa das tropiadas longas, não julgava que dessem – [...] – fletes daquela estampa, com aquele luxo de aprumos e relevo de sestros! (AJNLT540)

Figueiredo Pinto menciona ainda a musicalidade dos versos, afirmando que “com o espírito que de todo não se desligou do embalo dos velhos ritmos, tirei o zaino negro “Violão” [...], sem que com isso escureça a galhardia dos demais” (AJNLT540).

Cinco anos mais tarde, com data de 10 de outubro de 1942, período em que Nogueira Leiria já atuava como jornalista do *Correio do Povo,* Pinto escreve outra epístola ao poeta, a quem ele referencia através dos versos:

> Dê-me licença meu patrício
> Pra enviar-lhe o meu abraço
> Por uma prosa no *Correio*
> – que lindo tiro-de-laço! (AJNLT486)

Irônico, o autor da carta brinca com João Otávio, que agora vive na Capital do Estado, despedindo-se dele com um típico abraço gaúcho:

> E agora quando eu for por essa cidade, você vai de vaqueano balizando-me as zonas em que eu não devo andar para evitar "incursão por sendas vedadas de austera conduta..."
> Outro abraço rinconeiro do índio velho pajuerano [...]. (AJNLT486)

A partir da leitura das cartas de José de Figueiredo Pinto, constata-se a relação de amizade sincera e cumplicidade existente entre os dois amigos.

2. 3. 4 José Salgado Martins

José Salgado Martins nasceu em Porto Alegre. Formou-se em Direito, atuando como Procurador da Justiça Militar Federal. Foi membro do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul e ensaísta, tendo escrito vários artigos sobre Direito e sobre Literatura.

A primeira carta ao amigo Nogueira Leiria data de 18 de fevereiro de 1937. Nessa carta, Salgado pede desculpas pela demora em enviar a epístola e parabeniza-o pelo nascimento de seu segundo filho, Reinaldo Barradas Leiria, ocorrido no ano anterior:

> Na certeza de que saberás perdoar a minha grande falta e não te agradecendo a participação do nascimento de teu filhinho, venho hoje penitenciar-me dessa culpa e, embora tardiamente, rejubilar-me pelo aparecimento do varãosito que vai perpetuar o teu nome e honrar o patrício de inteligência que lhe deixarás. (AJNLT1064)

Aproximadamente quatorze anos após o envio da primeira carta, datada de 23 de dezembro de 1951, Salgado escreve outra, na qual recorda o poeta de que guardara alguns manuscritos, provavelmente esquecidos em algum encontro entre amigos, da obra que seria editada anos mais tarde, *Rincões perdidos*:

> Quero lembrar-te a cópia de teu "Negrinho do pastoreio" e "Boi barroso", também da poesia de Figueiredo Pinto ("Gaudério", se não me engano), que recitaste, naquela noite, na casa do Abade. (AJNLT519)

Em outra carta, não datada, Salgado Martins pergunta ao poeta sobre um texto que seria publicado no *Jornal da Manhã* e que discorreria acerca de Alcides Maya:

> Disseram-me que o teu trabalho sobre o velho Alcides apareceria sem os suplementos originais da "Manhã", jornal de Cassiano Ricardo. Lembrei de pedir que enviasse [...]. (AJNLT470)

Salgado Martins e Nogueira Leiria compartilhavam vivências e ideias semelhantes, além da amizade verdadeira e convivência que mantiveram, dividindo muitos momentos de suas vidas.

2. 3. 5 Pedro Vergara

Pedro Vergara foi advogado, poeta, professor e jornalista, tendo sido também Deputado Federal, na década de 1930, além de Promotor Público e Procurador da República. Fundou e dirigiu o jornal *A Época* e *A Federação*, ambos de Porto Alegre, e, no Rio de Janeiro, dirigiu *A Nação* e a *Revista Ciência Política*. Fundou também o Instituto Brasileiro de Cultura e o Instituto de Ciência Política. Sua extensa bibliografia inclui poesia, crítica, ensaios, estudos e artigos de direito e de política.

Depois de receber e ler o recém publicado *Rincões perdidos,* Pedro Vergara escreve, no dia 27 de outubro de 1968, uma carta a Nogueira Leiria, na qual compara a vivência campeira deste com a de Aureliano de Figueiredo Pinto, expressa nos poemas de ambos:

> Foram dois irmãos, de fato, e as suas vidas e as suas almas hauriram, por anos a fio, quem sabe, as mesmas sensações do espaço e do tempo, juntas contemplaram idênticas – paisagens, e

> tiveram a oportunidade de rezar juntas no altar das tradições comuns. (AJNL T506)

A semelhança entre as duas temáticas é anunciada quando Vergara estabelece uma comparação entre *Armorial de estância e outros poemas,* escrita por Aureliano, e *Rincões perdidos,* de Nogueira Leiria:

> É assim no Armorial[124], como nos Rincões, a estância é o tema dessas tertúlias da sensibilidade. [...].
> No Canto do Ibicuí, é audível a voz desse encontro; é quando o poeta dos Rincões repete, de modo ostensivo, no soneto V, do poeta do Armorial, e como que embarca em suas evocações [...]. Todavia, a semelhança que há, na poesia de um e de outro, é apenas essa das motivações; e o que parece, realmente identificá-los, são os motes vivencias, as mesmas lembranças – da mesma vida, nos mesmos rincões inefáveis. Aureliano pode, portanto, ver, amar e expressar o Rio Grande de uma forma, e o poeta dos Rincões de outra.[125] (AJNL T506)

Ao tecer os comentários sobre os poemas dos dois poetas gaúchos, Vergara complementa a sua explanação acerca do tema, afirmando que a poesia, em sua opinião,

> é tanto mais válida, quanto mais difícil, pois nada é mais ilusório, às mais das vezes, do que um regionalismo literário, em prosa ou verso, à base de expressões e modismos gauchescos. Ritmadas ou rimadas as frases, no linguajar bárbaro do povo rural, ostenta-se uma aparência de poesia, que está ínsita no exótico e no imprevisto vocabular, tornados sedutores, aceitáveis e envolventes, pela musicalidade, ou ainda, quanto gostados à distância, pela substância intrínseca de uma tradição romântica, feita das remembranças heróicas, ou idílios campestres. (AJNL T506)

Vergara acredita que se a poesia regionalista não for bem trabalhada, tendo um cuidado com o emprego do vocabulário, pode perder a sua originalidade. Ele avalia *Rincões perdidos* e afirma que a obra é um depoimento para a história, pois,

> Os quadros que pinta, nessa espécie de retrato falado, que a moldura retangular do soneto aprimora para a posteridade, ficarão, vivos e permanentes, no futuro, e continuarão, redizendo e refazendo, em cada verso, [...] as imagens pretéritas, já dissipadas, [...] que através do verso, [...] terão a doçura e o deleitoso da

[124] Todas as palavras destacadas foram grifos do correspondente Pedro Vergara.
[125] Os destaques da citação são transcritos da carta original.

> recordação [...]. Você não se esbaldou em esforços artificiosos, mas pode e soube reconstruir a estância, como fora e como será. (AJNL T506)

O correspondente faz uma apreciação da segunda parte da obra, “Canto do Ibicuí”, assegurando que

> O Canto do Ibicuí é como que a comprovação gráfica desta separação que o tempo assegura, mas que, de fato, nunca existiu, porque, em verdade, o que há, no livro, como no espírito do poeta, é prosseguimento e continuação da história, que vem do passado, e o traz nos seus resíduos e sentimentos ou sedimentos, e que deixa agora a estância, e segue ao encontro de novas emoções que a sua evocação acorda. (AJNL T506)

Pedro Vergara afirma que esse sentimento localista que existe no povo gaúcho, transmitido de geração em geração, está muito evidente nos versos de João Otávio. No decorrer da carta, ele comenta os sonetos V, VI e VII, fazendo referência à sensibilidade do poeta de *Rincões,*

> missioneiro até a medula dos ossos, e dadivoso, cavalheiresco, e seguro de seu valimento, recolhe os sentimentos mais belos do pago subjacente em seu coração[...]. Agora chego, propriamente a ele, já repousado de suas batalhas, – já restituído à sua simplicidade; agora vou entrar na alma lírica do poeta, essa alma infantil, que nada mais sabe de entreveros e escopetas, que sabe, como poucos, transmitir a emoção que os estados de poesia lhe despertam. (AJNL T506)

Vergara faz também uma explanação dos poemas que foram escritos a partir da interpretação das principais lendas que compõem o folclore sulino, como “Teiniaguá”, “Boi barroso”, elegendo “Negrinho do pastoreio” como o mais perfeito:

> Quando li o Negrinho do pastoreio tentei, logo, segundo hábitos já registrados, fixar a primeira revelação que me surpreendia, e lá está: “Este é o melhor Negrinho do pastoreio da poesia gauchesca, melhor, até, que o de Augusto Meyer, que é uma obra prima.” (AJNL T506)

Ao final dessa epístola, composta por dez folhas de seda caprichosamente datilografadas, fica evidente o respeito, a amizade e o carinho que Pedro Vergara tinha pela pessoa de Nogueira Leiria, como mostra o seguinte trecho:

> Mas espero que você não duvide, por um ápice de segundo, sequer, da sinceridade que ponho nas palavras, e de quanto me foi agradável o conhecimento renovado e inexaurível do seu estro. Receba, meu caro companheiro, ainda uma vez, o meu abraço caloroso de aplauso e louvor, e os votos de um gaúcho que não sabe faltar, nem mentir aos amigos, e a ninguém, para que os Rincões perdidos sejam os rincões de reencontro, como foram e – são para mim, para todos aqueles que deixaram a terra do seu berço distante, e a tornam , por isso, mais apetecida e mais bela. (AJNL T506)

Em outra carta, datada de 4 de novembro de 1968, Pedro Vergara assegura que não gostou da apreciação que fez da obra *Rincões perdidos* na carta anterior:

> [...] fiz uma apreciação demorada [...], e não gostei do que fiz: saiu-me o trabalho difuso e dispersivo, quando me cumpria dizer menos, dizendo melhor, sem tantas palavras e com mais substância. (AJNL T505)

Segundo Vergara, essa carta se propõe a dizer mais com menos palavras. Ele afirma que na época em que Nogueira Leiria escreveu *Campos de areia,* (1932), o poeta ainda era muito jovem:

> Você deixou muito longe, embora sem desdouro, os Campos de Areia, em que rompia os liames e preconceitos das velhas fórmulas, [...], olhando e sorrindo para os horizontes da poesia moderna, a que juntava a sua voz de juventude e rebeldia. (AJNL T505)

Para Vergara, *Rincões perdidos* apresenta maturidade, transmitindo o amor pela sua terra e pelo seu povo através dos versos que apresentam a emoção da experiência vivenciada:

> Os ritmos, as rimas, os assuntos podem parecer cansados e dessuetos, mas não o serão em verdade, se o poeta lhes incutir, a ferro em brasa, o cunho de um sentimento que é seu, o calor e a alma que é sua. (AJNL T505)

A obra adquire, assim, valor quando o poeta deixa a emoção falar mais alto, trazendo as lembranças afetivas da infância e da mocidade, recordações que fazem parte da memória do povo sulino. E conclui: “você plasmou nesses poemas, tão seus, e tão nossos, tão do poeta, mas também, tão do Rio Grande” (AJNL T505).

A partir das palavras de Pedro Vergara verifica-se o respeito e a admiração que ele tinha pelo poeta.

2. 3. 6 Ari Martins

Ari Martins foi escritor e membro fundador da Academia Rio-grandense de Letras. Escreveu *Escritores do Rio Grande do Sul,* volume com mais de seiscentos e quarenta páginas que incluem biografias e bibliografias de autores sulinos.

Em 12 de outubro de 1935, Martins escreve uma carta datilografada para Nogueira Leiria, por meio da qual o informa da criação do Instituto Rio-grandense de Letras, com vistas à difusão da cultura local:

> Acaba de ser fundado, por um grupo de intelectuais desta Capital, o Instituto Rio-grandense de Letras, que visa promover a divulgação da literatura gaúcha dentro e fora do nosso Estado e combater, pelo consagramento de todos os elementos aproveitáveis no ramo, a apatia existente no meio ambiente pelas cousas que dizem respeito à literatura em geral. (AJNL T551)

Esses detalhes encaminham para o tema que o autor da carta deseja abordar: convidar Nogueira Leiria para ocupar um lugar como membro da classe dos intelectuais do interior do Estado do Rio Grande do Sul que cultuam as belas letras, pedindo que o autor se candidate para tal:

> Havendo uma categoria de membros correspondentes, para a qual carecemos da colaboração de todos os beletristas de valor residentes fora desta capital, o meu amigo estava naturalmente indicado para ser um dos associados dessa classe. E, por isso, [...], venho lhe convidar para apresentar o seu pedido de inscrição ao Instituto [...].(AJNL T551)

Em outra correspondência, de 5 de julho de 1935, período em que João Otávio residia em São Francisco (RS), Martins agradece pelo recebimento da obra *Campos de areia,* dizendo que escreverá um texto crítico sobre tal obra, texto que, acrescenta, irá compor a sua obra *Poetas do Rio Grande do Sul*[126]*,* em fase de preparação:

---

[126] O livro *Poetas do Rio Grande do Sul* é lançado 43 anos mais tarde (no ano de 1978), sob o título de *Escritores do Rio Grande do Sul.* Na página 396, Martins escreve uma pequena síntese

> Inicialmente, quero agradecer a gentil dedicatória do seu *Campos de areia*, que recebi em ordem. Vou escrever a prometida crítica, que, devidamente adaptada, servirá ainda como o estudo com que V. comparecerá no meu *Poetas do Rio Grande do Sul*, livro que, se os fados consentirem, será a minha estréia na galeria dos editados, e ainda este ano. Vejamos o que nos reservam os bons ventos. (AJNL T550)

Além da produção de sua obra, discorre sobre o recém fundando Instituto de Letras do Rio Grande do Sul, afirmando que, apesar dos obstáculos, ele está se desenvolvendo e cumprindo com a proposta de propagação da cultura local pelo restante do País:

> Continuo trabalhando com ardor e vencendo aos poucos óbices do início. Aumentamos diariamente o número dos nossos correspondentes e, graças ao "Círculo", pode-se hoje já dizer que o Rio Grande do Sul tem levado espelhos da cultura mental até o longínquo Acre. (AJNL T550)

Acrescenta ainda que os artigos e poemas, escritos por Nogueira Leiria, estão organizados para serem divulgados em outros locais, tendo em vista que alguns já haviam sido publicados em São Paulo, conforme afirma Ari:

> Trabalhos seus foram já enviados para diversos estados e só espero os jornais em que devem ter saído para remetê-los a V. o seu "Poente no Jaguarí" sairá no primeiro número de *Revista Farroupilha*, publicação já na tipografia, obedecendo a minha direção intelectual. E o velho poeta Lêncio Correia, do Rio, onde é o nosso correspondente, acaba de me avisar por carta que tem para me remeter um pacote de revistas e jornais cariocas, uma das primeiras inserindo três poemas seus, de que enviaste cópia, há meses, o nosso caro José Leal Filho. (AJNL T550)

Em meio às boas notícias, Martins escreve que a Academia Rio-grandense de Letras também está se consolidando como uma organização: "A nossa Academia Rio-grandense de Letras também está se firmando, e rapidamente, no conceito mental do Brasil inteiro". (AJNL T550).

---

biobibliográfica sobre Nogueira Leiria. In: MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: UFRGS, 1978.

Ao observar a pauta das cartas de Ari Martins verifica-se que nesse período havia um esforço para a consolidação de uma literatura no Estado do Rio Grande do Sul, por meio da organização de locais para a discussão da arte local. Assim, pode-se afirmar que Pedro Vergara e Nogueira Leiria estavam reunidos pelo mesmo ideal e trabalhavam em parceria para propagar as letras gaúchas para além do Estado.

2. 3. 7 Romagueira de Oliveira

Romagueira de Oliveira é oriundo de Santana do Livramento (RS). Formou-se em Direito e foi diretor da *Revista Universitária,* de Porto Alegre. Atuou como advogado e vereador em sua cidade natal. Foi historiador e contista, tendo publicado vários artigos sobre política e crítica literária.

Romagueira conheceu João Otávio em meados dos anos de 1940. Em carta que data de julho do ano de 1946, Romagueira convida o poeta para fazer parte de uma coletânea de autores e obras que estava preparando. Mesmo sem ter lido *Campos de areia,* mas por conhecer a crítica, o advogado afirma que o livro teve uma boa recepção:

> Como eu esteja organizando um trabalho sobre a nossa poesia gaúcha, resolvi dirigir-me a V. S. a fim de que, caso seja possível, me remeta um exemplar do seu livro “Campos de areia”, do qual, apesar de não ter lido, tenho visto as melhores referências e os mais entusiastas elogios.
> Não pretendo fazer um trabalho de crítica-literária. O livro que pretendo publicar, a fim de tirar do esquecimento tanta coisa linda e interessante que está enterrada, será mais uma compilação, com ligeiros estudos biobibliográficos, do que propriamente um ensaio crítico da nossa literatura “regional”. (AJNL T521)

Na carta datilografada em 18 de setembro do mesmo ano, Romagueira agradece ao amigo pelo recebimento de uma correspondência, juntamente com a referenciada obra *Campos de areia:*

> Previno-lhe que, junto da referida carta, recebi o seu notável e encantador livro de poemas gaúchos *Campos de areia*, o qual, há muito tempo desejava possuí-lo e só agora, diante do seu gesto nobre e cavalheiresco, tive a felicidade de admirá-lo e de apreciá-lo na forma, que merece. (AJNL T523)

Ao longo da carta, Oliveira, que atuava como advogado, mostra-se um conhecedor e apreciador da literatura gaúcha, bem como da cultura de tal povo:

> Sou um grande estudioso da nossa literatura, da vida e dos costumes do meu povo sul-rio-grandense. Conheço muita coisa a respeito dos nossos literatos e da sua literatura, desde o romantismo de Delfina da Cunha e de Araújo Porto Alegre até as culminâncias da literatura moderna, quer poética ou ficção. Sou um apaixonado pelo Rio Grande, pelo "guasca" livre, altivo e generoso; pelo pampa imenso lendário; pelas nossas coxilhas verde-claras, onde o quero-quero – sentinela alerta das canhadas – constitui como que um pedaço das nossas próprias tradições de bravura, heroísmo e de fidalguia. (AJNL T523)

Defensor da cultura local, Oliveira afirma que o Movimento Regionalista continua vivo e sendo propagado pelos autores modernos, mostrando através da literatura os costumes e a cor local:

> o regionalismo não morreu, muito embora, muita gente incompetente e incapaz, queira, a todo custo, passar-lhe o necessário atestado de óbito. O nosso regionalismo literário hoje, como sempre, sente-se fortalecido pela fé, pela confiança e pelo valor intelectual dos seus intérpretes. Os seus poetas, contistas e romancistas estão aí mesmo a elevar e engrandecer o nome do Rio Grande. (AJNL T523)

Dentro desse contexto, Romagueira apresenta sua impressão acerca da obra que lhe foi ofertada, enfatizando o seu entusiasmo com a leitura dos poemas, que julga sensíveis e originais:

> O seu livro proporcionou-me momentos de profunda emoção e de verdadeira satisfação espiritual. Os seus poemas encantadores, cheios da mais pura e fina sensibilidade, revelam a própria alma do Rio Grande. Todos eles são feitos com emoção e sentimento, traduzindo verdadeiramente estados d'alma e demonstração a personalidade de escol do seu inspirado autor. A sua poesia, meu caro, constitui uma escola a parte, escola esta que pertence exclusivamente a J. O. Nogueira Leiria. Tudo é original nos seus poemas. [...]. Fugiu à imitação e à influência de outras correntes literárias. A sua poesia, cheia da mais pura sensibilidade, evoca as mais belas páginas da alma sul-rio-grandense. (AJNL T523)

Na mesma carta, Romagueira menciona mais outros dois títulos que, possivelmente em carta anterior, Nogueira Leiria haveria afirmado ter planos de

publicar: “Espero que, conforme promete, publique o quanto antes os seus livros intitulados “Teiniaguá” e “Presença da terra” [127].

Nessa época, Nogueira Leiria já realizava a tradução de *Martin Fierro,* de José Hernandes, do espanhol para o português, havendo uma expectativa por parte de Oliveira no que diz respeito a essa tradução, aspecto que fica evidenciado na carta:

> É com satisfação que, também, aguardarei o aparecimento da tradução de *Martin Fierro* para o português. Acredito que será ótima, pois o seu tradutor, além de ser um homem culto e inteligente, é invejável poeta. E tudo isto contribuirá para o sucesso da tradução. (AJNL T523)

Dentre os assuntos culturais tratados nas cartas de Romagueira de Oliveria, havia também temas políticos. É interessante destacar uma passagem na qual Romagueira fala de um importante acontecimento político do País: a Nova Constituição Brasileira[128], que havia sido promulgada em 18 de setembro de 1946. A aprovação desse fato fica evidenciada com a ratificação de Oliveira, ao final da epístola:

> Aproveitando a data de hoje e antes de terminar esta carta que já vai longe, quero felicitá-lo, como bom democrata que sei ser, pela promulgação da nova constituição brasileira. Graças a Deus, meu amigo, respiramos o ar da legalidade e da ordem judiciária. Oxalá, isto perdure eternamente em nossa Pátria! (AJNL T523)

Os dois trocaram cartas que manifestam o respeito e a amizade baseada na admiração, na experiência campeira e nos mesmos ideais políticos.

2. 3. 8 Marieta Menna Barreto da Costa

Marieta Menna Barreto da Costa foi poetisa, tendo publicado *A Missão da beleza, Deserdados, Indefinível* e *Poemas de ontem e de hoje.*

---

[127] Ao observar os dois títulos, nota-se que eles fazem referência ao conteúdo da obra de João Otávio, publicada posteriormente (1968), *Rincões perdidos.*

[128] A Nova Constituição Brasileira, aprovada em 1946, era liberal e democrática, garantindo alguns direitos, como o voto secreto e universal para os maiores de 18 anos e direito à liberdade de pensamento e de expressão.

A primeira carta que Marieta escreve a Nogueira Leiria data de 2 de julho de 1935. A poetisa inicia desculpando-se por não saber anteriormente da crítica que Nogueira Leiria havia escrito e publicado sobre sua obra *A missão da beleza*, relatando também que, por intermédio dessa informação, tomou conhecimento da obra *Campos de areia:*

> Descuidada na leitura regular e sistemática de nossa imprensa, tenho eu a certeza de ignorar até mesmo a existência de valorosos inequívocos, quando por intermédio do poeta Atila Casseo, procurei obter algumas indicações.
> Foi assim que, ao receber suas admiráveis e imerecidas palavras referentes a meu livro "A Missão da Beleza", acompanhadas de seu livro de versos, encontrei-me com seu grande talento. (AJNL T541)

Marieta afirma que estava conhecendo o conteúdo do livro, que, segundo ela, consiste em uma leitura continuada, que sempre agradará. Após essas considerações, ela apresenta algumas características que apontam para o homem Nogueira Leiria, sensato e ponderado, que o diferenciam do poeta "rebelde":

> Interessante seu modo de ser, tão pessoal, tão novo, tão equilibrado!
> Meu pai quer conhecê-lo, distinto Poeta. Disse-o, agora, quando leu o seu livro. Não tenho, porém, a certeza de que se trate da mesma pessoa.
> Estou mais levada a crer que se trate de parentes, de igual nome, aluda a circunstância da identificação que tirei de alguns de seus poemas. (AJNL T541)

Aproximadamente um mês mais tarde, em 5 de agosto de 1935, a poetisa escreve novamente a João Otávio. Nessa carta, ela pede desculpas, dizendo que o livro que lhe fora dedicado e ofertado, *Campos de areia,* foi oferecido a um morador do Rio de Janeiro, com o objetivo de propagar a cultura local gaúcha. Assim, pede ao poeta que lhe envie mais um exemplar:

> Tomei a liberdade de cortar a página de seu livro de poesias que a mim o dedicou, para ofertá-lo a uma pessoa que, com empenho, deseja difundir a poesia do Rio Grande, no Rio.
> Se me desculpa esse gesto, que significa admiração a seu trabalho, queira ter a bondade de me conseguir outro volume, que esperarei, se possível, com a mesma gentil dedicatória que não dispenso. (AJNL T542)

Mediante as cartas da poetisa, percebe-se que era comum entre os poetas realizar a crítica das obras de outros escritores, bem como propagá-las e divulgá-las para outros Estados.

2. 3. 9 Carlos Macedo Reverbel

Carlos Macedo Reverbel foi jornalista, cronista e historiador brasileiro. Colaborou com o jornal *A Razão*, de Santa Maria (RS), e trabalhou na *Revista do Globo*, sendo ainda um dos criadores da *Revista Província de São Pedro*. Foi pesquisador da história e da literatura do Rio Grande do Sul e colaborador dos jornais *Correio do Povo* e *Zero Hora*.

A leitura da carta por ele enviada a Nogueira Leiria, no dia 15 de outubro de 1932, fez supor que Carlos Reverbel conhecia pouco João Otávio, mas mesmo assim não deixa de expressar a sua impressão sobre *Campos de areia,* obra que o fez sentir-se próximo do poeta:

> Você não deve estranhar a intimidade com que lhe vou tratar desde o início desta carta, pois, apesar de nos conhecermos muito de relance, as leituras repetidas de seu livro me aproximaram tanto de você, que eu tenho a impressão de que estou dirigindo a um velho conhecido.
> Quanto eu terminei de ler pela primeira vez o seu livro eu saí à rua porque sentia necessidade de encontrar algum para desabafar; não podia com o peso de tantas emoções encarceradas no meu pobre coração crioulo. (AJNL T543)

Reverbel narra o momento posterior à leitura dos poemas, ocasião em que encontrou o poeta na Rua dos Andradas, em Porto Alegre, e sentiu a necessidade de compartilhar as emoções decorrentes de tal leitura:

> Foi quando, por coincidência, o encontrei na Rua da Praia. Você deve lembrar-se do meu abraço. Eu quis falar. Quis lhe dizer tudo que senti lendo seu livro. Quis como os índios bons da sua infância, "proporcionar-lhe volúpia e louvor" porque "É instintivo e grato a coração crioulo o louvor à sombra que a sua própria mão plantou". (Seu livro – sombra solitária no deserto da nossa poesia crioula). Mas não consegui falar. (AJNL T543)

Ao tratar dos poemas, Reverbel confessa ter se identificado com a temática campeira que, segundo ele, Nogueira Leiria tratou com muita propriedade nas suas composições, motivação que o fez escrever tal carta, como se verifica na seguinte passagem:

> [...] nossos destinos gaúchos se confundiam e a minha alma lhe falou na linguagem que não mente e – estou certo – a sua alma entendeu a linguagem da minha alma. [...].
> [...] as leituras de seu livro se repetiram. E eu novamente estou na sua presença. Padecendo do mesmo mal – superabundância de emoções acumuladas. Valendo-me da mesma terapêutica – falar a sua alma. Eis o propósito dessa carta, poeta amigo. (AJNL T543)

Carlos Reverbel afirma que também é oriundo do meio rural sulino, da cidade de São Gabriel (RS) e que, para completar seus estudos, teve de sair desse espaço e migrar para a cidade, assim como Nogueira Leiria. Através dos poemas de *Campos de areia,* o historiador se reconhece, pois teve uma trajetória semelhante à do poeta, vivenciando os mesmos costumes e tradições oriundas do pampa, como apontam seus escritos:

> O seu livro – para uma pessoa que, "quando guri possuía os seus petiços" e, mais tarde, "trocou a sela por arreios e os petiços por cavalo grande" e, "de pingo sempre temperado, foi alçada a rédea para a vida", até que um dia, "sem saber porque isto foi, e nem como, sentiu a rédea, baixou sobre os olhos o sombrero e tranqueou de jeito diferente pela vida" – atinge proporções de um verdadeiro Evangelho. Principalmente se esta pessoa foi "apartada um dia da querência, retovada na vida de outros meios entre homens injustos." Tal o meu caso. (AJNL T543)

Reverbel transcreve trechos dos versos de Nogueira Leiria e enaltece-o, afirmando que o livro em questão possui um valor inestimável, exaltando toda a sua admiração pela obra recém lançada:

> Dai o caro poeta saberá até onde vai o meu aplauso ao seu trabalho mil vezes admirado. [...]
> Creio que o amigo poeta compreenderá que eu procurei dizer tudo que é possível dizer-se d'uma obra que nos agrada como nunca obra alguma – nesse gênero – nos agradou. E se não o disse o coração não mentiu, faltou-me o engenho, que é caprichoso. (AJNL T543)

O abraço com que Reverbel despede-se na epístola, um “abraço gaúcho”, diferente dos “abraços de urso”, mostra a cumplicidade existente entre eles, oriunda do espaço rural sulino:

> Antes de finalizar, peço-te aceitar um abraço bem gaúcho (que mal as extremidades dos meus dedos toquem ao seu ombro) porque não quero que o poeta amigo confunda o meu abraço com os abraços de tamanduá que a gente recebe diariamente e, em grande quantidade dos amigos ursos desta cidade intolerável. (Todo metropolitano quando abraça é tamanduá). (AJNL T543)

Carlos Reverbel e Nogueira Leiria reconhecem-se nas poesias do último pelo fato de terem trilhado caminhos semelhantes. Esse fato fez com que Reverbel desenvolvesse respeito e admiração pelo escritor.

2. 3. 10 Walter Spalding

Walter Spalding foi historiador, poeta, jornalista, escritor e diretor do Arquivo e Biblioteca Pública de Porto Alegre. Era membro da Academia Rio-Grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e do Instituto Brasileiro de Genealogia.

Em correspondência datada de 9 de agosto de 1947, Spalding agradece ao poeta pelo recebimento do livro *Campos de areia* e pela dedicatória que lhe foi oferecida, referenciando a originalidade da obra*:*

> Ao ilustre amigo Dr. J. O. Nogueira Leiria, muito agradeço a gentileza da oferta, com amável dedicatória, de seu excelente e “sempre atual” C*ampos de areia*, poesia gauchesca natural, sem artifícios e fórmulas.
> Encantador punhado de versos que falam dos pagos e da querência, vão rebenqueando o coração da gente com as correias traçadas de cada linha de cada poema. (AJNL T511)

No mesmo ano em que escreve a carta, Spalding havia lançado a obra *Arcaismos portugueses na linguagem popular do Rio Grande do Sul.* Nessa epístola, lastima por não saber da existência de *Campos de areia* antes da publicação de tal obra:

> Lamento, apenas, não ter tido, antes, conhecimento da obra para citá-la em meu *Arcaismos portugueses na linguagem popular do Rio Grande do Sul,* que vai ser publicada no Uruguai e na Ilha Terceira (Açores–Portugal), conforme me acaba de ser comunicado. (AJNL T511)

A partir da leitura das correspondências verifica-se que elas completam a biografia do autor e mostram quem eram as pessoas com quem ele se relacionava e quais eram os assuntos tratados, levando-se em conta que, na época, a carta era o principal meio de comunicação existente. Os remetentes de João Otávio são amigos, escritores, críticos e intelectuais que fizeram parte da sua vida pessoal e profissional.

Ao levar em conta o conteúdo desses documentos, nota-se que um dos assuntos mais recorrentes gira em torno da literatura, com trocas de opiniões e avaliações acerca das produções do poeta e de alguns correspondentes, além de política e vida pessoal.

2. 4 FORTUNA CRÍTICA

Descrever a fortuna crítica do escritor, encontrada nos jornais e revistas, permitirá caracterizar a produção literária do autor em questão, nesse caso, João Otávio Nogueira Leiria, explicitando-se as tendências temáticas em torno das quais a crítica avaliou os seus escritos.

A reunião dos textos permitiu a coleta de dados sobre as suas obras e é composta por recortes dos principais periódicos da época, tais como *Correio do Povo* (RS)*, Diário de Notícias* (RS*), Revista do Globo* (RS) e *Boletim de Ariel* (RJ). Esses materiais foram elencados e preservados pelo escritor e por seus familiares e agora fazem parte do Acervo João Otávio Nogueira Leiria, depositado no DELFOS.

2. 4. 1 *Correio do Povo*

O *Correio do Povo,* fundado em 1895 por Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, circulou por oitenta e nove anos ininterruptamente, até 1984. Reiniciou sua

circulação em 1986, tratando de assuntos diversificados, relacionados aos principais acontecimentos políticos, econômicos e sociais, bem como às novidades culturais e intelectuais de cada época. Segundo Sérgio Roberto Dillenburg:

> O *Correio do Povo,* além da informação pura e simples, incentivou, desde o início, a cultura artística em nosso meio, servindo-a como excelente ponto de apoio. Nas páginas do jornal, durante anos, a cultura, o entretenimento e as manifestações artísticas estiveram presentes. [129]

Com essa preocupação, no ano de 1899 o jornal instituiu a seção denominada "Poetas do Sul", seguido da chamada "Literatura e Páginas Literárias", que deu origem ao "Caderno de Sábado", em 1967, um marco na trajetória do jornal.

O "Caderno" foi um importante suplemento, no qual eram publicados artigos de autores sulinos, novos e consagrados, bem como de escritores do restante do País e do mundo (de latino-americanos a europeus) tratando de assuntos relacionados à cultura, história, cinema, música, artes plásticas, teatro e literatura mediante o uso de uma linguagem acessível, dirigindo-se a um público específico, interessado em assuntos de natureza cultural. É nesse jornal porto-alegrense que surgem as primeiras apresentações críticas sobre a obra de Nogueira Leiria.

O primeiro registro encontrado no *Correio do Povo,* escrito por Dante de Laytano[130], data de 10 de julho de 1932. Sob o título "Vida literária: o movimento intelectual e a Livraria do Globo"[131], Dante de Laytano trata da invenção da imprensa no Brasil, afirmando que tal acontecimento auxiliou os escritores a divulgarem as suas obras. Segundo o autor, Rio de Janeiro e São Paulo passam a ser os destacados centros editoriais, focados no publicismo de obras literárias. Porto Alegre aparece em terceiro lugar, como um importante centro editorial, mais precisamente a Livraria do Globo que, segundo ele, poderia lançar nomes novos na literatura

---

[129] DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Correio do Povo:* história e memórias. Passo Fundo: EDIUPF, 1997, p. 31.

[130] Dante de Laytano nasceu em Porto Alegre (RS). Notabilizou-se como cronista, historiador, folclorista e ensaísta, publicando inúmeros títulos sobre aspectos da história, cultura e literatura. Formou-se em Direito. Na vida acadêmica, prosseguiu como professor de História, Literatura e Filosofia. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Atuou também como diretor do Museu Júlio de Castilhos, presidente da Academia Rio-grandense de Letras, Academia Brasileira de História e membro da Comissão Nacional do Folclore.

[131] LAYTANO, Dante de. Vida literária: o movimento intelectual e a Livraria do Globo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 10 jul. 1932.

gaúcha. Desse modo, reconhece que surge um novo cenário na Globo a partir da publicação de *Eu e tu,* de Marcos Solovitch, que ”foi a surpresa mais linda no ano literário”.[132] Sobre Nogueira Leiria, o estudioso afirma que era

> a sensibilidade mais requintada da nossa poesia, e mais um livro de versos regionalistas dum outro grande poeta novo J. O. Nogueira Leiria: “Campos de areia”. Nomes novos e novas revelações. Adquire assim o Globo o justíssimo título de editora dum grande período de nossa literatura. [133] (AJNL T988)

Augusto Meyer[134], em texto publicado em 28 de abril de 1948, no *Correio do Povo,* intitulado “Campos de areia”,[135] elogia a “força e a delicadeza”[136] da poesia de Nogueira Leiria, mas diz ser ela, ao mesmo tempo, fina e dura. Meyer observa que na primeira leitura prende-se muito a atenção na temática, sem perceber a forma como autor trabalha o regionalismo, já tão debatido anteriormente. Ele afirma que ao ler os versos de Nogueira Leiria, as ideias que haviam sido expressadas antes não reaparecem:

> [...] repetir os temas não quer dizer remascarar a mesma coisa. O dom lírico está na virtude de saber renovar as velhas matracas. [...] Porém, o poeta verdadeiro pronuncia uma palavra banal dum jeito tão próprio que transfigura o sentimento surrado.[137] (AJNL T986)

De acordo com Meyer, em uma segunda leitura os detalhes da obra ficam evidenciados com a inovação formal que mostra a sutileza do autor. Ele menciona os versos de “Serão campeiro”, “Negro”, “Ronda”, “Saudade” e “Noite”. Ao comentar o poema “Humilde”, reconhece que o poeta alcança um tom simples em que a poesia e a emoção se misturam, sendo essa uma característica de alguns românticos brasileiros. Destaca também o poema “Incerteza”, que para ele possui uma magia na própria voz interior, envolta numa tristeza antiga. De acordo com Meyer, esse foi o primeiro poema de João Otávio, poeta que ele conheceu ainda nos tempos em que eram jovens estudantes, em Porto Alegre.

---

[132] Idem.
[133] Idem.
[134] Augusto Meyer nasceu em Porto Alegre (RS). Foi poeta e ensaísta, além de diretor do Instituto Nacional do Livro e membro da Academia Brasileira de Letras. Colaborou em diversos jornais do Rio Grande do Sul, especialmente no *Diário de Notícias* e *Correio do Povo*, escrevendo poemas e ensaios críticos.
[135] MEYER, Augusto. “Campos de areia”. *Correio do Povo,* Porto Alegre, 28 de abril de 1948.
[136] Idem.
[137] Idem.

O avaliador qualifica o novo talento pela manifestação da cor local, que apresenta o homem sulino apegado às suas raízes, sem a influência de outros movimentos em voga naquele momento, como se pode perceber no trecho:

> E não há que se compare à alegria de descobrir um poeta novo. Parece que o contato com ele é mais um motivo de afirmação para nós. Principalmente quando se apresenta, como Nogueira Leiria, voltado para uma fidelidade tenaz, tão rara nesta febre moderna das destruições.[138] (AJNL T986)

Meyer encerra o texto desejando prosperidade ao poeta e formulando votos tais que o autor de *Campos de areia* sempre se satisfaça com o apego que vem do espaço mitificado.

No dia 19 de outubro de 1968, Salgado Martins escreve um artigo intitulado "Rincões perdidos",[139] no mesmo periódico porto-alegrense, no qual apresenta a relação entre filosofia e poesia. Segundo o autor, as duas "atividades do espírito" expressam o que há de mais profundo na vida. Para ele, o poeta e o filósofo possuem o dom de apreender o que está submerso na pluralidade das coisas, em que o ideal e o real se consolidam para trazer a sensação das coisas espirituais e concretas. Assim, o poeta é carregado de subjetividade, enquanto que o filósofo possui racionalidade. Conforme Salgado, todas essas concepções são sugeridas a partir da leitura de *Rincões perdidos.* O avaliador tece também um comentário sobre a primeira obra publicada pelo poeta, *Campos de areia,* afirmando que tal livro (lançado em 1932) foi influenciado pela Semana de Arte Moderna, de São Paulo.

Nesse artigo, Martins comenta que se passaram trinta anos até o autor publicar seu segundo livro. Na nova publicação, destaca o mérito pela integração profunda do "aedo" Nogueira Leiria com o tema poético, marcado pelas suas vivências:

> Assim, a sensibilidade do homem da campanha sulina, com todos os sentidos aguçados aos movimentos do universo que o cerca, encontra-se no livro. E admirável é a pureza da fonte onde brota a poesia, com a mesma naturalidade da água clara de um arroio, naqueles campos de argila e areia, refletindo o céu, ora nublado

[138] Idem.
[139] MARTINS, Salgado. Rincões perdidos. *Correio do Povo,* Porto Alegre, 19 out. 1968.

> pela tormenta, ora translúcido num dia de sol sereno e macio.[140] (AJNL T956)

Para o crítico, a aprendizagem do homem com a vivência campeira transforma-se em uma experiência universal através das lendas, que se transfundem na poesia de *Rincões perdidos.* Após transcrever alguns versos de "Teiniaguá", ele complementa:

> Seria difícil estabelecer uma hierarquia estética e emocional entre os poemas enfeixados no livro. Todos encerram uma intensidade emotiva, um labor espontâneo e delicado que doa ao livro uma unidade poética, poucas vezes alcançada nesse gênero.[141] (AJNL T993)

Para Martins, *Rincões* está na mesma linha de *Romances de estância e querência,* de Aureliano Figueiredo Pinto. Segundo o crítico, ambos são originais, mas se aproximam pelo tom evocativo e apelo a terra. Ele afirma que Aureliano foi o precursor da poética rio-grandense, seguida por Nogueira Leiria.

Nas considerações finais, Salgado Martins chama a atenção para a emoção poética da obra, sugerindo que ela possibilita compreender a vida campeira rio-grandese através da composição poética, trazendo uma citação do filósofo alemão Heidegger:

> [...] em passagem recordada por Heidegger, direi que "na poesia o homem está concentrado sobre o fundo de seu próprio ser-no mundo; ele aí alcança a quietude, não a quietude ilusória da inatividade e do vazio do pensamento, mas a quietude infinita na qual todas as energias e todas as relações estão em atitude".[142] (AJNL T993)

Um ano depois da publicação da segunda obra de Nogueira Leiria, Pedro Vergara inicia um estudo sobre *Rincões perdidos,* intitulado "A poesia de Nogueira Leiria: *Rincões perdidos"*[143]. Nesse texto, afirma a sua preferência por *Rincões* em comparação com a obra anterior, *Campos de areia,* que ele diz tratar-se de uma

---

[140] Idem.
[141] Idem.
[142] Idem.
[143] VERGARA, Pedro. A poesia de Nogueira Leiria "*Rincões perdidos*". *Correio do Povo,* Porto Alegre, 15 fev. 1969.

"rebeldia juvenil". Para Vergara, *Rincões* apresenta mais maturidade e originalidade, mesmo retomando os assuntos do passado, marcando a vivência do poeta no espaço mitificado:

> Nos *Rincões*, Nogueira Leiria fez que se erguessem da poeira do tempo, dissipadas, as aparições da brisa grandeza antiga, – e para consegui-lo, de maneira límpida e renascida – bastou que deixasse o coração falar, – e que fluísse e corresse [...] o manancial das vivências sedimentárias, e onde estavam dormentes, não mortas as sensações da infância e da mocidade [...].[144] (AJNL T950)

Na opinião do crítico, os versos do poeta mostram o Rio Grande do Sul através de uma linguagem livre, apresentando a paisagem dos pagos, as lides campeiras e os feitos heróicos, marcados pelo regionalismo. Ele destaca a harmonia e a pureza lírica do poeta quando retorna à infância, "aos encantamentos que nascem com a vida, e que depois a vida esconde ou destrói, ou que ressurgem".[145]

Nas suas apreciações, Pedro Vergara apresenta uma reflexão sobre o homem que vive sozinho no meio rural, em meio à natureza e aos animais, cuja situação serve de motivo inspirador para a criação poética, imaginação e devaneio. Para ele, o passado das Missões, com as crenças e a catequese, oferece condições para a criação do folclore, e por isso menciona algumas lendas que "emolduram e comprovam a vocação poética missioneira",[146] como a dos índios Sepé Tiaraju, Anguêra e a do cacique M'Bororé. Dentre os poemas escritos sobre as lendas, que fazem parte da obra *Rincões perdidos,* destaca "Negrinho do pastoreio", comparando os versos de Nogueira Leiria com os de Meyer para conceder ao primeiro supremacia sobre o segundo:

> deixei escapar, à margem, este breve comentário do meu entusiasmo: "É o melhor "Negrinho do pastoreio" da poesia gauchesca, – melhor, até, que o de Augusto Meyer, uma obra-prima." Tornando a ler agora, aqueles versos, que parecem improvisados pelo vento, mantenho, com ênfase, o meu primeiro julgamento. [...] o poeta de *Rincões perdidos* intenta revelar-nos cerne obscuro da lenda, – e o faz, pondo já dentro a luz do seu entendimento [...].[147] (AJNL T950)

---

[144] Idem.
[145] Idem.
[146] Idem.
[147] Idem.

As demais lendas a que Nogueira Leiria faz referência na obra (Teiniaguá, Boi barroso, Alma penada e Tirana) são, para Vergara, páginas vivas, "ressumantes de sutil simplicidade, tanto quanto de arejante leveza, de ternura e revôo".[148]

Alguns dias depois da publicação desse artigo, em 2 de fevereiro de 1969, Pedro Vergara escreve o segundo texto sobre a mesma temática, que denomina "A poesia de Nogueira Leiria: Rincões perdidos II",[149] no qual continua a sua avaliação. De acordo com Vergara, a identidade do poeta está ligada à de Aureliano de Figueiredo Pinto, afirmando que os dois foram "irmãos de coração e pensamento, de convivências e vivências, gerados na mesma paisagem matriz, e na mesma época".[150]

Para o estudioso, a obra *Armorial da estância e outros poemas,* de Aureliano, possui o mesmo tema de *Rincões perdidos,* pois ambas discorrem sobre a cultura e a sensibilidade do pampa. Para ele, os versos do poeta falecido Aureliano de Figueiredo Pinto continuam perpetuados através da poesia de Nogueira Leiria, como se pode evidenciar no soneto V, de "Canto do Ibicuí" [151].

Segundo Vergara, os poemas efetivamente regionalistas são logo identificados devido à mistura de melancolia e encanto, fraqueza e heroicidade, advindos do Romantismo brasileiro, bem como o cuidado formal, pois quanto mais trabalhada, tanto mais difícil é o seu entendimento:

> a poesia regionalista é tanto mais válida, quanto mais difícil, – pois, nada é mais ilusório, às mais das vezes, do que o regionalismo literário, [...] e sempre, na hipótese, feito à base de expressões [...] e modismos gauchescos. Ritmadas as frases, no linguajar dialetal do povo, ostenta-se uma aparência de poesia[...]; é ainda uma poesia, – não por si mesma, – senão pela tradição romântica evocada, e em

[148] Idem.
[149] VERGARA, Pedro. A poesia de Nogueira Leiria: Rincões perdidos II. *Correio do Povo,* Porto Alegre, 2 de fev. 1969.
[150] Idem.
[151] Soneto V: "O Ibucuí-grande para os campos desce... "/ – Oh velho rio, como agora eu sinto / quanto foi linda a evocação que, em prece, / de ti nos fez Aureliano Pinto!...
"Marco de pátrias, que desaparece!..." / Viu-te assim o cantor de fino instinto, / cuja glória o Rio Grande hoje conhece, / – estro gaúcho em altanado plinto.
Para mim és, porém, ainda mais: / – um resumo de todas as caudais / que derivam da Pátria Missioneira!...
Da terra onde nasci, ao sol que escalada, / e que, hoje, soberba, inda desfralda / o Ibicuí como líquida bandeira...

> que se envolvam remembranças heróicas, ou a evocação de idílios campestres, pessoais.[152] (AJNL T952)

Para ele, a poesia regionalista compreende a apreensão das sensações do cotidiano, passando a uma perspectiva de universalidade através dos sentimentos evocados, como a alegria, a ternura, o encantamento, a tristeza e a esperança. Esse enfoque permite considerar *Rincões perdidos* como obra que valoriza o espaço cultural sul-rio-grandense:

> A poesia de "Rincões", [...] particularmente em sua primeira parte – "Estância velha", – é um depoimento definitivo, para a história dos costumes e dos sentimentos da vida gaúcha. Os quadros que pinta, nesses retratos falados, que a moldura retangular do soneto aprisiona para a posteridade, ficarão de fato, vivos e permanentes, no futuro, e continuarão, refazendo e redizendo, em cada verso como em cada corda de um instrumento musical [...]. [153](AJNL T952)

Segundo Vergara, João Otávio recria a realidade na arte, pela qual faz ressurgir a memória, no trabalho de retomar o passado, como o faz no poema "Estância velha", o qual encerra com chave de ouro no soneto XLV[154].

Em primeiro de março de 1969, o *Correio do Povo* estampou em suas páginas o terceiro estudo do autor intitulado "A poesia de Nogueira Leiria: *Rincões perdidos* III",[155], nas quais Pedro Vergara tece considerações sobre o conjunto de sonetos "Canto do Ibicuí". Para ele, o poeta possui um sentimento localista, vinculado às Missões, demonstrando o seu apego à terra de sua infância, "primeira escola de sua formação, e a matriz de sua raça".[156] No soneto V, Vergara volta a comparar Nogueira Leiria com Aureliano:

> o poeta soergue o facho de luz, a tocha das glórias avoenga, que estivera nas mãos de Aureliano. E é como se ficasse cantando sob

---

[152] Idem.
[153] Idem.
[154] Soneto XLV: Chora o pranto das coisas, na quietude / indefinível da campanha morta; / na sanga em frente, no tranquilo açude, / nos arvoredos que o minuano entorta...
Tem, agora, a feição que não ilude, / porque só na saudade se conforta. / E avulta, no alto, como templo rude / que à sombra do passado se recorta.
Estância de raízes ancestrais, / embebidas em sangue e sofrimento, / sem o calor dos dias triunfais!...
Vou-me, contigo, até perdidas eras, / e no verso recolho o teu lamento, / vago soluço da alma das taperas...
[155] VERGARA, Pedro. A poesia de Nogueira Leiria: *Rincões perdidos* III. *Correio do Povo,* Porto Alegre, 1 mar. 1969.
[156] Idem.

> os astros da noite [...] e olhando o rio que nunca deixa de correr, na sua marcha [...]. Essa afetividade serrana se transmuda em patriotismo, e o rincão agora já é pátria [...]. [157] (AJNL T953)

O crítico destaca ainda os outros sonetos do "Canto do Ibicuí", dando ênfase à saudade ancestral advinda da bravura do povo missioneiro, expressa através da voz do poeta que canta a sua terra:

> o poeta de *Rincões,* missioneiro até a medula dos ossos – e dadivoso, cavalheiresco, e seguro do seu valimento, recolhe os sentimentos mais belos do seu pago, que a sua sensibilidade incorpora e subjacentes em seu instinto, – e estrondeia – não, na teatral bravura literária – mas no gesto incontido, e na pulsão cordial, – no sentido de coração, – as virtuosidade impulsivas, de força e grandeza de sua raça.[158] (AJNL T953)

Após essas considerações, acrescenta que a vida de Nogueira Leiria, poetizada em seus versos, é também a história do povo sul-rio-grandense:

> o poeta, a uma só vez, épico e autobiográfico, – na sua arrancada fulgurante. É no meio de bandeiras desfraldadas, – e falando de si, – como se ele fosse, e é, um pouco, ou muito, do Rio Grande. [...]. As sugestões de vida rural ainda estão quentes sob as brasas [...]; e a trompa das conclamações, para as avançadas, parece que ainda soa à distância, nos campos abertos. [159] (AJNL T953)

O crítico chama atenção ainda para os conjuntos de poemas "Teiniaguá", "Querência", e "Irapuá". Ao se referir às lendas, Vergara atenta para a criatividade dessas narrativas, contadas oralmente pelos antepassados. "Teiniaguá", segundo ele, é um poema de seres inocentes, rupestre, trazido "pelo vento das várzeas". Em "Negrinho do pastoreio", destaca a eloqüência e a virtuosidade do poeta, que reanima e vivifica um tema já tão debatido. "Boi barroso" abona pela originalidade: "tudo parece novo, quando lemos, na versão de Leiria, a historieta".[160]

Após essas reflexões acerca das poesias que reinventam as lendas, Vergara reafirma a qualidade dos poemas do assisense, apontando para a subjetividade e dualidades com que o poeta compõe seus versos:

---

[157] Idem.
[158] Idem.
[159] Idem.
[160] Idem.

> Cabe-me, apenas, reiterar o vivíssimo interesse que me suscitaram esses trabalhos que tão nitidamente marcam a poesia de Leiria, no seu tom lírico, nas suas fugas para os sonhos do amor, para as perdições choradas do sentimento, em que é doce mentir mais de nossas possibilidades sentimentais, e de nossa faculdade de representar, quando se tem estro e fulgor – do que viver os perigosos conflitos do coração, na sua realidade, não raro desesperadora, e sempre agridoce nas melhores hipóteses.[161] (AJNL T953)

Em julho de 1969, Olmiro Azevedo[162] escreveu um artigo, no *Correio do Povo,* pela ocasião do lançamento do livro *Tempo de exílio,* de Itálico Marcon. Nesse texto, intitulado "Dois poetas dois estilos",[163] Olmiro apresenta uma apreciação da obra *Tempo de exílio,* comparando-a com *Rincões perdidos,* de Nogueira Leiria. Na parte em que se refere a *Rincões*, Azevedo compara o poeta com os romancistas Aureliano Pinto e Simões Lopes Neto, destacando-o por seu talento criador, apegado à história e às tradições que revelam a sua terra e seu povo:

> Estão no livro, em pauta musical, as nossas lendas de maior beleza e encanto, e que vem de longe, do povoamento mesmo e da conquista deste chão, numa centúria heroica de epopéia e de bravura.[164] (AJNL T1000)

Para Azevedo, Nogueira Leiria traz em seus versos as impressões advindas da infância, experiência que Pedro Vergara e Cyro Martins também apontam nas suas avaliações sobre a obra, conforme ele afirma:

> Marcado, em sensibilidade, pelo destino – como ele diz – "não trai a fidelidade de seu mundo de menino". Justifica-se aí o entusiasmo com que o aplaudiu, em alto estilo, o nosso Pedro Vergara e a sedução que envolveu Cyro Martins, tão sóbrio sempre nas suas manifestações de simpatia estética [...].[165] (AJNLT1000)

Olmiro Azevedo observa que os dois autores, Nogueira Leiria e Itálico Marcon, originários de diferentes lugares do Rio Grande do Sul, expressam as realidades de suas regiões através da literatura:

---

[161] Idem.
[162] Olmiro Azevedo, natural de Montenegro, foi advogado, poeta e colaborador do jornal *Correio do Povo.*
[163] AZEVEDO, Olmiro. Dois poetas dois estilos. *Correio do Povo,* Porto Alegre, 19 jul. 1969.
[164] Idem.
[165] Idem.

> Marcon, de chapelão de palha na cabeça, é lavrador ainda, ronda os parreirais e os vales serranos, estuantes de encanto e de fartura. Leiria, a cavalo, velho tropeiro, recruza os campos das Missões e do Ibicuí, repontando lembranças.[166] (AJNL T1000)

O falecimento de Nogueira Leiria, no ano de 1972, motiva o escritor Cyro Martins a publicar um texto intitulado "O poeta J. O. Nogueira Leiria"[167], no qual demonstra a relação de amizade que mantinha com o assisense. Cyro afirma que observou a escrita de cada verso de *Campos de areia* e demonstra o reconhecimento pelo fato de tal obra ter sido dedicada a ele:

> Acompanhei a feitura de *Campos de Areia*, verso a verso, chimarrão a chimarrão, nos nossos quartos pobretes de pensão de estudante, lá pelos idos de 1927 e 1932. [...]. Tive a gratificação sentimental de ver o meu nome incluído entre os três amigos a quem o poeta dedicou seu livro de estréia. O primeiro exemplar, dedicado, lido, relido, festejado, naquele lufa-lufa da mocidade estreante [...].[168](AJNL T993)

O romancista chama a atenção para os movimentos culturais e as revoluções ocorridas no contexto da época em que o livro foi escrito, 1932, fonte de inspiração para alguns poemas da primeira parte da obra, "Escaramuças":

> O poeta inicia-se na plena eflorescência do modernismo. E também na rebentação gauchesca que começou em 1922 com a campanha da sucessão estadual, incrementou-se com a revolução assistida de 23, tomou novo alce com os feitos da coluna Prestes em 1926 e 27, transbordando na enchente de 30. Todos esses motes de exaltação se refletem em "Escaramuças", primeira parte do livro de J. O. Nogueira Leiria. Alguns títulos bastarão para evidenciar a sintonia de seus poemas com a alma monarca das coxilhas de então, que cantávamos como heroica.[169] (AJNL T993)

Cyro transcreve fragmentos de alguns poemas, dentre eles: "Sonho crioulo", "Rebeldia", "Alma gaúcha", "A uma adaga", "Rumo ao sol" e "Desbravação", referindo-se à segunda parte da obra *Campos de areia*, "A uma adaga". Para ele, esses versos tratam de uma "fase depressiva, de inspiração nostálgica"[170] e transcreve fragmentos dos poemas, comentando-os. Em "Ao tranco", afirma tratar-se

---

[166] Idem.
[167] MARTINS, Cyro. O poeta J. O. Nogueira Leiria. *Correio do Povo,* Porto Alegre, 27 maio 1972.
[168] Idem.
[169] Idem.
[170] Idem.

da rebeldia do poeta que mais tarde se aquieta. ”Volta”, diz trata-se das relembranças e saudades. Em ”Galpão”, destaca “o tamanhão daquela efusão romântica da mocidade”[171], chamando atenção ainda para “Serão campeiro”, “Violão” e “Canção do índio vago”. Cyro afirma que Nogueira Leiria assinalou uma fase de renovação lírica, que é apresentada através de seus versos:

> Cedo, compromissou-se com os motivos poéticos dos pagos e, na medida em que se desprendia da idealização da bravura rio-grandense, foi se tornando antideclamatório, íntimo das simplicidades da terra, procurando e achando o laço afetivo entre a tradição e a modernidade.[172] (AJNL T993)

Além de enfocar *Campos de areia,* o avaliador tece comentários sobre a outra obra do poeta, *Rincões perdidos.* Para Cyro, Nogueira Leiria segue na linha da simplicidade, que aproxima o poeta da sua verdade poética. Ele abona seu estudo com três lendas gauchescas que apresentam o modo de sentir do poeta, quais sejam: “Teiniaguá”, “Negrinho do pastoreio” e “Boi barroso”.

O contista acrescenta que suas singelas palavras servem como homenagem, e expressam também a saudade do poeta e amigo, a quem enaltece pela autenticidade e simplicidade dos versos:

> Em nenhum momento de sua obra, o poeta desceu à lengalenga dos motivos gaúchos repisados ou dos aproveitáveis apenas pelo pitoresco. Suas raízes profundas, firmemente encravadas no chão dos pagos, lhe asseguram uma inspiração de cunho regionalista autêntico. Se não atingiu a altura de vôos como para projetar-se no plano da grande poesia, teve a virtude de manter-se fiel às suas circunstâncias peculiares, afeiçoando aos motes que andavam no ar, ao redor das casas, desde a sua infância triste. Esses motes lhe arrebataram o ânimo e as suas variações viriam a constituir a essência da sua expressão poética.[173] (AJNL T993)

Cyro Martins destaca Nogueira Leiria pela originalidade dos seus versos, escritos em meio a uma temática tão debatida, e declara que mesmo não tendo o sucesso merecido, manteve-se fiel à sua simplicidade, oriunda do espaço rural.

---

[171] Idem.
[172] Idem.
[173] Idem.

2. 4. 2 *Diário de Notícias*

O *Diário de Notícias* foi um jornal que circulou na cidade de Porto Alegre de março de 1925 a dezembro de 1979, tendo como diretores Adroaldo Mesquita da Costa, Francisco de Leonardo Truda e José Pedro Moura.

Segundo Sosa[174], tal jornal possuía uma postura mais independente que outros veículos de informação da época, anunciando situações ocorridas no cenário nacional antes dos demais. Devido a uma campanha que o jornal havia feito contra o governo Getúlio Vargas, em 1954, foi depredado, terminando suas atividades no ano de 1979.

A primeira referência crítica à obra de Nogueira Leiria aparece em 26 de maio de 1956, na contracapa do *Diário,* na coluna "Um gaúcho por semana", na qual Antônio Augusto da Silva Fagundes[175] escreve sobre o poeta de *Campos de areia* um artigo intitulado "Nogueira Leiria".[176]

Nesse texto, por meio de uma linguagem campeira, o crítico tece uma avaliação do livro *Campos de areia,* que Nogueira Leiria compôs quando tinha vinte e quatro anos de idade: "Quase um guri bota na rua um livro de verso que veio marcar uma idade nova no regionalismo literário de nossa terra".[177] Os versos do poeta que, segundo ele descende de uma família de tradição guerreira, possuem ritmo e desejo de liberdade.

Antonio Augusto faz referência também à tradução de *Martin Fierro,* poema escrito em Espanhol, por José Hernandes, afirmando que somente um poeta como Nogueira Leiria poderia compreender a "poesia xucra" desse escritor e traduzi-la para o português.

Além da crítica lietrária, a seção do jornal apresenta outras atividades ligadas aos movimentos tradicionalistas. Dessa forma, o comentarista alude a outras

[174] SOSA, Derocina Alves Campos. *A história política do Brasil (1930-1946) sob a ótica da imprensa gaúcha.* 2005. 202 f. Tese (Doutorado em História), Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
[175] Antonio Augusto da Silva Fagundes é natural de Alegrete (RS). Formado em Ciências Jurídicas e Sociais, atuou como jornalista e folclorista no Rio Grande do Sul. Na época de estudante destacou-se como poeta e declamador.
[176] FAGUNDES, Antonio Augusto da Silva. Nogueira Leiria. *Diário de Notícias.* Porto Alegre, 26 maio 1956.
[177] Idem.

peculiaridades do poeta, como o fato de atuar como conferencista, tratando de temas ligados ao regionalismo, no Centro de Tradições Gauchescas, CTG 35:

> Grande pensador, proseia lindo de se ver, tem sido chamado para falar no "35 CTG" e noutras sociedades, sempre com aquele jeito de gavião criado em casa, sempre com seu pala nos ombros e suas bombachas caseiras.[178] (AJNL T997)

O crítico salienta ainda a existência de outro livro que estava em vista para ser lançado, denominado *Teiniaguá*, sendo este provavelmente o nome inicial da obra que seria lançada posteriormente, *Rincões perdidos,* e desafia ao leitor, apontando para a simplicidade do poeta:

> se houver algum outro melhor que este humilde filho da terra, que nada quer saber ou ensinar, mas que vende pelo mesmo preço que comprou – por nada, só pelo prazer da prosa, que tome a palavra e fale.[179](AJNL T997)

Três anos após a morte de João Otávio, Hugo Ramirez[180] publica no *Diário de Notícias,* na seção "DN Cultura", uma extensa matéria sobre Nogueira Leiria. Tal artigo, intitulado "J. O. Nogueira Leiria e seu paraíso perdido"[181], é subdividido em seis pequenos textos.

Na primeira parte do artigo, intitulada "A poesia gauchesca no século XX", tece um panorama sobre o regionalismo, elegendo como autores mais representativos do século XX: Alcides Maya, João Simões Lopes Neto, Roque Callage, Augusto Meyer, Vargas Neto, Darcy Azambuja, Aureliano de Figueiredo Pinto, Raul Bopp, Dyonélio Machado, Cyro Martins, Pedro Wayne. Dentre eles, destaca Nogueira Leiria, discorrendo acerca do seu livro *Campos de areia:*

> Nogueira Leiria, com seu tomo de estréia, se impôs à estima das estrelas e sensibilizou o leitor comum, não obstante a preferência deste, à épica, pelo toque sarcástico, ou bombástico, das estrofes

---

[178] Idem.
[179] Idem.
[180] Hugo Ramirez nasceu em Uruguaiana (RS). Durante sua vida, atuou como jornalista, advogado e educador, além de ter escrito muitas obras, com destaque para o romance *Rio dos Pássaros*, título valorizado pela Academia Brasileira de Letras. Também foi um dos idealizadores da Estância da Poesia Crioula.
[181] RAMIREZ, Hugo. J. O. Nogueira Leiria e seu paraíso perdido. *Diário de Notícias.* Porto Alegre, 3 ag. 1975.

> gauchescas de estilo pajadoresco. A literatura gaúcha se enriquecia, enquanto a gauchesca se firmava em plano nobre.[182](AJNL T998)

Em "... Traços biográficos", o jornalista dá ênfase a dois fatos que, segundo dados fornecidos a ele pela família do poeta, marcaram a vida de João Otávio: o primeiro diz respeito à questão de ter perdido a mãe com cinco anos de idade; o segundo, de ter repartido a sua infância entre a casa dos avós e das tias. Ramirez também chama a atenção às emoções que o poeta teve aos quinze anos, com a participação de seu pai e de seu tio na revolução de 1923, tendo perdido o último nessa batalha.

Em "A tradução do *Martin Fierro*", Ramirez refere-se à tradução do Espanhol para o Português de *Martin Fierro,* declarando que Nogueira Leiria tinha um "esmerado conhecimento do gênio das duas línguas, e das peculiaridades dialéticas do falar campeiro do seu Rio Grande".[183] Segundo o crítico, a tradução (publicada após a morte do poeta) teve boa recepção no Estado, bem como no restante do Brasil:

> Até nos programas televisionados do Rio de Janeiro, intérpretes extraordinários recitaram trechos nobres do *Martin Fierro* traduzidos por J. O. Nogueira Leiria.
> Era o merecido sucesso, embora o Autor dessa demorada e fidedigna versão não pudesse ter alcançado a satisfação moral e emocional de ver o livro que amava a circular nas mãos de estudantes e intelectuais não apenas de sul-rio-grandenses, como de brasileiros de todos os quadrantes.[184] (AJNL T998)

No "Interlúdio de 15 anos", destaca a participação de João Otávio na Estância da Poesia Crioula, fundada em junho de 1957, entidade que objetivava cultuar a poesia campeira e nativista, à qual ele foi filiado durante quinze anos:

> Desde a primeira hora, sentou praça em suas fileiras, [...], apoiando a iniciativa destinada ao mais alto objetivo. Com seu espírito amoldado à paixão desbordante pela querência, e dotado de erudição literária que lhe permitia bem avaliar a importância do afluente regional na literatura mundial, compreendeu, desde o primeiro lance, que a EPC era algo de muito sério, e que necessitava de adesão consciente e cooperação assídua.[185] (AJNL T998)

---

[182] Idem.
[183] Idem.
[184] Idem.
[185] Idem.

Segundo Ramirez, Nogueira Leiria era assíduo nas reuniões, tendo sido muitas vezes o orador oficial nas solenidades, além de participante dos congressos e debates organizados por tal entidade,

> aportando sempre os pontos de vista oriundos de seu conhecimento da literatura gauchesca do Prata e do Rio Grande, como da vertente provençal. Considerava medida sábia a aproximação dos poetas das mais distintas origens sociais [...].[186] (AJNL T998)

Em "*Rincões perdidos:* o canto do cisne", trata da segunda obra de João Otávio, *Rincões perdidos,* afirmando que essa publicação foi motivo de muito entusiasmo e incentivo para os sócios da Estância da Poesia Crioula, uma vez que

> despertou as antigas musas no coração dos vates pampeanos, provocando a edição de dezenas e dezenas de obras poéticas, de que resultou o fim principal colimado pela entidade, qual seja, o de complementar o ciclo lírico gauchesco no Brasil.[187]

Ramirez comenta rapidamente a estrutura dessa obra e avalia, mencionando que *Rincões* é uma obra madura, escrita sob a influência dos poetas Alonzo Telles e Aureliano de Figueiredo Pinto. E acrescenta:

> Livro denso e belo, é mais um autêntico elo de ouro na valiosa e seleta bibliografia que a Estância da Poesia Crioula montou [...].
> Os 45 sonetos de "Estância Velha" compõem um painel de largo descortínio, à moda de Rivera, Oroco ou Portinari. Neles, o autor dá mostras de que, a par de um senso musical apuradíssimo, possui virtualidade de artista, plásticos invulgares dons sinestésicos com que dinamiza suas composições.[188] (AJNL T998)

Segundo Ramirez, Nogueira Leiria (em conversa que teve com o crítico) afirma que a poesia e as outras manifestações de arte tem o compromisso de apresentar as circunstâncias sociais, de modo a registrar para o futuro a vivência do meio rural sulino, que desaparecerá. Sobre os quarenta e cinco sonetos que tratam dessa experiência campeira, Ramirez registra:

---

[186] Idem.
[187] Idem.
[188] Idem.

> No que concerne ao conteúdo, esses sonetos são perfeitos, no retraçar paisagens, costumes e perfis anímicos da vida estancieira de outrora, ou pelo menos de um passado que está agônico, senão inteiramente morto. Essa reprodução ficará, em nossa literatura, como documentário de uma época, eis que as estâncias do tipo antigo cederam lugar às atuais empresas gadeiras, manobras sob rigoroso critério utilitarista e empresarial, [...] que tudo é objeto de industrialização em nossos dias.[189] (AJNL T998)

Em "Singularidades morfológicas", o crítico avalia as características imagísticas e formais com que o poeta compõe seus versos, como se percebe no trecho transcrito abaixo:

> Por se deixar guiar pelo propósito de descrever situações e circunstâncias, e ao mesmo tempo em função da escolha do tipo de estrutura vérsica, o soneto, o Autor abandona deliberadamente os símbolos, tão importantes na linguagem poética como supertes da magia das sugestões. Raras são as comparações, as metáforas. Relativamente à estrutura rítmica, não há um critério ortodoxo, eis que alterna as licenças poéticas segundo arbítrio personalíssimo, no intuito pragmático, artesanal, de assegurar o acabamento material do decassílabo.[190] (AJNL T998)

Hugo Ramirez afirma que neste estudo

> No campo da linguagem, o livro é espontâneo e fluente, coloquial, sem nunca desder ao vulgar, ou ao popularesco. *Rincões perdidos* confirma neste momento da história do Rio Grande, a presença fecunda da germinação gaúcha oriunda da primeira capa da civilização, fruto de caldeamento étnico e da aculturação processados no século que decorre entre 1750 e 1850.[191] (AJNL T998)

Para Ramirez, Nogueira Leiria foi um literato destacado, pois através de suas obras ele reescreve a história do Rio Grande do Sul, resgatando as tradições e os costumes peculiares desse espaço.

2. 4. 3 *Revista do Globo*

A *Revista do Globo,* editada pela Livraria do Globo, foi um importante periódico de divulgação da cultura do Estado do Rio Grande do Sul e do Brasil,

[189] Idem.
[190] Idem.
[191] Idem.

tendo circulado quinzenalmente em Porto Alegre, desde o ano de 1929 até 1967. As matérias apresentavam assuntos variados e eram divididas nas seções: “O Globo em Revista”, “Vida Literária”, “Belas Artes”, “Vida Social”, “Cineglobo” e um espaço dedicado ao esporte. Nela, trabalharam importantes escritores, dentre os quais Moysés Vellinho, Augusto Meyer, Mario Quintana e Erico Verissimo, tendo ainda destacados ilustradores das artes plásticas rio-grandenses. O periódico era supervisionado primeiramente por Mansueto Bernardi e depois por Erico Verissimo. No ano de 1967, a publicação foi interrompida, contabilizando aproximadamente novecentos e quarenta e quatro edições até então.

A referência a *Campos de areia* na *Revista do Globo*, encontrada no acervo do escritor, foi escrita por motivos de tal publicação, no ano de 1932. André Carrazoni[192] escreve na seção *Vida Literária* (que tem como objetivo divulgar as novidades literárias), um pequeno texto intitulado “J. O. Nogueira Leiria: *Campos de Areia”*[193]:

> Nogueira Leiria com o seu livro de estréia (que há pouco foi posto à venda) afirma-se como um dos nossos melhores poetas regionalistas. É um poeta que tem personalidade. Não imita este ou aquele autor. Faz regionalismo à sua maneira. Seus versos têm “élan”. [194] (AJNL T844)

Carrazoni complementa dizendo que os versos são iluminados com o sol e o verde das coxilhas do Rio Grande do Sul, com cheiro de campina e ervas, tematizando os feitos heróicos do povo gaúcho.

2. 4. 4 *Boletim de Ariel*

Boletim de Ariel foi uma revista mensal de letras, artes e ciências, publicada no Rio de Janeiro, de outubro de 1931 até fevereiro de 1939, tendo como diretor e redator-chefe Gastão Cruls. O periódico foi um importante veículo literário, dedicando considerável atenção a escritores brasileiros, atraindo nomes

[192] André Carrazoni nasceu na cidade de Livramento (RS), tendo trabalha como jornalista político e literário nos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias,* ambos de Porto Alegre. Escreveu versos e uma biografia sobre Getúlio Vargas
[193] CARRAZONI, André. J. O. Nogueira Leiria: *Campos de Areia. Revista do Globo,* Porto Alegre: n. 13, 2 jul. 1932.
[194] Idem.

importantes, como Jorge Amado, Raul Bopp, Murilo Mendes, Lúcia Miguel Pereira, Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Fiel ao tom de inventário, tinha a preocupação em registrar o aparecimento de novos periódicos e de obras recém-lançadas no Brasil ou no exterior.

Em julho de 1932, ano da publicação de *Campos de areia,* livro de estréia de Nogueira Leiria, Manlio Giudice publica, no *Boletim,* um artigo intitulado "Um poeta campeiro"[195] e nele avalia o novo escritor rio-grandense.

Após receber e ler a obra, Giudice elogia o livro, de que "nem mesmo a horrível edição do *Globo* esconde a beleza"[196]. Para ele, o poeta apresenta um estilo original, que transporta o leitor para os "pagos", destacando a habilidade com que utiliza os motivos e a linguagem para a escrita da sua poesia, e complementa:

> Acrescentem a tudo isso a ternura vegetal, análise penetrante do humano, compreensão íntima das coisas e da gente rio-grandense e terão formado a individualidade do mais pessoal e moderno dos nossos poetas campeiros.[197] (AJNL T854)

Giudice destaca também a sensibilidade de Nogueira Leiria ao mostrar o seu mundo, refletindo um "bizarro caleidoscópio" que revela a paisagem da querência, com a sua natureza característica, "pobre e monótona para os olhos indiferentes, mas cochichando inesgotáveis segredos ao artista".[198]

Para ilustrar a avaliação, o crítico elenca alguns poemas e transcreve alguns versos, aos quais tece comentários, como "Tirana", que segundo ele apresenta a fisionomia rústica do gaúcho, ao ver uma "china" dançando. Traz ainda "Bolicho", em que descreve um espaço característico da cor local, em que os homens se reúnem para beber, desprezando conceitos moralistas; "Cinamomo", árvore que revela a natureza local e "Negro", que segundo Giudice, "é uma criação admirável", tratando-se de um negro atrevido e alegre.

Para o crítico, não há mais lugar para o mito dos antepassados. Os versos de *Campos de areia* apresentam conteúdo original através do verso livre, "ajudando a

---

[195] GIUDICE, Manlio. Um poeta campeiro. *Boletim de Ariel,* Rio de Janeiro, p. 10, jul. de 1932.
[196] Idem.
[197] Idem.
[198] Idem.

demolir, mercê do seu modernismo, a bastilha das rimas, pela sua alegria, harmonia e força".[199]

Ao observar a opinião da crítica, verifica-se que a maior parte das avaliações foi feita por intelectuais que atuavam no Rio Grande do Sul, como Dante de Laytano, Augusto Meyer, Salgado Martins, Pedro Vergara, Olmiro Azevedo, Cyro Martins, Antônio Augusto da Silva Fagundes. A observação desse dado torna evidente o fato de Nogueira Leiria ter ficado conhecido apenas no Estado do Rio Grande do Sul, com número maior de estudos no jornal *Correio do Povo,* tendo apenas uma apreciação de sua obra no *Boletim de Ariel,* periódico do Rio de Janeiro.

Na maioria das avaliações, os críticos apontam para a sensibilidade e originalidade da obra *Campos de areia,* sendo essa a que recebeu o maior número de críticas. Nos estudos acerca de *Rincões perdidos,* observa-se uma tendência a comparar a temática dos versos de tal obra com aquela abonada em *Romances de Estância e Querência,* livro de Aureliano de Figueiredo Pinto. *Rincões perdidos* é abonada também pela harmonia dos versos que tratam das principais lendas gaúchas, com destaque ao poema "Negrinho do pastoreio".

[199] Idem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra “acervo”, com seus diversos significados, traz a ideia de um todo organizado, um importante espaço de investigação em arquivos literários, que aponta para uma pluralidade de vozes em que as partes se articulam, com uma nova perspectiva ao passado e presente literários.

O estudo dos acervos estrutura-se a partir da reorganização e interpretação dos materiais existentes no arquivo do escritor, que, na maioria das vezes, constituem as fontes primárias da literatura, acolhendo documentos referentes à vida, à produção e à recepção das obras. Dessa forma, o acervo, além de recuperar a história e a memória do autor, promove a sua obra, proporcionando a partir de então novas leituras críticas e teóricas.

Além disso, os arquivos dos escritores contam com uma diversidade de materiais que delineiam as características de determinada época, evidenciando o pensamento e a produção intelectual através dos documentos que os compõem, como a biblioteca particular, os artigos produzidos e publicados em jornais e revistas, as cartas, os originais (manuscritos e datiloscritos) de suas produções. Essa diversidade, além de abrir espaços para novos conhecimentos, possibilita perceber quais foram as relações de amizade que estabeleceu, quais eram os contatos realizados por ele junto à comunidade com que se relacionou, bem como as suas preferências políticas, ideológicas e culturais.

A partir dos documentos encontrados no Acervo João Otávio Nogueira Leiria, estabeleceram-se quatro conjuntos de documentos. A primeira classe, “Comprovantes de edição”, apresenta as duas obras publicadas pelo escritor. O primeiro livro, *Campos de areia,* do ano de 1932, é dedicado a seu pai, Lodônio Nogueira Leiria, e aos amigos Antero Marques, Aureliano de Figueiredo Pinto e Cyro

Martins. Na primeira parte dessa obra, “Escaramuças”, o poeta canta a revolta pela guerra. Na segunda parte, “Ao tranco”, compõe sua lírica a partir das impressões de sua infância, na qual há a presença da saudade do espaço rural, marcado pela ausência materna. Nesses versos, verifica-se uma identificação entre o homem e seu meio, pois João Otávio nasceu e foi criado no espaço rural.

Essas características também são evidenciadas na segunda obra, *Rincões perdidos,* dividida em cinco partes: “Estância velha”, “Canto do Ibicuí”, “Teiniaguá”, ”Querência” e “Irapuá”, em que ele tematiza novamente sobre os costumes e as lendas da Campanha gaúcha, cantando também a nostalgia da infância no espaço peculiar: o pampa. A partir desse livro, verifica-se a preocupação do poeta em retratar a realidade através da literatura, como testemunho para a posteridade.

Outro conjunto importante, que complementa o anterior, é representado pelas “Publicações na imprensa”. Nos textos publicados na quarta página do *Correio do Povo,* o jornalista e crítico literário desenvolve assuntos ligados à literatura e às suas recordações. Nos artigos que tratam de literatura, ele apresenta autores, livros recém-lançados, estudos sobre determinados aspectos de obras, além de homenagear escritores. Dentre os autores, elencou Zeferino Brazil, Alcides Maya, Cyro Martins, Augusto Meyer, Simões Lopes Neto, Darcy Azambuja, Erico Verissimo, Ramiro Barcelos, José Hernandes, Aureliano de Figueiredo Pinto, como os grandes representativos da literatura do Rio Grande do Sul. A partir desses textos, revela-se um homem preocupado em estudar e difundir a literatura produzida no seu Estado.

Nos textos que trazem as suas recordações, João Otávio tematiza sobre as viagens que realizou, narra encontros com escritores, apresenta tipos exemplares de gaúchos, faz reflexões acerca da mudança dos tempos, além de trazer as suas memórias de infância. Nesses escritos, manifesta-se um jornalista que quer difundir a cultura do seu povo, além de recuperar alguns momentos marcantes da sua história de vida.

A partir da leitura desses artigos, apresenta-se também a face melancólica de Nogueira Leiria, que mostra a tristeza que carregava desde criança. Em um dos textos, ele afirma que o desalento está no próprio sujeito: “incrustou-se em meu

íntimo como tatu na toca. Como vem comigo desde a infância, talvez fosse tímida mulita, que, com o tempo, passasse a crescer e a aguçar as garras, com as quais hoje me agarra"[200], evidenciando assim a nostalgia que trazia consigo desde a infância, período marcado pela perda materna.

As "Correspondências" estão representadas por algumas cartas enviadas ao poeta por amigos e intelectuais, que de alguma forma participaram de sua vida privada e pública. Além de Cyro, Nogueira Leiria correspondeu-se com Manoelito de Ornellas, José de Figueiredo Pinto, José Salgado Martins, Pedro Vergara, Ari Martins, Romagueira de Oliveria, Marieta Menna Barreto da Costa, Carlos Macedo Reverbel e Walter Spalding. Dentre os assuntos tratados nas epístolas, a temática predominante gira em torno das obras do poeta Nogueira Leiria. De um total de dez, sete avaliam *Campos de areia*, com destaque e muitos elogios ao seu livro de estréia. Já *Rincões perdidos* recebe apenas uma avaliação através das missivas, cujo correspondente afirma considerar esse livro melhor que o primeiro. Assim, o estudo da correspondência revela que a escritura literária não é um trabalho individual, mas coletivo, pois conta com a apreciação e a atuação de outros escritores pertencentes à mesma geração de João Otávio Nogueira Leiria.

Além da maioria das cartas tratarem de assuntos profissionais, que dizem respeito às obras do poeta, há também algumas de cunho pessoal, que delineiam mais algumas características da personalidade de Nogueira Leiria. São outras vozes que confirmam as características do homem João Otávio: era culto, sensível e equilibrado, o que o diferencia do poeta apresentado em *Campos de areia,* que revela uma face mais revoltada. Além dessas características, as epístolas mostram que ele tinha interesse em cultivar amizades sólidas e verdadeiras, baseadas na conversa franca, como a que construiu com Cyro Martins.

A "Fortuna crítica", encontrada em diversos periódicos da época, delineia o perfil da recepção de suas obras. As avaliações, feitas por jornalista, escritores e críticos, apontam para algumas características das obras. Dentre os doze textos críticos encontrados, o jornal que mais focalizou as obras do autor foi o *Correio do Povo,* com oito textos avaliativos, seguido do *Diário de Notícias,* com duas avaliações e a *Revista do Globo* e *Boletim de Ariel,* com uma avaliação cada um.

[200] LEIRIA, J. O. Nogueira. Prosa com Blau Nunes. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 16 abr. 1965.

A maior parte dos textos que avaliam a obra do poeta foram escritos por gaúchos vinculados a jornais do Rio Grande do Sul, como *Correio do Povo, Diário de Notícias, Revista do Globo,* sendo apenas um, *Boletim de Ariel,* do Rio de Janeiro. Assim, as obras de João Otávio tiveram destaque no cenário sulino, não sendo propagadas em outros Estados, o que fez com que o poeta não ficasse conhecido no restante do País.

Das duas obras, a que recebeu mais estudos foi *Campos de areia,* com oito avaliações que apontam para características como a originalidade e a sensibilidade com que o poeta compôs os seus versos, influenciados pela Semana da Arte Moderna. *Rincões perdidos* teve sete estudos que apontam para a subjetividade e dualidade da obra, além de muitos estudiosos destacarem a forma com o poeta compôs os versos, sendo a maior parte deles sonetos. Além de apontar as características literárias do poeta, por meio dos textos que formam o conjunto "Fortuna crítica", evidenciou-se uma característica pessoal João Otávio Nogueira Leiria: a humildade.

Dentre os doze textos críticos encontrados, o jornal que mais focalizou a obra do autor foi o *Correio do Povo,* de Porto Alegre, com seis textos que tratam desse assunto, seguido do *Diário de Notícias,* também de Porto Alegre, com duas avaliações e a *Revista do Globo* e o *Boletim de Ariel,* do Rio de Janeiro, com apenas uma avaliação.

Reler os acervos é trazer à tona vozes esquecidas, deslocando visões consagradas pela historiografia literária, redimensionado o que já está fixado e recuperando aqueles que ficaram à margem do cânone literário brasileiro.

Descrever e apresentar o acervo literário não significa apenas pôr em relevo o espólio do escritor, mas juntar e reorganizar as "peças", formadas por documentos históricos e literários, constituindo novas descobertas. Os materiais produzidos por João Otávio Nogueira Leiria e em torno dele, relativos à sua vida privada e artístico-cultural, constituem uma fonte de informação inesgotável, que apontam para novas reflexões sobre a história e a cultura do povo sulino.

Dessa forma, juntam-se as peças do quebra-cabeça e uma imagem se forma, realçando os principais traços literários e humanos do escritor. A configuração do

homem, poeta e jornalista Nogueira Leiria pode ser depreendida a partir dos documentos encontrados no seu acervo. Através do seu espólio, recupera-se também parte da memória histórica e cultural identitária do povo sulino. A partir do estudo realizado no acervo do escritor, verifica-se que o trabalho com fontes documentais apresenta-se fecundo a descobertas e recupera escritores e aspectos da história e da cultura sulina.

Os acervos são os guardiões do passado, revelando as principais transformações literárias e sociais através de documentos que portam testemunhos críticos de um determinado tempo, que permite a atualização da vida e das produções do autor.

João Otávio Nogueira Leiria parece ter intuído o papel dos arquivos para preservar a memória do escritor, que revela características da sua produção e do contexto social e cultural em que estava inserido. Segundo ele, a sua escrita sempre teve algum sentido,

> (...) eu não estaria a escrever sobre coisas, pessoas e fatos que ainda estão tão vivos, porque vêm andando comigo. – Assumiram essa feição de sentimentos revigorados pelo atrito do tempo, pouco importando que eu queira ou não cultivá-los, exprimi-los ou deixá-los sem voz. Vivem por si, para mim, só por isso terão de valer.[201]

[201] LEIRIA, J. O. Nogueira. Hospitalidade gaúcha. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 10 ag. 1952.

REFERÊNCIAS

SOBRE A TEORIA

SOUSA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Org). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê, 2003.

DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Correio do Povo:* história e memórias. Passo Fundo: EDIUPF, 1997.

GAMA, Albertina Ribeiro da; TELLES, Célia Marques; ALVES, Ivia Iracema Duarte. *Memória cultural e edições.* Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000.

PUBLICAÇÕES DE JOÃO OTÁVIO NOGUEIRA LEIRIA

Obras:

LEIRIA, João Otávio Nogueira. *Campos de areia:* poemas gaúchos. Porto Alegre: Globo, 1932.

LEIRIA, João Otávio Nogueira. *Rincões perdidos:* poesias. Porto Alegre: Sulina, 1968.

Artigos em jornais:

LEIRIA, J. O. Nogueira. “Antônio Chimango” e “Martin Fierro”. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 12 de jun. 1957.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Cadernos do extremo sul*. Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 17 maio 1956.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Campo fora. *Correio do Povo,* Porto Alegre, [s. p.], 2 jun. 1935.

LEIRIA, J. O. Nogueira. De Coração verde a Preto & Branco*. Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 21 set. 1956.

LEIRIA, J. O. Nogueira. De volta à cidade. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 27 mar. 1950.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Dois vôos de Alcides Maya. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 17 jan. 1949.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Erico Verissimo, neto de tropeiro. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 16 dez. 1955.

LEIRIA, J. O. Fim de semana. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 10 dez. 1955.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Hospitalidade gaúcha. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 10 ag. 1952.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Humoristas gaúchos. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 11 out. 1956.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Inhanduí. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 20 abr. 1958.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Mensagem de ano novo. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 27 jan. 1961.

LEIRIA, J. O. Nogueira. O companheiro perfeito. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 29 mar. 1959.

LEIRIA, J. O. Nogueira. O vocabulário de *Ruínas vivas*. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 3 abr. 1956.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Picada do padre. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 15 maio 1959.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Prosa com Blau Nunes. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 16 abr. 1965.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Prosa com Blau Nunes II. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 23 abr. 1965.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Quixote crioulo. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 13 abr. 1956.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Rodeio das casas. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 28 nov. 1958.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Uma figura do pago. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 6 nov. 1952.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Um clássico do regionalismo. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 30 set. 1956.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Um personagem de *Estrada nova*. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 6 maio 1956.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Valdomiro Souza: cantor do pago. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 18 nov. 1951.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Volta aos penates. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 12 jun. 1959.

LEIRIA, J. O. Nogueira. Zeferino Brasil. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 4, 6 out. 1942.

FORTUNA CRÍTICA

Artigos em jornais e revistas:

AZEVEDO, Olmiro. Dois poetas dois estilos. *Correio do Povo,* Porto Alegre, [s. p.], 19 jul. 1969.

CARRAZONI, André. J. O. Nogueira Leiria: Campos de Areia. *Revista do Globo,* Porto Alegre: n. 13, 2 jul. 1932.

FAGUNDES, Antonio Augusto da Silva. Nogueira Leiria. *Diário de Notícias.* Porto Alegre, [s. p.], 26 maio 1956.

GIUDICE, Manlio. Um poeta campeiro. *Boletim de Ariel,* Rio de Janeiro, [s. p.], p. 10, jul. de 1932.

LAYTANO, Dante de. Vida literária: o movimento intelectual e a Livraria do Globo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, [s. p.], 10 jul. 1932.

MARTINS, Cyro. O poeta J. O. Nogueira Leiria. *Correio do Povo,* Porto Alegre, [s. p.], 27 maio 1972.

MARTINS, Salgado. Rincões perdidos. *Correio do Povo,* Porto Alegre, [s. p.], 19 out. 1968.

MEYER, Augusto. Campos de areia. *Correio do Povo,* Porto Alegre, [s. p.], 28 de abril de 1948.

RAMIREZ, Hugo. J. O. Nogueira Leiria e seu paraíso perdido. *Diário de Notícias.* Porto Alegre, [s. p.], 3 ag. 1975.

VERGARA, Pedro. A poesia de Nogueira Leiria Rincões perdidos. *Correio do Povo,* Porto Alegre, [s. p.], 15 fev. 1969.

VERGARA, Pedro. A poesia de Nogueira Leiria: Rincões perdidos II. *Correio do Povo,* Porto Alegre, [s. p.], 2 de fev. 1969.

VERGARA, Pedro. A poesia de Nogueira Leiria: Rincões perdidos III. *Correio do Povo,* Porto Alegre, [s. p.], 1 mar. 1969.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

Dicionários:

BRASIL, Luiz Antonio de Assis; MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina. *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Novo Século, 1999.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: UFRGS, DAC/SECRS, 1978.

VILLAS-BOAS, Pedro. *Bibliografia sul-rio-grandense:* autores. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974.

Obras:

CASTRO, Celso. *Pesquisando em arquivos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MASINA, Lea; APPEL, Myrna Bier. *A geração de 30 no Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: UFRGS, 2000.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira*: pontos de partida para uma revisão histórica. São Paulo: Ática, 1994.

PINTO, Aureliano de Figueiredo Pinto. *Romances de estância e querência.* Porto Alegre: Globo, 1959.

SCHÜLER, Donaldo. *Poesia modernista no Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Movimento, 1982.

Periódicos:

MOREIRA, Maria Eunice (Org.). História da Literatura em questão. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, set. 2004.

Revista PUCRS Informação, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica no Rio Grande do Sul, julho - agosto, 2008.

Teses e Dissertações:

BRAGA, Maria Alice da Silva. *Manoelito de Ornellas:* um esboço do escritor. 2000. 124 p. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

SOSA, Derocina Alves Campos. *A história política do Brasil (1930-1946) sob a ótica da imprensa gaúcha.* 2005. 202 f. Tese (Doutorado em História), Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ANEXOS

ANEXO A

CRONOGRAMA DA VIDA E DA OBRA DE JOÃO OTÁVIO NOGUEIRA LEIRIA

1908 Nasce, em São Francisco de Assis, João Otávio Nogueira Leiria, filho do casal Lodônio Nogueira Leiria e Isolete Nogueira Leiria, uma família tradicional de estancieiros.

1913 Morre de tuberculose a mãe de Nogueira Leiria, Isolete Nogueira Leiria, trauma que o marcou durante toda a vida.

1919 Vai estudar, aos onze anos de idade, em Porto Alegre, onde frequenta o chamado Ginásio no Colégio Júlio de Castilhos, passando a morar com a tia materna, Izolina Nogueira Leira.

1929-1930 Nogueira Leiria muda-se para uma pensão, passando a conviver com os estudantes Cyro Martins, Aureliano de Figueiredo Pinto, Mário Martins, José Salgado Martins, Alberto Severo, Manoelito de Ornellas, Lila Ripoll, fazendo parte da geração romântica dos jovens poetas e escritores.

1932 João Otávio Nogueira Leiria publica o seu primeiro livro, *Campos de areia,* pela Editora do Globo, de Porto Alegre. Nessa obra, canta a revolta pela guerra a sua vivência no meio rural sulino.

1933 Volta a morar na sua cidade natal, São Francisco de Assis. Casa-se com Marina Constança Cézar Barradas e passa a exercer o cargo administrativo de Secretário do Município de São Francisco de Assis.

1934 Nasce Maria Leta Barradas Leiria, a primeira filha de João Otávio.

1936 Nasce o seu segundo filho, Reinaldo Barradas Leiria.

1938 Muda-se novamente para Porto Alegre, hospedando-se com a família na casa da tia paterna, Diva Nogueira Oliveira, a quem sempre foi muito ligado.

1939 É nomeado Inspetor Federal de Ensino pelo Ministério da

Educação.

1940 Forma-se em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É nomeado Procurador Fiscal do Estado do Rio Grande do Sul. Concomitante à carreira de procurador, no mesmo ano, ingressa na Companhia Jornalística Caldas Júnior, designado inicialmente à função de repórter, passando ao cargo de redator. Passa a publicar os artigos na quarta página do *Correio do Povo,* sob a assinatura de J. O. Nogueira Leiria. Nesses textos, trata principalmente de temáticas voltadas à literatura e às suas memórias.

1941 Muda-se com a familia para um apartamento no Bairro Menino Deus. Nasce Paulo Roberto Barradas Leiria, o terceiro filho de Nogueira Leiria.

1942 Nasce Luiz Carlos Barradas Leiria, o seu quarto filho. Deslocam-se para um apartamento no centro da cidade. Nesse mesmo ano, na cidade de São Francisco de Assis, morre o pai do escritor, Lodônio Nogueira Leiria.

1943 Nasce João Otávio Nogueira Leiria Filho, o seu último filho.

1950 Arrisca-se na carreira política, candidatando-se a Deputado Estadual, pela União Democrática Nacional (UDN), mas o número de votos não é suficiente para a sua eleição.

1967 Nogueira Leiria passa a dirigir a Procuradoria Fiscal do Estado do Rio Grande do Sul, cargo ocupado até a sua aposentadoria.

1968 Publica *Rincões perdidos,* pela Livraria Sulina Editora, de Porto Alegre, lançado a obra na XIV Feira do Livro de Porto Alegre. Em *Rincões perdidos*, Nogueira Leiria retoma a temática campeira através de suas poesias, com a predominância dos sonetos, pelos quais descreve os principais momentos vividos por ele, bem como as suas lembranças, os costumes e as lendas advindas do espaço rural gaúcho.

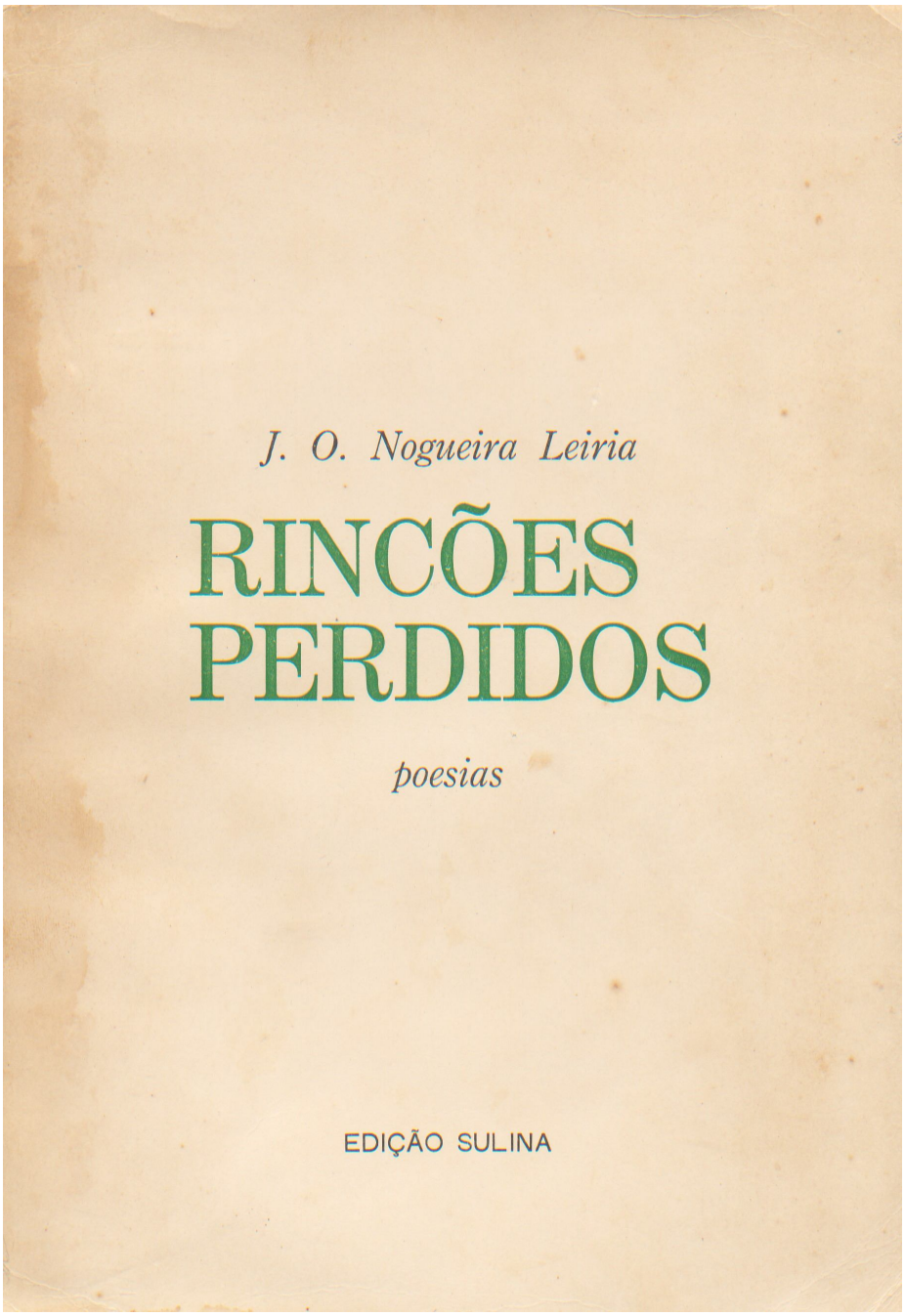
1971 Nogueira Leiria passa por uma intervenção cirúrgica, ficando

internado durante seis meses no Hospital Ernesto Dornelles, em Porto Alegre.

1972 Morre João Otávio Nogueira Leiria. Nesse mesmo ano, é publicada a tradução, do Espanhol para o Português, da obra *Martin Fierro,* a qual o escritor levou cerca de vinte anos.

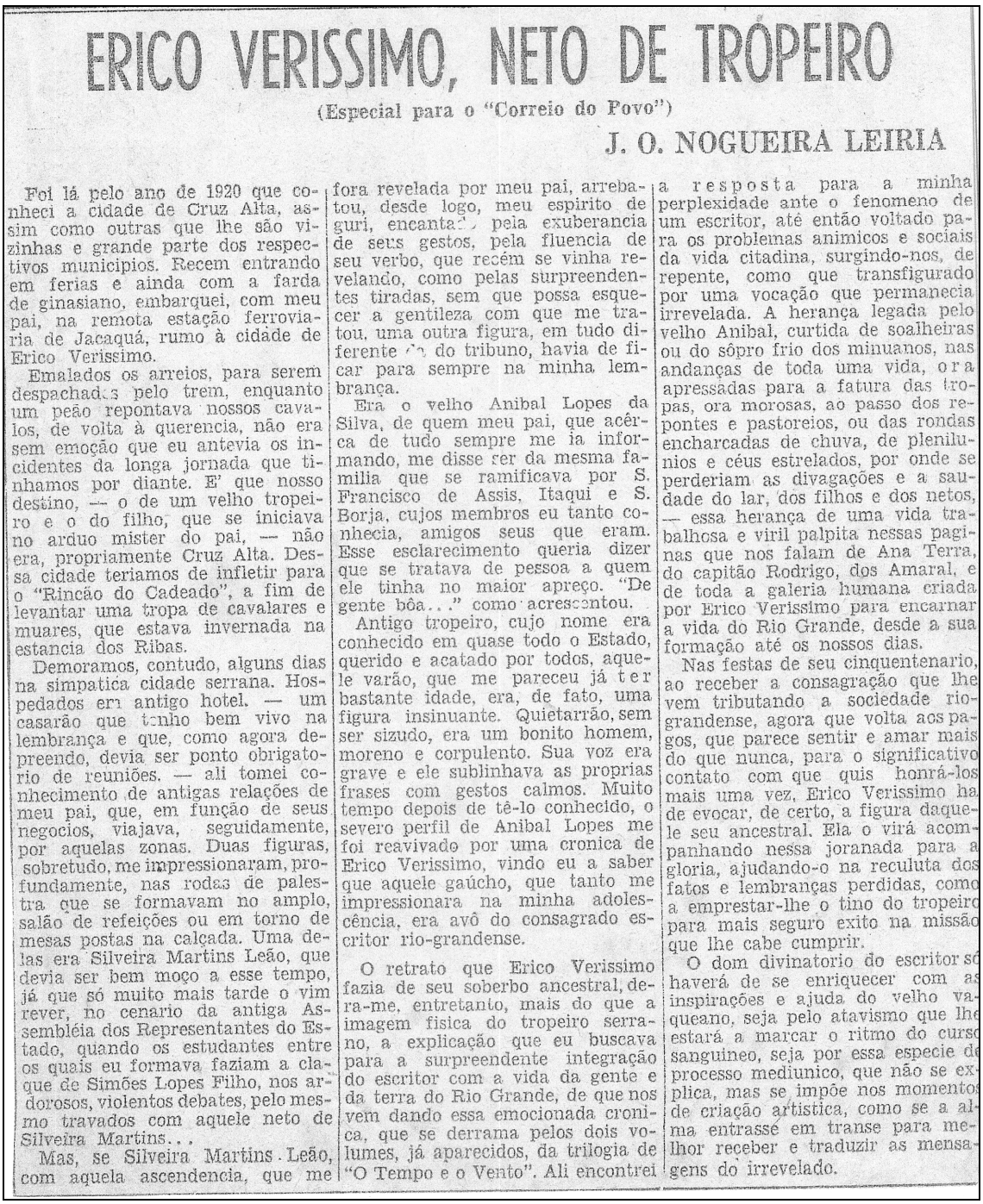
ANEXO B

Comprovantes de edição


J. O. Nogueira Leiria
RINCÕES PERDIDOS
poesias
EDIÇÃO SULINA

ANEXO C

Publicações na imprensa



ERICO VERISSIMO, NETO DE TROPEIRO

(Especial para o "Correio do Povo")

J. O. NOGUEIRA LEIRIA

Foi lá pelo ano de 1920 que conheci a cidade de Cruz Alta, assim como outras que lhe são vizinhas e grande parte dos respectivos municipios. Recem entrando em ferias e ainda com a farda de ginasiano, embarquei, com meu pai, na remota estação ferroviaria de Jacaquá, rumo à cidade de Erico Verissimo.

Emalados os arreios, para serem despachados pelo trem, enquanto um peão repontava nossos cavalos, de volta à querencia, não era sem emoção que eu antevia os incidentes da longa jornada que tinhamos por diante. E' que nosso destino, — o de um velho tropeiro e o do filho, que se iniciava no arduo mister do pai, — não era, propriamente Cruz Alta. Dessa cidade teriamos de infletir para o "Rincão do Cadeado", a fim de levantar uma tropa de cavalares e muares, que estava invernada na estancia dos Ribas.

Demoramos, contudo, alguns dias na simpatica cidade serrana. Hospedados em antigo hotel. — um casarão que tenho bem vivo na lembrança e que, como agora depreendo, devia ser ponto obrigatorio de reuniões. — ali tomei conhecimento de antigas relações de meu pai, que, em função de seus negocios, viajava, seguidamente, por aquelas zonas. Duas figuras, sobretudo, me impressionaram, profundamente, nas rodas de palestra que se formavam no amplo, salão de refeições ou em torno de mesas postas na calçada. Uma delas era Silveira Martins Leão, que devia ser bem moço a esse tempo, já que só muito mais tarde o vim rever, no cenario da antiga Assembléia dos Representantes do Estado, quando os estudantes entre os quais eu formava faziam a claque de Simões Lopes Filho, nos ardorosos, violentos debates, pelo mesmo travados com aquele neto de Silveira Martins...

Mas, se Silveira Martins Leão, com aquela ascendencia, que me fora revelada por meu pai, arrebatou, desde logo, meu espirito de guri, encantado pela exuberancia de seus gestos, pela fluencia de seu verbo, que recém se vinha revelando, como pelas surpreendentes tiradas, sem que possa esquecer a gentileza com que me tratou, uma outra figura, em tudo diferente da do tribuno, havia de ficar para sempre na minha lembrança.

Era o velho Anibal Lopes da Silva, de quem meu pai, que acêrca de tudo sempre me ia informando, me disse ser da mesma familia que se ramificava por S. Francisco de Assis, Itaqui e S. Borja, cujos membros eu tanto conhecia, amigos seus que eram. Esse esclarecimento queria dizer que se tratava de pessoa a quem ele tinha no maior apreço. "De gente bôa..." como acrescentou.

Antigo tropeiro, cujo nome era conhecido em quase todo o Estado, querido e acatado por todos, aquele varão, que me pareceu já ter bastante idade, era, de fato, uma figura insinuante. Quietarrão, sem ser sizudo, era um bonito homem, moreno e corpulento. Sua voz era grave e ele sublinhava as proprias frases com gestos calmos. Muito tempo depois de tê-lo conhecido, o severo perfil de Anibal Lopes me foi reavivado por uma cronica de Erico Verissimo, vindo eu a saber que aquele gaúcho, que tanto me impressionara na minha adolescência, era avô do consagrado escritor rio-grandense.

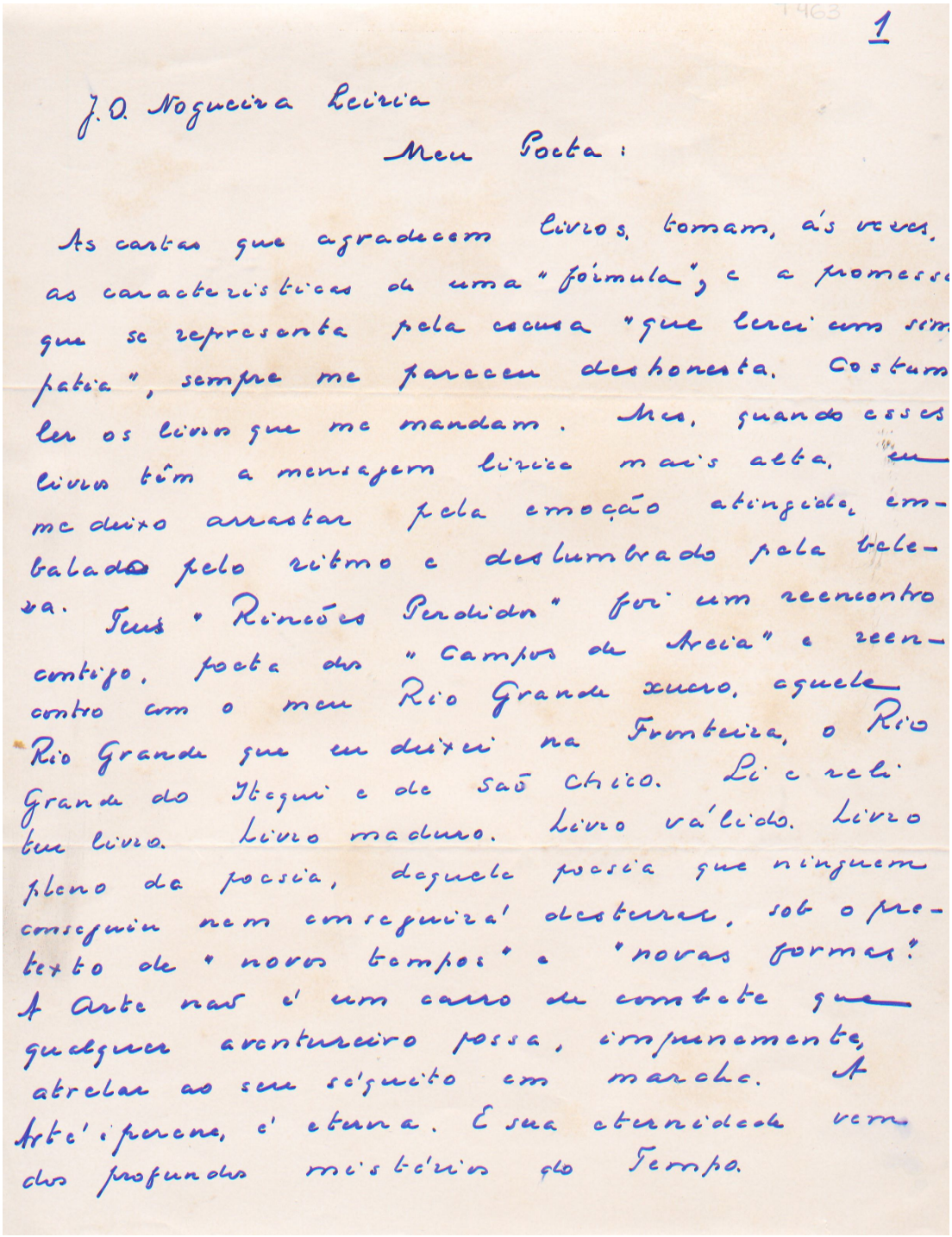
O retrato que Erico Verissimo fazia de seu soberbo ancestral, dera-me, entretanto, mais do que a imagem fisica do tropeiro serrano, a explicação que eu buscava para a surpreendente integração do escritor com a vida da gente e da terra do Rio Grande, de que nos vem dando essa emocionada cronica, que se derrama pelos dois volumes, já aparecidos, da trilogia de "O Tempo e o Vento". Ali encontrei a resposta para a minha perplexidade ante o fenomeno de um escritor, até então voltado para os problemas animicos e sociais da vida citadina, surgindo-nos, de repente, como que transfigurado por uma vocação que permanecia irrevelada. A herança legada pelo velho Anibal, curtida de soalheiras ou do sôpro frio dos minuanos, nas andanças de toda uma vida, ora apressadas para a fatura das tropas, ora morosas, ao passo dos repontes e pastoreios, ou das rondas encharcadas de chuva, de plenilunios e céus estrelados, por onde se perderiam as divagações e a saudade do lar, dos filhos e dos netos, — essa herança de uma vida trabalhosa e viril palpita nessas paginas que nos falam de Ana Terra, do capitão Rodrigo, dos Amaral, e de toda a galeria humana criada por Erico Verissimo para encarnar a vida do Rio Grande, desde a sua formação até os nossos dias.

Nas festas de seu cinquentenario, ao receber a consagração que lhe vem tributando a sociedade rio-grandense, agora que volta aos pagos, que parece sentir e amar mais do que nunca, para o significativo contato com que quis honrá-los mais uma vez, Erico Verissimo ha de evocar, de certo, a figura daquele seu ancestral. Ela o virá acompanhando nessa joranada para a gloria, ajudando-o na reculuta dos fatos e lembranças perdidas, como a emprestar-lhe o tino do tropeiro para mais seguro exito na missão que lhe cabe cumprir.

O dom divinatorio do escritor só haverá de se enriquecer com as inspirações e ajuda do velho vaqueano, seja pelo atavismo que lhe estará a marcar o ritmo do curso sanguineo, seja por essa especie de processo mediunico, que não se explica, mas se impõe nos momentos de criação artistica, como se a alma entrasse em transe para melhor receber e traduzir as mensagens do irrevelado.

ANEXO D

Correspondência



1

J. O. Nogueira Leiria

Meu Poeta:

As cartas que agradecem livros, tomam, ás vezes, as características de uma "fórmula", e a promessa que se representa pela escusa "que lerei com simpatia", sempre me parecem desonesta. Costumo ler os livros que me mandam. Mas, quando esses livros têm a mensagem lírica mais alta, eu me deixo arrastar pela emoção atingida, embalado pelo ritmo e deslumbrado pela beleza. Teus "Rincões Perdidos" foi um reencontro contigo, poeta dos "Campos de Areia" e reencontro com o meu Rio Grande xucro, aquele Rio Grande que eu deixei na Fronteira, o Rio Grande do Uruguai e de São Chico. Li e reli teu livro. Livro maduro. Livro valioso. Livro pleno de poesia, daquela poesia que ninguem conseguiu nem conseguirá destruir, sob o pretexto de "novos tempos" e "novas formas". A Arte não é um carro de combate que qualquer aventureiro possa, impunemente, atrelar ao seu séquito em marcha. A Arte é perene, é eterna. E sua eternidade vem dos profundos mistérios do Tempo.

12

Tua poesia é tocada pelo que de mais en-
tranhavel traz o homem na sua alma.
Tua poesia é minha. Pelo que exijo da poe-
sia e pelo que me toca, da terra comum e
das raizes da raça. Nossos pagos. Nosso
chaõ, nosso Ceu! Onde, em que quadrante
da orbe, outros iguais! Teu gaucho é o
meu, "vincado de profundo traço mouro".
Teus heróis invocados – aqueles que tam-
bem me atingiram, no culto devocional:

"Tuxaua de sangue ardente
e cavaleiro cristão,
caudilho de Deus temente,
levita de Reducaõ,
– a cruz e a lança fremente
foram, indistintamente,
teus numes de devoçaõ ..."

Nosso Tiarajú y nosso, Nogueira Leiria, como
o próprio chão que pisamos, como a agua
de fonte, que bebemos na folha do inhame,
prateada, no fundo, como se a Lua
derramasse ali a doce ternura de sua
luz macia. Teu livro tem a alma –

3

do Rio Grande, taõ palpitante de verdade, que ao abri-lo e fechá-lo, faço-o com o cuidado maior, para naõ feri-lo na epiderme,

"pois é no teu sangue que se embebe a rima,
para que a estrofe contra êle esgrima
com a altanaria de uma adaga nua!"

Tambem, como tu, estou

"Integrado no meu chaõ,
dêle sei todo accidente.
Trago a imagem do rincaõ
como feito a ferro quente.

Marcado fui, na verdade,
marcado pelo destino.
Naõ traio a fidelidade
ao meu mundo de menino."

Verás, na "Terra Xucra" – o mesmo protesto de amor. E agora, Poeta, o abraço grande – grande como a tua Poesia, do velho Irmão de Querência

Manoelito de Ornellas.

10/10/68

ANEXO E

Fortuna crítica

Um Poeta Campeiro

J. O. Nogueira Leiria — CAMPOS DE AREIA — *Livraria do Globo* — Porto Alegre, 1932.

Nem mesmo a horrivel edição da livraria do Globo esconde a belleza desse livro.

J. O. Nogueira Leiria é um cantor de extranha exuberancia. Creador de estados d'alma, poeta no sentido original da palavra (do grego *poiein*: crear), confidente da natureza mais parece uma das suas *forças elementares*.

Lendo-o transportamo-nos aos pagos e vêmol-os retratados pela singular objectiva desse artista dotado de excepcional capacidade de selecção e bom gosto.

Ha medida e proporção nos poemas, instincto psychologico, habil utilização dos motivos, avareza no emprego dos termos creoulos.

Accrescentem a tudo isso ternura vegetal, analyse penetrante do humano, comprehensão intima das cousas e da gente rio-grandenses e terão formado a individualidade do mais pessoal e moderno dos nossos poetas campeiros.

A sensibilidade do cantor illumina a face do seu mundo, onde surgem reflectidos em bizarro kaleidoscopio: a planicie, a cochilha, a lagôa, o matto espesso, toda a paizagem da querencia, pobre e monotona para olhos indifferentes, mas cochichando inexgotaveis segredos ao artista.

O poema *Tirana* descreve, em traços rapidos, uma *china* bailando enlouquecida pela cordeona. Em derredor os gauchos a contemplam, mostrando, nas physionomias rusticas, a marca animal do desejo. Mas na alma do poeta "luta a força de todos os rythmos heroicos".

Tem muita côr local a descripção do *Bolicho* num Domingo. A peonada vem beber. Ha muita alegria. Lenços colorados adornam os pescoços. Beber, insinua o po ta, desprezando superiormente conceitos moralistas, to na a gente melhor; pensa como Ferrero: "o alcool ab uma janella para o infinito". O *Bolicho*, elle o defin "coração cheio de barbaros impulsos".

Cinamomo revela o enamorado da forma vegetal. feitura do poema é simples: uma arvore frondosa enc bre com a ramaria o firmamento para, não sem vaidad exhibir as estrellas desenhadas nas suas folhas. No chã esparrama-se a sombra, a quietude — aspiração de mu tos heroes sem nome.

Negro é uma creação admiravel. Trata-se de u preto atrevido, alegre "como um sol de Março". Aquel atrevimento e alegria têm uma explicação freudiana: negro é amado por uma mulher branca.

*
* *

Daniel Rops, estudando as causas da inquietaçã contemporanea, mostra a humanidade dominada pel mythos do dinheiro, do conforto, do progresso e da v locidade.

Não ha, pois, mais logar para a tristeza que entib o homem, impossibilitando-o de tomar parte na luta da winiana dos mais aptos. Não ha mais logar para o m tho do sonho preferido pelos antepassados contempl tivos.

Ainda assim a obra de Nogueira, ajudando a dem lir, mercê do seu modernismo, a *bastilha das rimas*, pel sua alegria, harmonia e força constitue um microcosm incendiado, donde todos os que quizerem atiçar dentr de si sentimentos sadios e vigorosos poderão arrancar l baredas.

Manlio Giudice.

CURRICULUM VITAE

Cibele Beirith Figueiredo Freitas

Dados Pessoais

Endereço residencial Rua José do Patrocínio, 281, ap. 202
Cidade Baixa - Porto Alegre
90050-001, RS - Brasil
Telefone: 51-9652-1417
Endereço eletrônico cibelifreitas@yahoo.com.br

Formação Acadêmica/Titulação

2008 - 2010 Mestrado em Teoria da Literatura. Conclusão: janeiro de 2010.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil
Título da dissertação: O Acervo de João Otávio Nogueira Leiria
Orientadora: Maria Eunice Moreira
Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

2003 - 2007 Graduação em Letras: Língua Portuguesa e Literatura.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil
Título TCC: O espaço ficcional em *Uma Terra Só*, de Aldyr Garcia Schlle
Orientadora: Maria Eunice Moreira
Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Formação complementar

2009 – **2009** Seminário Livre de Literatura: o fantástico na literatura brasileira contemporânea, PUCRS, Brasil

2009 – 2009 Curso de curta duração: O fio da palavra.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil

2006 – 2006 Curso de curta duração: Textualidades contemporâneas.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil

2007 – 2007 Curso de curta duração: Figuras da Ficção.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil

2008 – 2008 Curso de curta duração: Problemas de la cultura latinoamericana.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil

2008 – 2008 Curso de curta duração: Criação literária e criação institucional.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil

---

Atuação profissional

1. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

Vínculo institucional

2008 - Atual Vínculo: livre. Enquadramento funcional: Bolsista de Mestrado. Carga horária: 12.

2. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Atividades

2008 - Atual Projetos de pesquisa, Faculdade de Letras.
Participação em projetos:
Literatura, linguagens e ensino.

2008 - Atual Projetos de pesquisa, Faculdade de Letras.
Participação em projetos:
Literatura, memória e história: representações literárias regionais.

3. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

---

Vínculo institucional

2004 - 2007 Vínculo: Bolsista. Enquadramento funcional: Bolsista de Iniciação Científica. Carga horária: 12.

4. Centro de Integração Empresa Escola - CIEE

Vínculo institucional

2006 - 2007 Vínculo: Professora Alfabetizadora do Programa de Alfabetização de Adultos. Enquadramento funcional: Estagiária. Carga horária: 12.

Projetos

2008 - Atual Literatura, memória e história: representações literárias regionais.
Descrição: Estabelecimento de diálogos teórico-críticos entre pesquisadores de espaços culturais diferenciados, através da realização de investigação conjunta, que desencadeie novas perspectivas teóricas e práticas de pesquisas, enfocando as diversidades culturais das duas regiões envolvidas. Maria Eunice Moreira (Coordenadora).
Situação: em Andamento.

2008 - Atual Literatura, linguagens e ensino.
Descrição: 1.Produção de resenhas críticas de obras teóricas sobre temas relacionados ao ensino da literatura na contemporaneidade. 2. Apresentação dos resultados obtidos na pesquisa teórica em encontros com alunos de ensino médio sobre obras literárias numa

perspectiva multicultural. 3. Apresentação dos resultados obtidos na pesquisa teórica em encontros com professores de literatura sobre o ensino da literatura por meio de projetos. 4. Formação de grupo de estudos de professores de literatura, com sessões sistemáticas de planejamento de projetos de ensino a serem desenvolvidos em escolas e orientados pelo coordenador deste Grupo de Pesquisa. 5. Organização de grupo de contadores de histórias da faculdade que atuam em escolas e locais ligados à difusão da cultura. Maria Tereza Amodeo (Coordenadora).
Situação: em Andamento.

Prêmios e títulos

2007 Troféu São Marcelino Champagnat, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

Produção bibliográfica

Trabalhos publicados em anais de eventos

1. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
A fortuna crítica de Cyro Martins encontrada na *Revista Província de São Pedro*. In: XXV Seminário Brasileiro de Crítica Literária, 2007, Porto Alegre.
Anais do XXV Seminário Brasileiro de Crítica Literária. Porto Alegre: Faculdade de Letras da PUCRS, 2007.

2. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
O espaço campesino em In: VI Semana de Letras, 2006, Porto Alegre.
Anais da VI Semana de Letras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

3. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
O espaço urbano na obra de Aldyr Garcia Schlee In: XXIV Seminário Brasileiro de Crítica Literária, 2006, Porto Alegre.
Anais do XXIV Seminário Brasileiro de Crítica Literária Porto Alegre: Faculdade de Letras da PUCRS, 2006.

Trabalhos publicados em anais de eventos

1. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
Uma história da literatura: autores brasileiros em acervos portugueses In: VII Salão de Iniciação Científica, 2006, Porto Alegre.
Anais do VII Salão de Iniciação Científica.

Artigos publicados em revistas

1. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
A fenomenologia de Roman Ingarden aplicada no poema *Eras Bela*, de Sophia Andresen. Revista Palpitar: literatura e cultura. http://www.palpitar.com.br/ind, 2008.

2. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
A representação da mulher através das personagens da obra *Ciranda de Pedra*. Revista Palpitar: literatura e cultura. http://www.palpitar.com.br/ind, 2008.

Apresentação de Trabalhos

1. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
***Brasileiras célebres*: a presença das mulheres na literatura brasileira,** 2009. (Comunicação no

VIII Seminário Internacional da História da Literatura).

2. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
A poesia de *Campos de areia*, de João Otávio Nogueira Leiria, 2009. (Comunicação na IX Semana de Letras: "Cultura e diferença").

3. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
O sentido das palavras, 2008. (Conferência ministrada no Centro de Integração Empresa Escola - CIEE).

4. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
Atualização Gramatical, 2007. (Conferência ministrada no Centro de Integração Empresa Escola - CIEE).

5. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
Linguagens e Linguagens, 2007. (Conferência ministrada no Centro de Integração Empresa Escola - CIEE).

6 FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
O estudo do espaço fronteiriço na obra *Uma terra só*, de Aldyr Garcia Schlee, 2006. (Conferência ministrada no Projeto Multidisciplinar Itinerante - Pampa na Universidade).

5. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
A representação da mulher na literatura brasileira, 2008. (Comunicação na VIII Semana de Letras: "Globalização cultural através das letras").

6. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
O espaço e as suas relações em *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*, de Rubem Fonseca, 2008. (Comunicação no XXVI Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXV Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul).

7. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
A fortuna crítica de Cyro Martins encontrada na Revista Província de São Pedro, 2007. (Comunicação no XXV Seminário Brasileiro de Crítica Literária).

8. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
O espaço campesino em *Uma terra só*, 2006. (Comunicação no VI Semana de Letras).

9. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
O espaço urbano na obra de Aldyr Garcia Schlee, 2006. (Comunicação no XXIV Seminário Brasileiro de Crítica Literária).

10. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
Uma história da literatura: autores brasileiros em acervos portugueses, 2006. (Comunicação no VII Salão de Iniciação Científica).

Produção Técnica

Demais produções técnicas

1. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo, et al.
Minicurso Literatura, Memória e História, 2008.

Eventos

Participação em eventos

1. **VIII Seminário Internacional de História e Literatura,** 2009.
2. **Ciclo de Palestras Pensamento Francês e Cultura Brasileira,** 2009.
3. **II Jornadas de Crítica Genética**, 2009.
4. **IX Semana de Letras da PUCRS,** 2009.
5. **Jornadas Internacionais de Crítica Genética: O que é criar? Rascunhos, Manuscritos, Esboços, Maquetes**, 2009.
6. **Aula Inaugural - Relações culturais e literárias entre França e Brasil**, 2009.
7. **Acordo Ortográfico: questões para além da escrita**, 2009.
8. **I Jornada de Literatura e Imaginário**, 2009.
9. **Sarau dos Novos, ministrado por Ana Klein**, 2008.
10. **Sarau dos Novos, ministrado por Edson Roig Maciel**, 2008.
11. **Sarau dos Novos, ministrado por Ítalo Ogliari**, 2008.
12. **Sarau dos Novos, ministrado por Bernardo Moraes,** 2008.
13. **XXVI Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXV Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul**, 2008.
14. **Nova grafia do português. Qual é a sua dúvida?**, 2008.
15. **Cyro Martins - 100 anos: Múltiplas Leituras**, 2008.
16. **Aula Inaugural: "Cyro Martins - 100 anos: Múltiplas Leituras"**, 2008.
17. **VIII Semana de Letras: "A globalização cultural através das letras"**, 2008.
18. **Modernidade e Pós-Modernidade nas Literaturas Lusófonas**, 2008.
19. **I Colóquio Internacional - Relações Literárias Brasil Portugal**, 2008.
20. **Jornadas Internacionais de Crítica Genética: perspectivas ante a Era Digital**, 2008.
21. **Clássico do Semestre: "As margens da palavra em Guimarães Rosa"**, 2008.
22. **O que é? Narrativas de introspecção**, 2008.
23. **O que é? Narrativa**, 2008.
24. **O que é? Mito e literatura**, 2008.
25. **I Colóquio de linguística e literatura**, 2008.
26. **Alfabetizar: encantar o mundo pela palavra - práticas de leitura e escrita: didáticas possíveis**, 2007.
27. **Aula inaugural: "Perguntas sobre a memória"**, 2007.
28. **A imagem da língua portuguesa no discurso literário**, 2007.
29. **Jornada de qualificação de segunda área**, 2007.
30. **Alfabetizar: encantar o mundo pela palavra - curso prático de formação do leitor**, 2007.
31. **VII Semana de Letras**, 2007
32. **A reforma ortográfica em pauta**, 2007.
33. **XII Encontro Estadual de Redação no Vestibular**, 2007.
34. **XXIV Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul**, 2007.
35. **Curso de desinibição: "A arte de falar"**, 2007.
36. **Literatura é assim: ministrada pelo escritor Michel Laub**, 2007.
37. **VII Seminário Internacional de História da Literatura**, 2007.
38. **Seminário Nacional 20 anos sem Josué Guimarães**, 2006.
39. **As Letras e a Construção do Sujeito**, 2005.
40. **Travessias - Encontro de Atlânticos - Açores/Brasil**, 2005.
41. **V Fórum Social Mundial**, 2005.
42. **V Semana Acadêmica de Letras**, 2005.
43. **VI Seminário Internacional de História da Literatura**, 2005.
44. **XXII Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul**, 2005.
45. **XXIII Seminário Brasileiro de Crítica Literária**, 2005.
46. **Tópicos da Narratologia**, 2005. (Outra)
47. **Fórum Mundial de Educação**, 2004.
48. **I Seminário Internacional Ressignificando a Prática do Ensino de Línguas**, 2004.
49. **IV Semana de Letras: ler, dizer e fazer acontecer**, 2004.
50. **Fórum Mundial Social**, 2003.
51. **III Semana Acadêmica da Faculdade de Letras**, 2003.
52. **XX Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul: novos paradigmas nos estudos literários**, 2003.
53. **XXI Seminário Brasileiro de Crítica Literária**, 2003.

Organização de evento

1. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo; SILVA, Ângela Garcia dos Santos da; MANDAGARÁ, Pedro; SILVA, Daniela S.; WANGLON, Marcela Wanglon.
VII Seminário Internacional de História da Literatura, 2009.

2. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo; CUNHA, Jaqueline Rosa da; SILVA, Angelita S.
I Colóquio Internacional - Relações Literárias Brasil Portugal, 2008.

3. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo; SILVA, Angelita S.
Jornadas Internacionais de Crítica Genética: perspectivas ante a Era Digital, 2008.

4. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo; SILVA, Angelita; LAITANO, P.; GERMANN, A. R.
XXVI Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXV Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul, 2008.

5. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo; CUNHA, Jaqueline Rosa da; SILVA, D. S.
VII Seminário Internacional da História da Literatura, 2007.

6. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo; CUNHA, Jaqueline Rosa da; VARGAS, Camila
Curso Textualidades Contemporâneas, 2006.

7. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo, CUNHA, Jaqueline Rosa da; VARGAS, Camila
XXIII Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul, 2006.

8. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo; CUNHA, Jaqueline Rosa da; VARGAS, Camila
XXIV Seminário Brasileiro de Crítica Literária, 2006.

9. MARTINS, V. K., FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
Aquisição da linguagem de sinais, 2005.

10. MARTINS, V. K., FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
Encontro Internacional Clássicos para criança, 2005.

11. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo, SILVA, D. S., CUNHA, Jaqueline Rosa da.
VI Seminário Internacional de História da Literatura, 2005.

12. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo, MARTINS, V. K.
IV Semana de Letras da PUCRS, 2004.

13. FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo
III Semana de Letras da PUCRS, 2003.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo